



WUNSCH

Número 10, janeiro de 2011

SEGUNDO ENCONTRO
INTERNACIONAL DA ESCOLA
Roma, julho de 2010

Boletim internacional da
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo laciano

Editorial

Com este número de Wunsch, encerra-se a contribuição do primeiro Colegiado de Animação e Orientação da Escola (CAOE), durante o período 2008/2010. A eleição do novo CIG está concluída, a transferência dos documentos será feita em 23 de janeiro, por ocasião da reunião conjunta do CIG que inicia e daquele que termina. Doravante, os passes em andamento serão avaliados pelos novos cartéis 2010/2012.

Encontram-se neste número os trabalhos apresentados no Segundo Encontro internacional de Escola em Roma, em julho de 2010. Eles seguem a ordem em que foram apresentados, mantendo-se assim a configuração da jornada. O número se encerra com as três contribuições de membros dos cartéis do CIG 2008/2010 e, como de hábito, com as informações sobre os futuros eventos de nossa comunidade.

Neste momento de permutação, creio expressar o sentimento do conjunto dos meus colegas do CIG e do CAOE, destacando a satisfação que tivemos com a colaboração em comum, suas discussões animadas e seu ritmo bem sustentado ao longo dos dois anos, assim como com seus resultados. A Escola internacional, com as questões levantadas pelo passe, parece ter ganhado em presença e em consistência. O próximo CIG dará continuidade ao trabalho e isto já nos permite prever, para nossa Escola, um próspero 2011.

Colette Soler

Tradução: Vera Pollo

Programa do 2º Encontro internacional da Escola

- *9h30min – 11h Presidente: Antonio Quinet*

Pascale Leray, AE, França: “O real depois do passe” (“Le réel après la passe”)

Mario Brito, AE, Venezuela: “Passe o que passa” (“Pase lo que pase”)

Florencia Farias, cartel 3, Argentina: “Sonhos do analisante, sonhos do passante” (“Sueños Del analizante, sueños del pasante”)

- *11h15min – 12h45 Presidente: Maria Teresa Maiocchi*

Marcelo Mazzuca, AE, Argentina: “O Inconsciente revisor (Uma voz que se faz letra)” (“El inconsciente corrector (Una voz que se hace letra)”)

Patricia Dahan, AE, França: “O sem sentido da interpretação” (“Le pas de sens de l’interprétation”)

Colette Soler, cartel 1, França: “Colocar o real no seu lugar” (Mettre le réel à sa place)

- *14h45min - 16h15min Presidente: José Monseny*

Cora Aguerre, AE, Espanha: “Fim de análise, passe e Escola” (“Fin de análisis, Pase y Escuela”)

Elisabete Thamer, passadora, França: “O passe não-todo: a prova do passador” (“La passe pas-toute: l’épreuve du passeur”)

Michel Bousseyroux, cartel 2, França: “A rolha do real e desimpedimento da análise” (“Bouchon du réel et débouché de l’analyse”)

- *16h30min - 18h Présidente: Maria Eugenia Lisman*

Carmelo Sierra Lopez, passador, Espanha: “Tempo de experiência como passador e suas consequências” (“Tiempo de experiencia como pasador y sus consecuencias”)

Maria Luisa Rodriguez Sant’Ana, passadora, Brasil: Um saber sem sujeito suposto

Segundo Encontro internacional da Escola. Roma, julho 2010

Pascale LERAY (França)

O real depois do passe

Trata-se aqui de uma aproximação da questão do real após o passe, daquele que se autoriza como analista e que se encontra sob as consequências de sua experiência de passe. Para isto, pareceu-me essencial examinar o potencia desse real no tempo do fim, o que permite concluir o tratamento.

Trata-se aqui de interrogar o tempo depois do passe como crucial, e isto por diversas razões, em primeiro lugar, porque disto depende o fim do luto do objeto *a*. É o tempo em que se opera a separação do analista, tempo de um real que, após ter destituído o sujeito e feito des-ser seu analista, atinge o ser de gozo, fazendo-o inconsistente.

Este tempo do fim é crucial, porque põe também em jogo, nessa última sequência, os efeitos do desejo do analista que emergiu no passe. Estes efeitos trazem, como consequência, a destituição do sujeito naquilo que ela atinge seu ser, desta vez como ser de desejo, de acordo com a operação radical sobre seu ser de gozo.

Não é surpreendente que haja, então, no término de análise, alguns efeitos de afetos, no plural, ou poderia haver somente um, tal a diversidade que também opera sobre este aspecto no final. O que não reduz em nada a dimensão do novo afeto indicado por Lacan, em seu prefácio de 1976, como sendo a satisfação que, em sua particularidade, marca este final. Detenhamos-nos um instante para considerar o que faz justamente esta sua diferença.

Essa satisfação diz respeito ao novo ser de desejo, o de analista, e ela marca a separação de outras satisfações tidas durante os muitos anos de fala no dispositivo analítico. Nesse sentido, há, no ato de se apresentar ao passe, um deslocamento em ação em relação a estas satisfações, entre as quais se devem estabelecer distinções clínicas.

Eu me limitarei aqui a retomar, distinguindo-as, a satisfação do decifrado, obtida com o meio-dizer da verdade, uma satisfação relativa ao trabalho do significativo suscitado pelo sofrimento do sintoma e articulado ao sujeito suposto saber, e outra satisfação mais difícil de destacar, silenciosa, a da pulsão conectada à presença do analista como objeto, o qual será perdido ao término da análise.

A satisfação do fim que se experimenta como queda da miragem da verdade, da qual Lacan nos diz que só se pode esperar a mentira, é ligada à perda de gozo do objeto *a*. Mas esta satisfação que traz uma leveza que valeria se não atestasse, ao mesmo tempo, uma invenção singular que, por modesta que seja, é uma relação nova com o inconsciente, com este real produzido pela experiência do passe.

Além de miragem, a verdade não é, por essa razão, excluída, pois ela assume outro lugar no discurso do analista, onde marca o impossível que faz o estatuto do saber do analista ser interrogado para que ele possa avançar.

Esta invenção singular, como efeito do passe, é o fato reiterado de um saber sem sujeito, e a satisfação que o acompanha, desde então, não pode ser uma satisfação do sujeito, mesmo que o atinja, mas diríamos que, em seu fundamento, ela toca, sobretudo, o ser pulsional separado da demanda, e o que me faz avançar nisso é o efeito obtido ao final do tratamento, esta satisfação que canaliza definitivamente o resto da libido analisante por onde a transferência pode se resolver.

Este efeito pulsional toca o ser do novo analista e é tão imprevisível quanto o foi o clarão no passe clínico. Os dois contribuem para a dimensão crucial do ato que leva a análise a seu termo. O ato e o tempo são estreitamente ligados pelo que é do fim como finitude da análise.

A questão do real, assim situada, implica a do des-ser, que é necessária para que haja analista, o que volta a interrogar o passe, diz Lacan como “o momento de saber se, na destituição do sujeito, advém o desejo que permite ocupar o lugar do des-ser”.¹

O des-ser não se confunde com a destituição subjetiva do analisante, operação, entretanto, essencial, que faz passe e que faz do inconsciente este saber sem sujeito. Mas a queda do sujeito suposto saber, no momento em que é desvelado o ser de gozo do analisante, não é ainda o que permite a separação do analista, já que se produz uma separação do Outro do saber. Outra coisa é a separação do fim, um acontecimento que toca no assentimento do ser como des-ser, que muda ainda a relação do inconsciente com seu real.

O que se obtém ao se passar da falta-a-ser ao ser de falta, modifica as diferentes posições subjetivas do ser, o ser de desejo, o ser de saber e o ser de gozo. É frente a este ser de gozo que intervém a experiência do des-ser no tempo do fim, com a extração do objeto *a*, objeto causa como resto representável, que vem fazer do ser do analista nada além do que a ação de um des-ser.

Lacan interrogou essa experiência em inúmeras retomadas de seu ensino. Desde sua proposição de 1967, quando sustenta que “a paz não vem selar prontamente essa metamorfose em que o parceiro se esvaece, por já não ser mais do que o saber vão de um ser que se furta”.²

Para aquele que se autoriza por sua vez, há este passo a mais, aquele a partir do qual “ele sabe ser um rebotalho”,³ o que o faz supor ter efetuado uma operação perigosa, a de se defrontar com seu horror de saber e de ter cernido a causa como real.

¹ Lacan, J. Anexo 1: Primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” in *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p.581.

² Lacan, J. Proposição 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola in *Outros escritos*, op. cit., p.260.

³ Lacan, J. Nota italiana in *Outros escritos*, op. cit., p.313.

Em seu discurso à EFP, Lacan também distingue entre a destituição subjetiva do sujeito que faz “antes ser, singularmente e forte”⁴ e que “nada a ver com o des-ser cuja questão é saber como pode o passe enfrentá-lo”.⁵

O termo “enfrentar” assinala, parece-me, outro encontro com o real, pelo qual o passante pode ser tomado no curso do testemunho, porque o “ser singularmente e forte”, para ele, não o é a ponto de fazer obstáculo ao seu próprio des-ser. Este real atinge isso que não pode aqui tomar consistência, “a verdade deste saber”⁶ que o passante se tornou, e da qual há que se ter a medida. O des-ser, essa espécie de distância, esse “não há aqui ser”⁷ a se enfrentar no passe, não será finalmente isso pelo qual o *parlêtre se faz* resposta ao inconsciente real, manifestando-se como irreduzível, aí compreendidos os achados do tratamento, sobre os quais, no entanto, o passe se apóia?

Este seria o paradoxo: as pontas de saber, fazendo borda ao corte do passe, tocam o real com o simbólico, mas é para melhor realizar o incomensurável do real que escapa e não se atinge do que por fragmentos em meio a estas pequenas invenções languageiras.

Dizer assim as coisas situa a invenção que advém no tempo de concluir: um novo enlace da estrutura, lá onde o analista pode se fazer suporte do sujeito suposto saber, dando lugar a este ser sem essência que é o objeto *a* no lugar do real. O analista realiza isso quando se autoriza no passe? Isto é possível, então, nesse momento?

Parece-me que reside nisto toda a questão do tempo de se fazer do ser, des-ser, e não há nenhum caminho traçado para este *mise au point* do desejo do analista, senão este saber que se inventa sem que qualquer sujeito o saiba, mas que o deverá reconhecer, como o ultrapassando.

O tempo do final inventa uma solução sintomática que liga de outro modo à estrutura do parlêtre, desalojando o inconsciente real que não cessa de se manifestar como real impossível a se fixar pelo sintoma.

Esta solução, que faz nó do final, advém, no entanto, com o sintoma e seu real reduzido, mas isso não é sem um dizer que nomeia e uma escritura que sustenta a existência de um real incomensurável, sobre o qual vou tentar dizer algumas palavras.

Depois do passe, pessoalmente foi-me necessário um certo tempo para apreender a medida, às vezes epistêmica, mas sobretudo ética desse tempo depois do fim. Do mesmo modo, é verdade que não se pode abandonar seu passe também tão depressa, assim como não se faz de modo imediato o luto necessário do fim. Seguindo Maurice Blanchot, que anuncia em “A escritura do desastre” que “no trabalho de luto, não é a dor que trabalha: ela vela”,⁸ avançarei então que, ao contrário da eternização deste tempo de luto, age nesse tempo de final uma pressa nova sem a qual não haveria como concluir.

⁴ Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris in *Outros escritos*, op. cit., p.278.

⁵ *Ibid.*, p.279.

⁶ Lacan, J. *Seminário 15: o ato psicanalítico (1967-68)*. Lição de 10 jan. 1967. Inédito.

⁷ *Ibid.*

⁸ Blanchot, M. *L'Écriture du désastre*, Paris, Gallimard, col. NRF, 1980, p.86.

O tempo apressado é atrelado ao tempo atravessado pelo des-ser. Essa é a experiência. Este tempo bascula a suspensão cuja permanência é impossível, lá onde o que o passe introduziu como corte, de novo, é preciso conduzir até o final a experiência com seu dizer. “Dizer a qualquer coisa a fazer com o tempo”, nos diz Lacan em *O momento de concluir*.⁹ Isso se apoia sobre o resto de gozo não atingido pela castração, este resto que se reencontra no coração do sintoma, sem o qual seria impossível inventar uma solução singular.

Este dito conclusivo que está atado ao assentimento ao ser que resta pelo que seria ditado, se não por um real que o simbólico não rege e que obriga o analisante a apreender a medida de este saber sem sujeito que é o inconsciente. Um real tal que impõe este desenlace, “onde as palavras cessam de ser (...) as possibilidades de saúde (...). Sem que remeta ao desespero”.¹⁰

Este é o dito de Blanchot que, eu acho, raciocina aqui com algo de Lacan, situando a experiência de *Hilflosigkeit*, do desespero absoluto ao termo da análise. Mas este desenlace não pode ser visto somente como o ponto extremo da experiência, ele é, sobretudo, *desejo* e *dizer*, marcando o instante quando o novo analista busca se alojar onde coloca o objeto *a* em função.

Este desnudamento impõe uma distância nova das pontas de saber inéditas que balisaram o testemunho do passe, a ponto dele se tornar, às vezes, difícil de dizer e de se poder escrever. O que constitui o fundamento do poder encontra aqui sua ruína, em suma, *m'êtrise*¹¹. Trata-se de fazer de outro modo: “Quem escreve está exilado da escritura, de sua pátria e de lá onde ele não é profeta”,¹² escreve Blanchot. Mas, qualquer coisa da ordem de um discernimento advém: ele permite realizar o que impulsionou a decisão de fazer o passe e o que resta depois e que impulsionará sempre ao dizer.

As pontas de saber inéditas que sustentam o passe puderam nomear qualquer coisa de real graças aos elementos significantes fora de sentido, dos quais alguns se precipitaram em letra. Encontrar-se aí implica a escolha íntima do analisante frente ao que lhe veio do seu inconsciente fora do sentido, de haver assumido a dimensão de *jouis-sens*.

Considerar o equívoco como impulso que suspende o sentido, mas estar dividido pela escrita do gozo irreduzível é já um consentimento ao real, central no passe, mas outra coisa engaja o ser do analista no fim, e é isto que ata sua relação ao inconsciente real.

Chegar a este lugar de analista depende do modo singular, implicando certos efeitos de *lalíngua* com a qual ele abordou seu des-ser: nisto se situa o que o inspira em seu ato por vir, tal é a sua dependência da prática da letra que o analista manejará no tratamento. Esta não só tem suporte na escrita, que se sustenta “por um discurso, que tudo escapa, e que, a relação sexual, vocês não poderão jamais

⁹ Lacan, J. *Seminário 25: o momento de concluir (1977-78)*. Inédito.

¹⁰ Blanchot, M. *L'Écriture du désastre*, op. cit., p.25.

¹¹ M'êtrise: neologismo que condensa *maîtrise*, *être* e *mettre* (dominação, ser e colocar). Propomos a seguinte interpretação deste neologismo nesse trecho: a dominação se transforma em uma questão do ser.

¹² *Ibid.*, p.105.

escrevê-la”,¹³ nos diz Lacan. É uma prática que se sustenta de um exílio, o da desproporção sexual, de seu real como excluído do sentido. O real naquilo que faz limite ao saber.

O modo como o analista responde a este exílio, que toca o ser de saber, importa tanto quanto a variação com a qual ele se arranja na identificação ao seu sintoma: eu me apoio aqui sobre o que avança Colette Soler para formular a razão da variação. Eu a cito: “que se identifique a seu sintoma não implica que se tenha identificado o sintoma (...) é o inconsciente real, o inconsciente *lalíngua* que faz obstáculo a que se identifique o sintoma de outra forma que não a hipotética, sendo que é bem verdade que os efeitos de *lalíngua* ultrapassam tudo que o sujeito pode apreender.”¹⁴ O desejo do analista depende também, neste momento, da consideração da relação que mantém com a invenção sintomática do fim da análise.

A relação a esta invenção, Lacan a coloca em termos de o saber fazer com seu sintoma, do haver se “virado” com um “saber fazer com *lalíngua*”.¹⁵ É deste lugar, parece-me, que se pode manter uma relação com o inconsciente onde o não saber se relaciona com o real.

A identificação ao sintoma necessita desse trabalho de redução do gozo de seu inconsciente, com a letra fixando seu resto; mas este saber fazer introduz na dimensão do dizer uma distância deste Um que fixa o real do gozo irreduzível.

A invenção do fim, que faz passar ao inconsciente real, se faz por esta aquiescência ao real impossível apreendido diretamente por qualquer dizer. É mesmo o inverso que se produz, o dizer no fim se orienta “sob a atração do impossível real”¹⁶ onde “resta o inominável em nome do qual nós nos calamos”,¹⁷ enuncia Blanchot.

Poderíamos avançar que o analista advém, por um lado, com o que provém dos efeitos de seu des-ser, mas deste des-ser na medida em que ele se encontra e se conjuga também com os efeitos de *lalíngua*. Partindo disto, seu dizer singular é estruturalmente uma abordagem da presença opaca do real que também lhe concerne.

Para concluir, ressaltarei como o analista se sustenta da escritura na análise, da que na fala dá lugar à ex-sistência do dizer. Este fará a interpretação que opera em cada tratamento colocando em jogo o ser de não saber, que nos diz Lacan, “deve se reduzir a ser não mais que o complemento do sintoma. Isto é o que o horroriza e o que, por elidí-lo no ser de saber em questão, leva a considerar um adiamento do estatuto da psicanálise”.¹⁸

Tradução: Sonia Borges

¹³ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73)*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989, p.50.

¹⁴ Soler, C. *Lacan, l'inconscient réinventé*, Paris, PUF, 2009, p.121.

¹⁵ *Ibid.*, p.123.

¹⁶ Blanchot, M. *L'Écriture du désastre, op. cit.*, p.139.

¹⁷ *Ibid.*, *loc.cit.*

¹⁸ Lacan, J. *Seminário 12: o objeto da psicanálise (1966-67)*. Lição de 20 abr. 1966. Inédito.

Mario BRITO (Venezuela)

"Passe o que passa"¹⁹

Hoje, gostaria de transmitir o saber de uma experiência, minha própria, sobre o fim de análise e a sua relação com o passe. Trata-se de um ensino a mais, como tantos outros registrados que falam de um fim com diversos finais.

A complicação é falar desse saber sem vincular o testemunho transmitido: o que se produz no passe, o que se mostrou posteriormente e o que tenho compilado da experiência; porque, embora desarmônico, se faz impossível um sem o outro; e assim é o que é, porque “o inconsciente talvez seja desarmônico, mas nos conduz a esse real, real do fantasia”.²⁰

Partilho hoje esse saber que se apresentou como surpresa e me conduziu a fazer o Passe. Um desejo que para mim implica transmissão e compromisso com a Causa da Escola.

Estar aqui guarda um significado, um novo encontro com perguntas sobre minha experiência de análise, de onde se desprendem as anotações que tenho me formulado sobre o final de análise e a sua relação com o passe.

Começarei pelos tempos do final, onde tive um sonho que marcou o início do momento de concluir e anunciou o passe. Nesse sonho me encontrava num auditório que podia ser como esse, no qual se celebrava um encontro. Eu estava de espectador e quem fosse minha analista apresentava um trabalho sobre um caso clínico. Eu não escutava claramente a voz da analista, mas ao lhe ver, como se o soubesse, dei-me conta que estava apresentando meu trabalho de análise. Percebendo isso me incomodei, e então eu dizia que a ela não lhe correspondia fazê-lo, e que somente eu poderia apresentar esse trabalho.

Nesses tempos me encontrava impulsionado na perplexidade das minhas produções. O inconsciente estava à mercê de uma elaboração que se dava além de estar presente no dispositivo analítico. Cada momento se traduzia num novo saber próprio daquilo que estava escrito no meu inconsciente e que, na forma de surpresa, confluía com as atividades de formação na Escola.

Passava por um tempo incomparável, não designado como um ponto no tempo, mas como um intervalo. Hoje posso considerar que se articulava com uma posição diferente no meu percurso analítico.

Um dia, indo ao consultório de minha analista e dirigindo em “piloto automático”, encontrava-me exorto em minhas elaborações e, sem perceber, passei

¹⁹ N.T.: “Pase lo que pase” é o título original do trabalho apresentado no II Encontro de Escola – IPFCL / Roma 9 de julho de 2010 por Mario Brito Afonso. A frase “pase lo que pase” apresenta dificuldades para sua tradução ao português. Pode ser traduzida por “passe o que passa”, ou também por “passe o que se passa”. Escolhemos a tradução que foi anunciada por ocasião desse evento. Observamos a ressonância entre passe e acontecimento, assim como foi confirmado pelo autor.

²⁰ De la Oliva, M. *Temporalidad del Pase y Post-pase*. Disponível em: <www.ffcle.es/files/temporalidaddelpaseypostpasedelaoliva.doc>

do prédio onde estava o consultório. Fiz o retorno enquanto ria do meu ato falho. A analista tinha ficado de fora e o momento oportuno, a ocasião para passar ao ato, estava por apresentar-se.

Ao tomar o elevador, não se apresentou aquela dúvida que me tinha invadido em várias oportunidades: “o consultório está no primeiro ou no segundo andar?” Apesar de tantos anos indo ao mesmo lugar, e que agora se apresentara essa dúvida. Esse dia me disse: “Está no andar um, não no andar dois, ela está no um, eu também”. Tudo empurrava ao fim.

Entro no consultório e me deito no divã. Comecei a falar, mas era uma forma indireta de falar, como aquele que nada quer dizer. Minha atenção se dirigia a um barulho de metais. Parecia que ela estava brincando com uns cliques dentro de uma embalagem e me imaginei levantando-me do divã e vendo-a mexer nos pequenos artifícios. Ao mesmo tempo dizia-me: “Ela não me dá atenção, mas na verdade não necessito que me dê”. Essa é uma expressão muito própria de nossa cultura, que pode compreender-se como prestar atenção, no meu caso, com o olhar.

Nesse instante, como se estivesse lendo meu pensamento, ela me pergunta: “O que você quer dizer dando tantas voltas?”, e sem pensar lhe respondi: “Pois, já não tenho nada mais a dizer aqui”. Levante-me do divã, a olhei, agradei e lhe comentei: “te chamarei para nos reunirmos e apresentarei o material que levarei ao passe”. Nesse momento tinha se colocado em ato o desejo; e ao sair algo seguia vibrando. Essa saída foi o instante do final de análise, mas... foi o final?

O momento de concluir e o momento do passe, “estão correlacionados, mas um não se sobrepõe ao outro”,²¹ e entre os momentos aparece o oportuno, o instante, que deve ser escolhido na mosca para passar ao ato; por isso o fim é um ato, um não penso.

No dicionário li que a palavra “fim” pode ser tomada em dois sentidos “como finalização ou conclusão de alguma coisa, ou como objetivo ao qual se aponta”.²² Na linguagem das redes informáticas, o “fim” é somente “um identificador que não fecha a conexão, mas que avisa o fechamento da mesma; quer dizer, que impulsiona o início do processo de fechamento”.²³

Tomando ambas as definições, poderia dizer que o fim de análise é um instante, um ato, no qual algo se acaba e algo se ordena, avisando sobre o fechamento, porém sem sê-lo, e promovendo o início do processo do fechamento.

Portanto, o momento de concluir é uma porta pivotante. A porta pivotante se movimenta de um lado ao outro, e no seu oscilar algo passa. Cada oscilação é um encontro com um ponto de acabamento, e com aquilo que se ordena pelo lado do desejo. Nesse oscilar há um instante que, tomado sem pensar, passa ao ato.

²¹ Fingermann, D. El momento del passe. *La Azotea*, Revista do Foro Lacaniano de Venezuela, n. 7, junho, Caracas, 2009.

²² N.T.: no original “como término o acabamiento de algo, o como objetivo a que se ordena”.

²³ Glosario.net. *Definición de términos filosóficos*. Disponível em: <http://lengua-y-literatura.glosario.net/terminos-filosoficos/fin-5794.html>. “un identificador que no cierra la conexión sino que avisa el cierre de la misma; es decir, que impulsa el inicio del proceso de cierre”.

Esse ato promove o início do processo de fechamento. Se o fechamento ocorre no último momento dentro do dispositivo analítico, podemos supor que o índice do fim esteve antes, mas esse final pode estar no momento do passe ou após o passe. É por isso que o momento do passe se localiza logicamente no mais além do momento de concluir, embora o desejo esteja presente desde antes.

Trinidad Sanchez no seu texto “Desde Antes” disse: “o início da saída transporta uma certeza (...) A analista fica atrás, o enigma que havia lhe cercado por tanto tempo, se transformou em saber, e seu dizer se tornou desejo”.²⁴

Sabemos que “a meta de qualquer tratamento analítico é levar o analisante a articular a verdade de seu desejo, mas a questão do final vai além de saber se a cura alcançou, sim ou não, a sua meta é saber se chegou a seu ponto final lógico”.²⁵

Nesse sentido, se coloca o questionamento do fim com diversos finais. Um analisante pode conseguir dar conta desse ponto final no momento de concluir, dentro do dispositivo analítico, ou também pode que o mesmo se dê mais além; portanto, isso nos permite colocar algumas perguntas: o passe é parte do fim de análise? Existe análise além da análise? O passe pode gerar efeitos que levem a um final após o passe?

Em O Seminário, livro 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan²⁶ se pergunta sobre o destino da pulsão. Como é vivida a pulsão “após” o atravessamento da fantasia. Esse “após”, que assinalo entre aspas, poderia indicar que está em um tempo diferente, e que se encontra fora do dispositivo analítico, em um momento além da análise; portanto, o passe poderia ser esse momento.

Em um trabalho intitulado “Antes, durante e depois do passe”,²⁷ manifestei que o passe significou para mim uma volta a mais e, nesse momento, pude enodar pontos que restavam da minha análise.

Existia um saber, produto do trabalho analítico, mas faltava ao menos uma volta. Volta que começou com o momento do passe e que continuou depois de ter percorrido o dispositivo.

Tenho certeza de que não teria formalizado a lógica final da análise a não ser pela experiência de circular pelo passe. Dito circular, efeito das entrevistas com as passadoras, permitiu um encontro com um saber que ainda restava como sombras da análise.

A esse respeito, no texto sobre a experiência do passe, de três de novembro de 1973, Lacan aponta que alguém teria lhe falado do passe como um “relâmpago”, perguntando-se, a seguir: “Pode o passe efetivamente pôr em relevo para aquele que aí se oferece, como pode o fazer um raio em um ponto de vista completamente

²⁴ Sanchez-Biezma de Lander, T. Desde Antes. *La Azotea*, Revista do Fórum Lacaniano de Venezuela, n.7, *op. cit.*

²⁵ Evans, D. *Diccionario Introductorio de Psicoanálisis Lacaniano*, Buenos Aires, Paidós, 2005.

²⁶ Lacan, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

²⁷ Brito, M. *Antes, Durante y después del pase*. Trabalho apresentado no colegio clínico 2008-2009. Inédito.

diferente, uma certa porção de sombras de sua análise? É uma coisa que concerne ao passante”.²⁸

Perante isso, alguns testemunhos mostram que durante o procedimento do passe se reabre o inconsciente, reaparecendo sonhos, apresentando-se lapsos, atos falhos, ditos e enunciados que evidenciam que essa é única maneira de fazer passar a experiência. “Em alguns casos, os passantes chegam a esse final lógico, no passe mesmo, e os restos que não se perderam na análise, perdem-se no passe. Em particular, aqueles referidos ao objeto causa da divisão do passante, e não ao lugar transferencial relativo ao Sujeito Suposto Saber.”²⁹

No meu caso, esse raio de luz se traduziu no significante “verificar”, e numa frase “Passe o que passa”, que nesse momento me permitiu encontrar sentido aos atos falhos que se geraram durante minha viagem a São Paulo, onde tive a entrevista com a Secretária do Passe; assim como outros que se mostraram no aeroporto, ao sair de Medellín, quando me dirigia a encontrar-me com as passadoras. Na verdade, foi no dispositivo onde me apercebi desse significante que amarra toda uma história, sintomas, a relação transferencial e a posição de gozo.

Numa das entrevistas tive um lapso que levou ao “passe o que passa”. O acontecimento foi tal que, como efeito, usei essa frase para finalizar um e-mail que enviei a minha analista. Esse e-mail significou a despedida e o luto do final de análise, foi o final.

De “nada que ver-me” (sic) onde o sujeito sustenta a segurança que lhe dá essa fantasia, onde se constitui a janela sobre o real, se faz uma virada, e se percebe que o suporte do desejo nada mais é que um de-ser, “passe o que passa”.

Mas isso não acaba aí, a porta pivotante ainda não deixa de oscilar, em algum momento se deterá, mas não é agora; e quando digo “agora” me refiro a esse momento. Considero que esse vibrar pode levar a alguns passantes a “uma análise além da análise”, e a outros à transferência de trabalho.

Alguns dias antes de enviar o título deste trabalho encontrava-me lendo, mais uma vez, a “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Em um momento, a leitura se interrompe devido a uma ligação, era meu pai que se encontrava em Espanha e me dizia que ia postergar sua viagem para Venezuela por problemas de saúde da minha avó. Ao finalizar, disse-me: “bom, filho, vamos ver...”

Retomo minha leitura e no momento em que estou lendo sobre a passagem de analisante a analista; retroativamente — como é próprio do tempo lógico — se apresentou um momento de compreender.

Esse “vamos ver”, pelo qual tanto brigava com meu pai, está inscrito em mim, mas o trabalho analítico lhe deu uma virada, “um além do pai”. Estar presente hoje, perante vocês, é possível porque me permito “ver-me-ás, passe o que passe”.

²⁸ Lacan, J. *Sobre a experiência do passe* (3.11.1973). Intervenção de Lacan na sessão de trabalho sobre o passe do Congresso da École Freudienne de Paris (1-4/11/73). Tradução: Alexandre Simões (Campo Lacaniano – Belo Horizonte; abril de 1999). Disponível em: www.campopsicanalítico.com.br/Biblioteca.

²⁹ Wainstein, S. *Pases y fin de análisis*. Disponível em: <http://www.efba.org/efbaonline/wainsteion-09.htm>.

Concluindo, “o analista é o analisante perene depois da análise”,³⁰ porque o seu desejo leva-o a interrogar-se permanentemente. Isso é o que permite essa abertura ao novo e o que possibilita o ensino; mas para isso requer um percurso que demanda um tempo interminável ou até que a porta pivotante deixe de oscilar. A formação do analista não é algo que possamos contabilizar em um tempo cronológico, porque o inconsciente não se maneja com esses tempos.

Tradução: Sandra Berta

³⁰ Soler, C. *Qué se espera del Psicoanálisis y del Psicoanalista*: conferencias y seminarios en Argentina, Buenos Aires: Letra Viva, 2001.

Florencia FARIAS (Argentina)

Sonhos do analisante, sonhos do passante

Introdução

Minha experiência em um cartel do passe.

Fazer passar algo do real é um difícil desafio para os psicanalistas, e o dispositivo do passe é uma estrutura que facilita, por parte dos passantes, que se presentifique “um pedaço de real” no qual parece estar implicada toda a existência. Poder situar o modo pelo qual um sujeito pode operar com o real, permite que haja lugar para o ato, que “algo passe”, no sentido da transmissão e também do acontecimento.

É a singularidade de cada passe, de cada fim de análise, o que esperamos que apareça quando o cartel recebe o testemunho dos passadores.

Passar pelo dispositivo do passe não é sem consequências e pessoalmente foi uma experiência intensa e enriquecedora: que incide em minha teoria, em minha prática.

Considero que participar de um cartel do passe é um privilégio, é a ocasião que se oferece a um analista de estar no coração da experiência analítica e da Escola.

Creio que a posição mais conveniente a um membro de um cartel do passe é a de analisante, na perspectiva de oferecer sua escuta, não do lugar do sujeito suposto saber, na medida em que toca à posição de analista no ponto de subtrair-se de sua própria fantasia e seus preconceitos. Exige enfrentar um impossível: decidir sobre o indizível.

O cartel do passe escuta “a última história que o passante se conta”, permite uma leitura do acontecido em seu tratamento. Interroga a multiplicidade de soluções encontradas por aqueles que chegaram ao Inconsciente real, ou seja, aqueles que tenham chegado a elaborar o simbólico incluído no real, que é a verdade mentirosa do sintoma.

Tese do trabalho: o lugar dos sonhos nos testemunhos

O que me interessa compartilhar hoje com vocês é a reflexão sobre um traço que se repete na maioria dos testemunhos dos passantes e que pude verificar nos passes escutados nesta breve experiência: *o lugar fundamental dado aos sonhos*. Nos relatos dos passantes muitos tomam os sonhos para orientar-se na experiência do passe; parece que estes oferecem uma substância que os permite ter um sentimento de autenticidade da experiência.

Os sonhos constituem a via régia de acesso ao inconsciente. Verificamos que as formações do inconsciente não foram excluídas nos testemunhos. Mas também, e é isso que me interessa destacar, que os sonhos permitem um acesso ao real. Freud descobre que o sonho é revelador do desejo de um sujeito. Mas há algo sinistro, *Unheimlich*, frente ao desejo. Lacan acrescenta que o sonho é uma homenagem à realidade falha. O real será procurado mais além do sonho no que o sonho recobriu, escondido atrás da falta de representação.

No momento em que nos sonhos nos aproximamos ao que existe de verdadeiramente real, nesse momento que despertamos para seguir dormindo. Então, nesse sentido, o sonho vela esse despertar. Então, poderíamos dizer, que o sonho protege do real como impossível, mas também o faz possível por alusão.

No entanto, há vários pontos para pensar e diferenciar sobre a função desses sonhos. Não é a mesma a clínica do fim de análise e a clínica do passe. Ainda que sejam solidários, e às vezes se superponham ou se entrelacem, são dois tempos distintos.

O fim de análise acontece e dele se sabe quase com certeza. Do trabalho do passe se sabe em seu percurso, e nesse percurso se realiza a clínica da própria análise.

Apesar de ser dois tempos distintos, penso como hipótese que em muitos sujeitos o fim de análise termina por realizar-se no trabalho do passe. No passe se iluminam questões que estavam obscuras.

Portanto, não têm o mesmo estatuto, os sonhos sonhados durante a análise e os sonhos sonhados durante o processo de passe. Distinguirei, para pensar estas diferenças, três categorias de sonhos: 1- Os sonhos que ocorrem durante o tratamento propriamente dito; 2- Os sonhos de final de análise; 3- Os sonhos sonhados a partir do dispositivo do passe.

Os sonhos dos testemunhos

Os sonhos sonhados durante o tratamento.

Muitos passantes ordenam a história de sua análise fundamentando-a no relato de diferentes sonhos. Assim, o sonho e o que o passante deduziu dele parece guiar a experiência, dizem de um momento transcendente de sua análise e, em particular, de seu final.

Os diferentes sonhos que um analisante produz na análise dão conta de sua posição subjetiva, iluminam setores da análise e as operações ocorridas na mesma, mostram a posição fantasística.

Alguns sonhos marcavam a entrada em análise, motivo do “passe ao divã”, outros foram fundamentais, porque presentificaram o “objeto”. A estes sonhos é atribuído um valor de certeza no caminho da construção da fantasia.

O sonho na direção do tratamento constitui um dos articuladores que vai testemunhando a escritura da lógica da fantasia que atravessa o sujeito. Na releitura que fazemos seguindo o fio dos sonhos, inferimos o valor de escritura, do que se produziu na transferência de acordo com o tempo no qual o tratamento se encontra. São sonhos sonhados em transferência, interpretados em análise, que

mostram como operou a separação que o habilitou a seguir a letra de seu próprio desejo.

A atemporalidade que caracteriza os processos inconscientes dá chance para que no sonho uma cena passada, na qual o sujeito permaneceu fixado, recupere vida.

A transferência é mediadora para que o sonho permita descongelar essa cena de fantasia que mantém o sujeito constrangido.

Sonhos de final de análise.

A maioria dos passantes situa sonhos que verificam no fim de sua análise, e deles extraem consequências conclusivas do saber de um tratamento. Em alguns, um sonho permite ressignificar toda uma história, em outros, acentuam uma mudança que consistia em figurações de esvaziamento de objeto e eram decifrados como saídas da lógica fálica: “tal objeto que se dissolvia”, que se trataria de “percorrer um furo”, ou melhor, “bordear um vazio”.

Os passantes atribuíam aos sonhos sinais fundamentais da construção e algum grau da travessia da fantasia. Eles articulam o pulsional, como uma mostra que não pode aceder pela via da palavra, mas além da fantasia. São sonhos que escrevem — escritura de gozo.

Uma passante sonha ao final de sua análise: “Estou brincando em um parque infantil. Há um tubo onde as crianças entram. Olho pelo tubo e vejo uma rata acima que, por sua vez, me olha com um só olho, está com suas crias por cima.” Sonho que acaba por precipitar nos integrantes do cartel a nomeação, um sonho no qual se pode cingir um percurso pulsional, do qual se podia vislumbrar uma mudança que dava conta do advento de um novo desejo, o desejo do analista.

Nesse testemunho, o real se manifestou em níveis diferentes: nessa mirada real da rata há um resto pulsional do lado do escópico e do anal, a passante o associa ao sujeito. Uma mudança de base, uma mirada sem Outro. Presentificação do objeto. Poder-se-ia perceber a opacidade da pulsão e sua colocação a serviço da escuta na posição de analista, produzindo-se uma incidência efetiva em sua prática de analista, que lhe permite fazer uma “mudança de estilo” em sua escuta. Modificação da pulsão, dessa curiosidade insaciável, curiosidade infantil, em uma pulsão de saber que se torna desejo de analista limitado.

Sonhos do Passe.

Os sujeitos que pedem o passe dão conta que este reabre o inconsciente. Os sonhos que o passe desencadeia são testemunhos deste fenômeno. Sonhos no passante, sonhos que precipitam a demanda de passe, sonhos desencadeados, por exemplo, pelo nome do passador, o encontro com um deles, a espera da resposta do cartel. O que dá conta inequivocamente da inesgotabilidade do inconsciente, embora haja “fim de análise”.

Abrem-se diferentes vias de investigação. Ponho a considerar as seguintes hipóteses: o que acontece com o inconsciente? O passe parece, por momentos,

relançar um pouco o Inconsciente? Como se fosse aberto novamente este espaço do inconsciente. Então, é o passe parte do fim de análise?

De tais testemunhos pode-se inferir que há análise que se conclui no passe. Há restos de análise que são perdidas no passe. Se é assim, então, onde se perdem os restos do passe? Qual o seu destino? É na transmissão *a posteriori*?

Há que se ressaltar que obviamente não são sonhos que aparecem como enigmas que pedem interpretações, não se dirigem ao Outro, não abrem ao deciframento, permitem chegar a uma conclusão que se deixa ler, dizer, parece que agora interpretam a si mesmos. São interpretados como efeito de verdade pelos passantes.

Uma vez que o final de análise é uma certeza do analisante, é possível, por se tratar de uma hipótese de investigação, que seja no procedimento do passe, que o analisante-analista elabora o luto do fim da análise. Sonhos da inexistência inquestionável do Outro. Sonhos da submissão do sujeito à letra de sua produção. Letra que faz litoral entre saber e gozo. Letra que mais além da vontade, e sem buscá-la, é encontrada muitas vezes através dos sonhos e pode ser lida em um fim de análise no trabalho de passe.

Somente quando não há mais sentidos que percorrer e nos quais insistir, tratamos com o real. Lacan dirá que escrevemos o real não com palavras, e sim com letras.

Somente como exemplo, o sonho de um passante escutado recentemente em seu testemunho público em Buenos Aires. O texto do sonho, “me derretiam dois ou três dedos da mão”, é a resposta à oferta do dispositivo do passe, sonho de castração que o mesmo interpreta e que permite dar um avolta a mais no trabalho realizado em sua análise em relação ao nome próprio e ao desejo do analista. Sonho que comparece na entrevista com o secretariado do passe e no qual localiza ali o começo da experiência do passe.

Podemos dizer então que o fim de análise termina de realizar-se no trabalho de passe, que a emergência do sonho durante o passe não aceita nenhuma interpretação e ao mesmo tempo não tem nenhum alcance de sentido, ou seja, há um topo do efeito do simbólico. É por esta característica que se pode estar seguro de que se está no inconsciente, o inconsciente real.

Para concluir

Em alguns casos os passantes chegam ao final do tratamento no próprio passe. Restos que não tinham sido perdidos na análise se perdem no passe. Isto não quer dizer que sem o passe não haja fim de análise.

Volto a uma frase de Lacan: “O circuito deve ser percorrido várias vezes”. O passe é uma das voltas necessárias, ao menos para quem se propõe como analista. Seja porque reabre o sujeito do inconsciente, seja porque é um espaço de elaboração de fim de análise que com o analista não se faz, ou seja, porque joga com algo fundamental e que diz respeito à autorização do analista por si mesmo com relação a alguns outros.

Este último ponto é crucial do procedimento do passe. O passe sanciona o fim de análise de um modo que o analista do passante não pode jamais fazer. Este promove um novo laço social entre analisitas e para analistas. Dispositivo que permite não somente verificar se houve fim de análise, mas também, diria como hipótese, é o que permite que haja fim de análise, ou seja, que esta finalização se inscreva.

Volto a constatar que é possível um fim de análise. Pode advertir que um fim de análise transforma a história de repetições intermináveis em uma aposta na vida, dando luz, lá onde a pulsão de morte comandava.

Tradução: Rosane Melo

Referências bibliográficas:

AUTORES VARIOS. “La passe de Jacques Lacan. Lacan y el passe”, *Conjetural*, Revista Psicoanalítica, nº 33, Buenos Aires, 1997.

AUTORES VARIOS. ¿Cómo terminan los análisis?, AMP.

AUTORES VARIOS. La Experiencia del pase, tomo I (2005) y tomo II (2006), Colección Cuestiones de Escuela, Buenos Aires, EFBA.

BROUSSE, Marie-Hélène. “Algunas observaciones sobre la interpretación a partir del Cartel del passe”. In: *Enseñanzas del pase*. Buenos Aires: EOL, 1997, p. 21-39.

FREUD, Sigmund. “La interpretación de los sueños”, Tomo IV, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1993.

LACAN, Jacques. *Seminario R.S.I. (1974-75)*. Inédito.

_____. *O Seminário, livro 23: o sintbome (1975-76)*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. “À propos de l’expérience de la passe, et de sa transmission”. *Ornicar? “Sur la passe (Spécial)”*, nº 12/13, Paris, dez. 1977, pp.117-23.

_____. “Resposta a una pergunta de Marcel Ritter” in GORALI, Vera (org.), *Estudios de psicossomática*, vol 2, Buenos Aires, Ed. Atuel, 1994.

SOLER, Colette. *Finales de análisis*, Buenos Aires, Editora Manatíal, 1991.

Marcelo MAZZUCA (Argentina)

O Inconsciente revisor

Uma voz que se faz letra

Para começar, vou situar o problema crucial ao qual quero fazer referência hoje e que formulo primeiro em termos amplos: que estatuto outorgar ao inconsciente — particularmente em direção ao final da análise — a partir de sua reinvenção por obra de Lacan? Dito de outra maneira, o inconsciente é freudiano ou lacaniano, simbólico ou real? Pode ser que estas opções não sejam excludentes, mas a esta altura me parece admitida a mudança axiomática que conduziu Lacan — a partir de seu Seminário 20 — a traduzir e transliterar o *Unbewusst* freudiano em *l'une-bévue*. Se trata dos “mistérios do inconsciente”.³¹

Este “inconsciente reinventado” — expressão que tomo de Colette Soler — possui as características que lhe são outorgadas pelo uso de *lalíngua*, concebida como um “exame de Uns”³² que dão lugar a fenômenos com características epifânicas e neológicas ainda no campo da neurose.³³

“Isso é o inconsciente” — diz Lacan —, “guiado por palavras com as quais não se compreende nada”. E acrescenta, “o inconsciente não tem corpo mais que de palavras”.³⁴ Podemos afirmar, então, que os “mistérios do inconsciente” são ao mesmo tempo os “mistérios do corpo falante”,³⁵ e que ali se localiza o acesso possível ao real implicado na experiência analítica.

Dito isto, me proponho a interrogar dois fatos que fazem esses mistérios, dois fenômenos ocorridos quando já finalizada a análise, uma vez que a experiência do passe havia aberto as suas portas. Dois fatos pouco “ruidosos”, já que as ressonâncias da palavra ficam ali praticamente fora do jogo e sem nenhum alcance de interpretação.

Para isso terei que formular a lógica que animou o trabalho analisante e que hoje tento circunscrever a partir da seguinte hipótese: as vicissitudes sofridas pela letra e o nome próprio são as que dão ocasião para a emergência do desejo do analista?

A letra e o nome próprio configuram esse exame de Uns ao qual fazia referência anteriormente, mas ao mesmo tempo se diferenciam do resto pelo seu uso e sua relação com o gozo. Ambos os elementos carecem de sentido, e por esta razão se exclui a possibilidade de sua tradução em outra língua. No entanto, o

³¹ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73)*, op. cit., p.178.

³² Soler, C. *El inconsciente real, consecuencias para el pase*. Trabalho apresentado em 14 de julho de 2008 no Encontro da IFCL.

³³ Soler, C. *La querella de los diagnósticos (2003-2004)*, Buenos Aires, Editorial Letra Viva, 2009, p.23.

³⁴ Lacan, J. *Seminário 24: l'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (1976-77)*. Lição de 26 fev. 1977. Inédito.

³⁵ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73)*, op.cit., p.178.

nome próprio —afirma Lacan— “é uma marca já aberta à leitura”³⁶ admite a operação da transliteração, e ainda que não seja portador de um sentido, pode “refleti-lo”.³⁷

É o quê proponho explorar hoje, partindo de minha experiência analítica. O que o farei em três tempos que se escandem segundo as sucessivas “afetações do nome próprio”.

Primeira afetação do nome próprio ou o inconsciente como discurso do Outro

Situo desse modo uma primeira sequência analisante que vai desde os momentos preliminares até o seu final falho. Foram duas as interlocuções que permitiram recortar a demanda de análise. Vou resumi-las utilizando duas versões de uma fórmula inicial de Lacan: “tu és meu mestre” e “tu és minha mulher”,³⁸ relação de intersubjetividade que determina o ser do sujeito por referência a uma palavra que provém do Outro, mas escamoteando ao mesmo tempo o nome próprio e fazendo do neurótico um sujeito sem nome.

No contexto da escolha vocacional, a voz do Mestre se faz ouvir no texto freudiano. Surge assim o que hoje denominaria um primeiro “acontecimento do corpo”: as cavilações da letra e do nome próprio, sintoma de características obsessivas que conduz em direção à outra escolha em jogo, a eleição do objeto de amor.

Assim, são as mulheres que resultam tipificadas e classificadas em dois grupos, o das **F** e o das **N**, letras iniciais do nome próprio de aquelas mulheres que o inconsciente admite em sua função de sintoma e que finalmente conduzem ao acordo da análise. Seu início propriamente dito encontra seu suporte no significante *fusión* (sobredeterminado) dando lugar a uma mudança de via no inconsciente. Ali a vocação para a música também oferece um aporte: da *fusión* como gênero musical predileto do analisante à *fusión* como união harmônica das duas variedades de mulheres. Dito de outro modo: fica descoberta a versão musical da mulher ideal ou a versão ideal da mulher musical.

O efeito imediato e um sonho, cujo texto (uma mãe e dois filhos petrificados no baú de um carro estadunidense) constitui a escritura hieroglífica da *fusión* como *petrificação* paterna, introduzindo um sentimento inquietante de angústia.

Não vou desenvolver o sonho, apenas indicar que a dita escritura abre um trabalho analisante que se estende durante sete anos, e cujo núcleo silencioso está dado pela referência ao nome próprio (Marcelo) e ao sobrenome paterno (Mazzuca). Trata-se — por assim dizer — do “narcisismo do nome”, ou dito de outro modo, da segurança proveniente do caráter forte da dupla consoante do sobrenome paterno (zz) e da repetição das iniciais dos nomes (MM). Convicção delirante — eu agregaria — que produz notáveis efeitos terapêuticos com o

³⁶ Lacan, J. Introdução aos Nomes do Pai (1963) in *Nomes-do-Pai*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005, p.87.

³⁷ Lacan, J. *O Seminário, livro 23: o sintoma* (1975-76), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p.89.

³⁸ Lacan, J. *O Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.310.

decorrer da análise, mas à custa da manutenção da onividência do Outro e do conseqüente sentimento de onipotência do amor.

É no marco dessa imaginária realização do ser que se produz o erro da palavra plena do analisante. Decidido a dar por concluída a análise, o ato falha e a autorização não advêm. A firmeza da palavra do analista evita então a passagem ao ato, destacando aquilo esboçado, mas ainda não suficientemente analisado. Tratava-se de um primeiro golpe dirigido ao nome próprio do qual não se haviam extraído ainda todas as conseqüências. Sua executora havia sido a voz de uma mulher, sua ressonância foi o humor e seu texto o seguinte: “te salió el ma(zz)uquista”³⁹.

Foi assim que o sintoma falou e a interpretação se produziu: do *mazzuquista* ao *ma(zz)uquista* fica bem transliterado e delimitado o masoquismo do caráter como objeto da segunda volta da análise.

Segunda afetação do nome próprio ou o inconsciente tradutor

O relançamento da análise (ou a mentira novamente lançada) aponta agora para o horizonte de seu final. A aposta do e pelo desejo do analista adquire um novo vigor. A firme intervenção do analista, expressão de um desejo decidido, se dirige então ao mais além da terapêutica do sintoma que o próprio analisante já havia localizado. Uma nova abertura do inconsciente dá lugar a um trabalho da língua cujo centro vai ficando delimitado por uma antiga relação ao pai discriminada em termos de laço vocal e libidinal.

A referência específica à voz paterna gera sucessivas declinações que resumo, indicando a seguinte seqüência: a voz mandante e comandante do pai, a voz hipnótica e exótica da mulher, a voz do humor, da dor e do amor, a voz irritante, a voz desfalecente e a voz cantante. No transcurso desses deslizamentos, a voz vai despojando-se de suas vestimentas e escrevendo-se em uma série de sonhos, cujo relato omito para destacar a intervenção analítica que os reduz a sua condição significante. “Pisaste el palito”⁴⁰ é a intervenção do analista que toca a tecla de um significante novo e contribui para desbaratar o recurso enganador ao narcisismo do nome próprio.

O contexto é o seguinte: querendo fazer uso da palavra como instrumento fálico no marco da confrontação do eu com o eu ideal, o significante “fundamentalista” (pronunciado pelo analisante) tenta designar o ser do sujeito apelando a uma espécie de autoafirmação do si mesmo, ao mesmo tempo em que revela o *pegamento* da voz como armadilha narcisista.

Entendo hoje que esse *pegamento* daquele ser “fundamentalista” — que designa inicialmente o componente libidinal presente em toda relação especular — é por sua vez *pegam(i)ento* e inclusive *p(a)gamiento*, já que permite localizar de maneira condensada o preço linguageiro com o qual se paga aquela verdade mentirosa que dá forma ao gozo masoquista da fantasia em seus fundamentos. Quer dizer: a relação com a voz paterna e com a letra *z* dobrada do sobrenome paterno.

³⁹ N. T.: a expressão pode se traduzir de forma aproximada por “incorporou o ma(zz)uquista”.

⁴⁰ N.T.: expressão idiomática que poderia ser traduzida por “Caíste na armadilha”; enquanto o *palito* pode ser traduzido por “pauzinho”.

Dito de outro modo, a locução “fundamentalista” põe em ato de maneira indireta uma nomeação que o ser de gozo, sendo seu único signo inequívoco, o mau humor.

As consequências da intervenção do analista (“pisaste el palito”) não se fazem esperar. A mencionada locução “fundamentalista”, que retroativamente se revela como primeira “*pisada de palito*” do analisante na confrontação com o eu ideal, agora se descola e se desdobra produzindo a *lista-de-las-fundas-mentales*. Essa lista é a seguinte: *mazzuquista*, masoquista, *musicista*, *mulherista*, humorista e esportista. É, ao mesmo tempo, uma deriva do nome próprio, uma voz(z) que se faz letra(s), a manifestação de um dizer que opera da condição de gozo à causa de desejo.

Posso agregar que a determinação múltipla daquele significante *palito* evoca metonimicamente o instrumento do desejo (*palito-palitos-palillos-palos-hermano-mano-falo*) e desencadeia o momento do passe clínico, dando lugar ao ato final. Uma vez chegado a esse ponto, o analista simplesmente acompanha. Finalmente consente esse novo estatuto da palavra, abrindo a possibilidade de revisar o dito: “talvez algum dia — sugere o analista — tenhas vontade de relatar tua experiência de análise a alguém”.

Terceira afetação do nome próprio ou o inconsciente revisor

Meses depois do final, se produz o primeiro sonho pós-analítico. Um simples e nítido sonho de castração que mostra um novo ciframento do nome próprio e oferece ocasião de trazer à baila o desejo do analista. A imagem do sonho (“se derretiam dois ou três dedos de minha mão”) é a resposta à oferta do dispositivo do passe. Mas seu texto se estabelece e seu sentido se esclarece apenas uns meses depois, na ocasião da entrevista com o Secretariado do passe.

Uma vez aberta a experiência do passe propriamente dita, o sonho evoca os *palitos* incluídos na transformação da assinatura do passante, fato ocorrido poucos meses antes, por ocasião da inscrição a um concurso universitário. Nova assinatura e nova escritura do nome próprio, causada pelo Outro, mas estritamente singular. Dois simples e nítidos traços verticais, ondulados e invertidos em relação à escritura convencional da letra *S* (uma espécie de *S* duplo “espelhado” ou um duplo *Z* “estilizado”), convocam o sobrenome materno (Cane*SSa*) tanto como um intertexto que modula as diferentes gerações em uma espécie de injeção da língua italiana na língua castelhana. Como terceiro elemento da assinatura, que completa a cifra presente no sonho, simplesmente um ponto.

E atingido este ponto — justamente — é que se abre uma experiência nova, a experiência do dispositivo do passe que recolheu as consequências desse sonho, dessa cifra, à qual já fiz referência em Buenos Aires.

Por isso hoje quero deter-me na etapa prévia, com a finalidade de destacar aqueles fatos, que mencionei no começo e que me interrogaram.

O primeiro deles é uma espécie de lapso na escrita. Um arquivo eletrônico enviado à Universidade para ser aprovado me é devolvido com uma sinalização de um erro ortográfico e com a sugestão de verificar a função de revisão de texto do

Word. No lugar de escrever “vez” estava escrito “ves”. Nesse momento, realizei as correções pertinentes, mas acontece que, pouco tempo depois, na ocasião de entregar ao editor do livro que estava escrevendo o arquivo em *Word* correspondente, me é devolvido com a mesma sinalização: o S no lugar do Z.

Eu não pude mais que conjecturar a existência — se me permitem a expressão — de um “inconsciente revisor”, de um fato de linguagem que circunscreve uma existência fora do tempo e do corpo da intuição. Simplesmente um lapso que já não tem alcance de sentido — que desliza a escritura do *Mazzuca* ao *Canessa* — e que gostosamente qualificaria como “uma voz que se faz letra”.

Com este sintagma designo hoje um campo de ação determinado que dá lugar a uma prática da voz e da letra que não se restringe à prática da psicanálise, participando também de um saber fazer que produz efeitos sublimatórios. Encontram ali sua condição de possibilidade tanto a análise como o humor (o humorismo), o esporte (o esportismo) e o amor (o mulherismo).

Bem, o que permanece ao menos velada é a participação do corpo, e por isso trago um segundo fato para interrogar.

Trata-se de uma dor ou inflamação na garganta, contemporânea daquele lapso ortográfico. Sua causa mais evidente era o forte frio do inverno portenho e as viroses de meus filhos. No entanto, a pergunta segue pendente. Será também um efeito de escritura do inconsciente revisor? Participará essa inflamação de garganta de uma espécie de *inphonación* das cordas vocais? Por que não considerá-lo como um acontecimento do corpo, como uma espécie de “lapso do corpo” — se me permitem a analogia — na medida em que o corpo está afetado pela língua.

De todo modo, ainda que assim fosse, haveria que sublinhar novamente o fora de sentido daquelas letras que se fazem corpo, e isso é o que eu trago hoje para a consideração de vocês.

Para terminar, retomo então a hipótese formulada no início: a emergência do desejo do analista encontra sua condição de possibilidade na constituição de uma dimensão espaço-temporal que só a instância da letra permite fugazmente habitar. A voz como “*funda mental*”, condição do gozo masoquista no caráter, cede seu lugar à causa do desejo, na medida em que a letra faz dela litoral, furo no saber, dando lugar ao exercício do semblante de objeto no discurso analítico.

Interesso-me especialmente pelo produto das sucessivas “afetações do nome próprio” e sua relação com o inconsciente real. Concluo com uma dupla citação de Lacan e de Barthes: “o que se evoca de gozo quando se rompe um semblante” — diz Lacan em *Lituraterra* — “é isso que no real se apresenta como ravinamento das águas”.⁴¹ Ou seja, a escritura. “Estas escrituras ilegíveis” — diz Barthes em *Variaciones sobre la escritura* — “nos dizem (somente) que há signo, mas não sentido.”⁴²

Tradução: Maria Luisa Rodríguez Sant’Ana

⁴¹ Lacan, J. *Lituraterra* (1971) in *Outros escritos*, op. cit., p.22.

⁴² Barthes, R. *Variaciones sobre la escritura* (1973), Buenos Aires, Editorial Paidós, 2002.

Patricia DAHAN (França)

O sem sentido da interpretação⁴³

No passe, quando se fala dos efeitos de uma psicanálise, trata-se dos efeitos produzidos por um discurso, o do analista. Ora, o que o discurso do analista produz é um significante mestre. O significante mestre é um S1 sozinho, não articulado em uma cadeia significante. Levando em consideração os desenvolvimentos de Lacan posteriores à elaboração dos discursos, se poderia dar o estatuto de letra a esse S1. A letra não é um significante, mas tem nele sua fonte. Trata-se de um significante recalcado que retorna transformado em letra, um significante desprovido de seu valor de significação, um significante sem sentido, um significante de gozo.

Como ter acesso a este significante de gozo no decorrer de uma análise? O que hoje eu gostaria de abordar com vocês se baseia na afirmação de Lacan de que se opera na análise a partir da equivocidade. Minha questão também se formula assim: como a interpretação que parte da equivocidade permite o acesso ao gozo?

Darei primeiramente um pequeno exemplo de como se poderia representar resumidamente o desenrolar de uma análise. Trata-se de um *Witz* de Freud em “O chiste e suas relações com o inconsciente”. Resumo-o brevemente. A Baronesa está prestes a entrar em trabalho de parto, seu marido e o médico jogam cartas pacientemente no cômodo ao lado. Escuta-se a Baronesa se queixando uma primeira vez em francês, o marido larga suas cartas e corre para o quarto, mas o médico permanece impassível. Escuta-se a Baronesa se queixando uma segunda vez e pronunciando uma frase em alemão, o marido se levanta precipitadamente, ao passo que o médico permanece imperturbável. Quando a parturiente se expressa em yiddish, somente então o médico larga suas cartas e diz: chegou a hora. Porém, desta vez, a senhora não pronuncia uma frase, são principalmente sons, onomatopéias que chegam do quarto ao lado.

Creio que este exemplo resume bem o que se espera do desdobramento de uma análise. Só podemos ter acesso ao significante fora do sentido e fora da cadeia significante, o significante de gozo, quando nos desembaraçamos de todas as camadas “depositadas pela educação”, conforme os termos usados por Freud. Ou, como ilustra Lacan em *Lituraterra*, ao reduzirmos o que dá forma e que, até aquele momento, fazia sentido para o analisante, só então podemos fazer aparecer o gozo.

Na aula de 10 de dezembro de 1974 do seminário R.S.I., Lacan não se expressa em termos de passe ou de fim da análise, mas fala do que se opera na análise e diz que está se dirigindo “aos que merecem ser chamados de analistas.”

⁴³ N.T.: o título original *Le pas de sens de l'interprétation* permitiria também, por homofonia, a seguinte tradução: “o passo de sentido da interpretação”.

Ele se dirige aos analistas para lhes dizer que, na análise, se opera a partir da equívocidade.

Tentemos compreender o que quer dizer operar a partir da equívocidade. Isto não é evidente, Lacan chega a dizer que é certamente “o mais difícil de tudo que ele teve de introduzir”. Lacan se refere aqui ao “inconsciente estruturado como o simbólico”, simbólico que não é fundado pelo sentido, mas pela equívocidade. Posto que o inconsciente é estruturado como o simbólico, opera-se na análise a partir do simbólico. Mas este simbólico, nos diz Lacan, tem como propriedade ser feito de equívocidade. E “o equívoco não é o sentido”, diz ele. Dito de outro modo, na análise não se opera a partir do sentido, mas a partir da equívocidade.

Em conferência na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, em 24 de novembro de 1975, Lacan observa a maneira como Freud procede e ressalta o fato de que ele se interessa bem mais pela estrutura languageira do sonho e por seus significantes do que pelo relato do sonho; destaca também que as interpretações de Freud se baseiam nos significantes. De sua leitura de Freud, Lacan depreende a definição de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Nesta conferência, ele o confirma, ele ratifica a importância do que pegou emprestado a Freud, porém com uma ressalva.

Que ressalva é esta? Ela se origina no passo suplementar dado por Lacan com o conceito de *lalíngua*. *Lalíngua* que “não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela”.⁴⁴ Mas *lalíngua* não é feita apenas de equívocos, ela é feita também de gozo. Com seu conceito de *lalíngua*, Lacan introduz a noção de gozo na linguagem.

Nessa etapa de seu ensino, com o conceito de *lalíngua*, Lacan insiste sobre a importância da língua materna, uma vez que os sintomas se constituem segundo o modo como a língua é falada e escutada pela criança pequena. Ele então completa a definição do inconsciente estruturado como uma linguagem com a definição de “o inconsciente feito de *lalíngua*”, ou seja, estruturado segundo o modo como a linguagem emerge de início em um sujeito. A ressalva, portanto, é esta: “o que cria a estrutura é a maneira como a linguagem emerge de início em um ser humano”,⁴⁵ e não apenas a linguagem como articulada pelos significantes. Ora, no modo como a linguagem emerge de início em um sujeito há equívocidade e gozo, no que constitui a estrutura do inconsciente há equívocidade e gozo. Se o inconsciente é feito de equívocidade e gozo, opera-se na análise a partir da equívocidade.

A experiência analítica mostrou que, para reduzir o sintoma, não basta desfazer a condensação do que está condensado na metáfora, deslocar o que foi deslocado na metonímia, é preciso tocar no gozo do sintoma, fazê-lo emergir. Mais além da decifração, a análise deixa ver a relação do sujeito com o gozo.

⁴⁴ Lacan, J. O aturdido (1973) in *Outros Escritos*, op. cit., p.492.

⁴⁵ Lacan, J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines” (Yale University, 24 de novembro de 1975), *Scilicet* 6/7, Paris, Ed. du Seuil, 1976.

Como fazer este gozo aparecer na análise? Não há outro meio senão a fala do analisante. Lacan esclarece em *O Seminário, livro 20: mais, ainda* que a linguagem é o único “aparelho do gozo”.⁴⁶

Para que apareça este gozo na linguagem, é preciso voltar a uma língua desembaraçada de todas as camadas da cultura e da civilização pelas quais ela foi recoberta, como ilustrado no pequeno exemplo do *Witz* de Freud.

O dispositivo analítico também permite o acesso a *lalíngua*, a língua que impregnou a criança e que é anterior à leitura e à escrita, uma língua totalmente feita de gozo e de equívocidade.

No seminário *R.S.I.*, Lacan indica como proceder na direção do tratamento, observando de forma precisa que não devemos alimentar os sintomas com o sentido. Alimentá-los com sentido seria interpretar o que se manifesta neles, atribuir um sentido ao que expressam. Ora, o sintoma é a consequência de um significante recalcado, um significante que foi censurado e que retorna transformado no sintoma, há, portanto, uma hiância entre o que foi recalcado e aquilo que o sintoma expressa. Atribuir sentido aos sintomas serviria apenas para reforçá-los. Por isso Lacan propõe que a interpretação não parta do sentido, mas da equívocidade, ou seja, propõe que a interpretação fique aberta a vários sentidos possíveis. A meta é reduzir o que faz sentido para o analisante, para que emerja o gozo do sintoma.

O trabalho de Lacan sobre a letra, a qual ele considera equivalente ao sintoma, permite circunscrever esta questão mais de perto. A letra vem marcar o lugar do significante que retorna. Logo, o significante não é diretamente legível, o que aparece sob a forma de letra no discurso do paciente precisa ser decifrado. Na definição de Lacan, a letra não é para ser lida, ela não faz sentido. Sua força lhe advém de um significante censurado. A letra é, então, um meio de acesso a este significante censurado.

As primeiras elaborações de Lacan sobre a letra têm início no seminário *De um discurso que não fosse do semblante*, exatamente na lição que dará lugar ao texto “Lituraterra” no qual ele representa de um modo bastante figurado como a redução do que dá forma, a redução dos semblantes faz aparecer o gozo. Até este texto, a forma para Lacan é da ordem do imaginário, é a forma no espelho com a qual o sujeito se identifica. Em “Lituraterra”, a forma é representada pelos semblantes, ou seja, pelos significantes, por todos os ditos do analisante. Os significantes são semblantes na medida em que eles vêm substituir um gozo proibido, eles mascaram o gozo. Na metáfora paterna, um significante vem no lugar gozo, ele substitui esse gozo, a metáfora traduz um mito e, como todo mito, tem estrutura de ficção. Parece-me que é neste sentido que Lacan chegou a dizer que os significantes que funcionam na estrutura da cadeia como metáfora são semblantes.

A interpretação a partir da equívocidade permite reduzir os semblantes, reduzir o sentido para que o gozo emerja.

⁴⁶ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (191972-73), *op. cit.*, p.75.

A análise tem efeito quando se produz um dizer que ex-siste aos ditos. A existência, tal como Lacan a escreve, por meio de duas palavras, está do lado de fora, mas ocupa também um lugar predominante e determinante. Ora, é a partir deste lugar que se pode produzir um efeito. Este é o resultado de uma interpretação, de um corte nos ditos do analisante ou, para dizê-lo de outro modo, de uma ruptura dos semblantes. “Essa ex-sistência”, declara Lacan em “O aturdido”, “é dizer, e o comprova por ficar o sujeito à mercê de seu dito, quando ele se repete (...)”.⁴⁷ Enquanto o analisante estiver à mercê de seu dito, enquanto ele apenas contar e voltar a contar os mesmos acontecimentos, as mesmas lembranças, as mesmas histórias, nada muda. É a emergência de um dizer que permitirá que se elabore um saber sobre o dito.

Para terminar, eu gostaria de lembrar o que Clotilde Pascual ressaltou na contribuição do Cartel 2 aos ensinamentos dos cartéis do passe: há uma lógica da análise que se sustenta, “por um lado, na lógica significante do sentido, por outro, nas descontinuidades significantes que, no discurso do passante, tem a ver com esta lógica.”

Sob o efeito de corte da interpretação, as descontinuidades se produziram em minha análise com o surgimento sucessivo de dois significantes, dois significantes que ex-sistiam aos ditos, permitiram que se produzisse um dizer. Dois cortes, duas interpretações, não no registro do sentido, mas no da equivocidade, duas interpretações que me permitiram dar um passo, um passo decisivo em direção ao fim da análise.

O sem sentido da interpretação, a interpretação que, em vez de produzir sentido, permanece suficientemente equívoca para deixar uma abertura a todos os sentidos possíveis, permite que, na análise, se produza um dizer. Na prática, trata-se da interrupção de uma sessão, do fato de marcar um determinado significante ou de uma pergunta que é feita ao analisante, durante todo o processo este tipo de interpretação funciona relançando a associação livre, até que se possa produzir um efeito na análise. Relançar a associação livre até que a interpretação produza o surgimento de um significante fora da cadeia, um significante-mestre, um significante do gozo. Este significante aparece como uma evidência. No espaço de um instante, com o surgimento desse significante que “não tem mais nenhum alcance de sentido”, *on le sait, soi*,⁴⁸ “se fica seguro de estar no inconsciente”, como acentua Lacan no “Prefácio à edição inglesa do seminário XI”. Este significante não é um semblante, pois o semblante, este do lado da lógica significante do sentido que mascara o gozo, mas uma letra, já que a letra se caracteriza por reunir as duas vertentes do saber e do gozo. O significante fora do sentido, fora da cadeia significante, esta descontinuidade significante, situando-se na ordem da equivocidade, reduz o sentido e faz aparecer o gozo.

Julho de 2010

Tradução: Vera Pollo

⁴⁷ Lacan, J. O aturdido (1973) in *Outros Escritos*, op. cit., p.487.

⁴⁸ N.T.: no original, *on le sait soi* poderia ser traduzido por “a gente sabe disso”.

Colette SOLER (França)

Colocar o real no seu lugar

Minha intervenção de hoje provém, que eu saiba, de três fontes: minha experiência dos passes escutados na EPFCL, minha leitura do “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, e também os debates que continuam nos nossos seminários e cartel, na França.

Cheguei à seguinte questão: como se articulam aquilo que Lacan chamou de o dizer da análise e o inconsciente real (ICSR), definido pelo caso de uma materialidade da palavra⁴⁹ fora do sentido? Em matéria de inconsciente, tudo passa pelo dizer: aquilo que se faz, assim como na análise, aquilo que se desfaz e se refaz. Tenho então como adquirido o fato de que o “saber falado” que é o inconsciente só pode se afirmar se “se diz”, no sentido do ato, e que o blá-blá-blá analítico só encontra seu final com a condição de que Um dizer se deposite, a partir de todos os ditos. O próprio nó onde Lacan inscreve o real, é preciso dizer, é uma observação de Lacan, se faz pelo dizer. Quando ele se sustenta, o real e o sentido estão enodados. Portanto, os gozos também estão enodados, aquele que se inscreve pela letra fora de sentido do real, e que está entre o real e o simbólico, e aquele que Lacan escreveu *joui-sens*,⁵⁰ entre o imaginário e o simbólico. Se o enodamento falha, o sujeito pode se manter todo no inconsciente real (ICSR), como o Joyce de *Finnegan’s Wake*, ou todo na mentalidade como Pessoa, de quem, para minha satisfação, anunciou-se para meados de junho um texto inédito a mais, desta vez contos policial, cujo detetive resolve todo o enigma sem recorrer às evidências da experiência, somente através dos arazoados da mentalidade.

Como, então, situar a articulação entre o dizer e o inconsciente real (ICSR)? Esta questão me parece crucial para o passe, e o “Prefácio”, a meu ver, a ela responde, mesmo que implicitamente, quando Lacan escreve “Sou um poema”. Sou um poema, e não um poeta, ou seja, determinado pelo poema que sou sem dele ser o autor, o artífice.

Ora, o que é o poema? Fala-se, às vezes, como se ele fosse uma formação do inconsciente real (ICSR), letra gozada fora do sentido. Mas não é este o caso. É certo que o poema maneja a materialidade da língua, às vezes com genialidade, e pode-se até gozar de sua musicalidade sem passar pelos ditos. Mas um poema é um dizer, e é a este título que ele é recebido, mesmo quando se trata da poesia surrealista mais hermética. Segundo Lacan, o dizer do poema é até mesmo o “dizer menos besta”. O poema se serve do significante que, por si mesmo, é besta, quer

⁴⁹ N.T.: no original *motérialité*, neologismo de Lacan que combina o significante *môt* (palavra) com *matérialité* (materialidade).

⁵⁰ N.T.: *Joui-sens* joga com a homofonia “gozo do sentido” e *jouissance* (gozo) e também com *j’ouis sens* (eu ouço sentido).

dizer, fora do sentido, para produzir um sentido inédito, que deixa “em branco” o chamado senso comum. O poema é então um nó do real e do semblante, no qual o gozo da letra e o gozo do sentido estão par a par. O fato de Lacan acrescentar, a propósito do poema, que ele “se escreve”, não faz objeção ao que acabo de sublinhar, pois o que se escreve em uma análise é um traço do dizer, da palavra que, por sua insistência, traça sulcos. Ver a este respeito “Lituraterra” e *Mais, ainda*.

Assim, quando Lacan escreve no “Prefácio” sou um poema, é preciso não se enganar. Isto não quer dizer sou o inconsciente real (ICSR) ou sou o sintoma. Foi sobre Joyce que ele pôde dizer que ele é o sinthome. Eu sou um poema quer dizer eu sou um sintoma, já que ele nomeia como sintoma o dizer que preside ao enodamento das três ditas-menções⁵¹ e à configuração do gozo que resulta disto. Não percamos de vista que em 1976, data do “Prefácio”, todas as elaborações sobre os nós estão como pano de fundo do que Lacan produz. Com o dizer sintoma então, a letra fora do sentido que faz o inconsciente real, não está sozinho, está enodada ao sentido. Assim, não é simplesmente por credulidade transferencial que cada um de nós procura o sentido do que ele é e daquilo que lhe acontece. De fato tudo que advém numa vida, como na história, é vivido no registro do sentido que eu dou a tudo que advém.

É que o sentido que se aloca entre o imaginário e o simbólico tem o peso próprio como vetor de gozo, dito de outra forma, ele é operante por si próprio. A verdade não-toda não é toda poderosa, é claro, mas certamente não é também toda impotente. Seu meio-dizer pode bem mentir irremediavelmente sobre o fora de sentido, mas ele não o impede: este meio-dizer se sustenta de um real, o do objeto *a*, cuja falta não cessa de se escrever, e que é portanto necessária, inerente ao “que se diga”.⁵² Não se pode então opor os semblantes e o sentido de um lado, e do outro a letra do sinthoma como se o gozo estivesse todo deste último lado. Se Lacan escreveu *jomi-sens* em duas palavras, sentido gozado, é justamente porque o gozo está por toda parte e dá consistência não apenas ao sinthoma real fora do sentido, mas também aos próprios semblantes. Esta tese é, além do mais, implicada por sua própria definição do discurso como ordem de gozo, regulada pelo semblante.

A manifestação fundamental do inconsciente real é o sinthoma que faz *existir* o inconsciente no real. Para situar a função disto eu recorro a segunda conferência sobre Joyce, contemporânea do “Prefácio”. Falando sobre o gozo próprio ao sinthoma ele diz: “gozo opaco de excluir o sentido”. E acrescenta: “só há despertar através desse gozo. Ser pós-joyceano é saber disto”. Eu poderia glosar dizendo: ser pós-joyceano é saber a miragem da verdade que toda elaboração da transferência atesta e que se prende à estrutura da linguagem. É também saber, por outro lado, sua mentira, que é outra coisa diferente da miragem, e que só se percebe com a condição de levar em conta aquilo que não mente, ou seja, o real do

⁵¹ N.T.: *dit-mensions*: neologismo criado por Lacan que une *dit* (dito) com *dimensions* (dimensões).

⁵² N.T.: alusão à celebre frase de Lacan em “O aturdido”: “que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se escuta”.

sintoma, pela boa razão de que ele não fala, mesmo que ele provenha da *lalíngua* falada.

O tema do despertar para o real, que consistiria em se acordar do sentido, teve sucesso, por causa de Lacan, e por vezes levou alguns a se aferrar ao despertar, esquecendo, sem dúvida, que Lacan também disse: não há despertar possível. Ele prossegue, além do mais, a frase que acabei de citar dizendo: “só há despertar por este gozo, mesmo que desvalorizado pelo fato da análise recorrer ao sentido para resolvê-lo, e não tem outra chance de consegui-lo a não ser se fazendo de tolo... do pai, como eu indiquei”.⁵³

Sublinho o significante “desvalorizado”. Esta frase diz que a análise desvaloriza o gozo fora do sentido, já que ser “tolo” do pai, do dizer do pai ou do dizer-pai é se orientar sobre os semblantes e o sentido. E isto implica em que, vocês o sentem, a psicanálise não pode ser joyceana: pode, no melhor caso, ser pós-joyceana, se ela não desconhece o real fora do sentido e, no pior, ser pré-joyceana, se ela ignorar o inconsciente real (ICSR). É para se contrapor a esta última alternativa que Lacan consagrou seus últimos anos, e eu penso que esta é a alternativa para a psicanálise hoje: pré ou pós.

Lacan quis acordar a psicanálise? O tema prossegue, mas eu acredito mais que ele quisesse acordar os psicanalistas, o que não é a mesma coisa. Querer acordar a psicanálise quereria dizer que se poderia aplicar a ele o que ele próprio dizia de Joyce com respeito à literatura, ou seja, que querer acordá-la “é assinalar bem que ele lhe desejava o fim”. Poder-se-ia dizer a mesma da psicanálise: acordá-la do sentido seria acabar com ela.

Em que Joyce ilustrou a psicanálise? Pelo manejo do significante fora do sentido e pelo gozo do sintoma sem nenhuma espécie de sentido, ele ilustrou o que faltava à psicanálise para limitar a deriva do sentido. Entretanto Joyce não ilustra a desvalorização deste gozo que exclui o sentido, esta desvalorização é o que é próprio à psicanálise. É isto que implica o “Prefácio”: o gozo fora do sentido do sintoma permite por um fim ao tratamento, ou seja, à deriva infinita do sentido, à deriva da verdade, portanto. Mas o texto marca o limite: ele põe um término ao tratamento, mas não à psicanálise, e o passe consiste justamente em provocar a continuação do dizer analisante, para além da análise finita – que ele diga o que percebeu de como e por que toda a aventura se deu e terminou.

Concluo, portanto sobre a questão da articulação: o real do gozo opaco do sintoma é “antinômico a toda aparência de verdade”, o que quer dizer que ele nada deve à verdade biográfica como sabemos. Mesmo que ele seja datável, o real permanece em disjunção e é indedutível da verdade do sujeito. Mistério. Bem, sobre este real, que deve ser levado em conta, o dizer da análise não pode fazer mais do que reconhecer-lo e “colocá-lo” em seu lugar, lugar onde ele faz tampão ao buraco da verdade e de onde o sentido... foge. O real, como “falta da falta”, e nós sabemos que a falta é a do objeto, marca o limite do elucidável. Pode-se dizer a este respeito, impossível, impossível de elucidar, mas é um impossível cuja abordagem é

⁵³ N.T.: o Seminário 22 de Lacan se intitula *Le non dupes errent*, “Os não tolos erram”, homófono em francês a *Les noms du père*, “Os nomes do pai”. *Se faire la dupe* é fazer-se de tolo... do pai.

nova. Ele não se demonstra pela via da lógica, ele se manifesta como afeto. Os afetos do real são do horror ou da angústia se se prefere, à satisfação do fim.

Colocá-lo em seu lugar, no que se refere ao real, é a expressão com a qual termino: seu lugar de tampão no nó, nó de onde eu remanejo o poema borromeano que eu sou. Isto deixa intacta a questão do saber fazer (*savoir faire*) do poeta, e do bom e do mau uso que disto possam fazer os psicanalistas. O bom uso, creio eu, seria tomar o grão de seu dizer no testemunho do passe e naquilo que dizemos da psicanálise. Este poema que, sem nomeá-lo assim, o analisante recusava no início da análise, e foi esta mesma recusa que o trouxe para análise, deste poema, portanto, ele não é o autor, e no entanto ele pode ensiná-lo no final.

Disto, porém, ele só lê migalhas — ponto sobre o qual eu insisto. No final, o sujeito fica exposto às manifestações da *lalíngua* que o ultrapassam. Com a *lalíngua*, Lacan replica ao *Wo es war, sol Ich werden* de Freud; eu o cito: *lalíngua* “é um saber ao qual é impossível o sujeito se reunir”. Eis o que deveria nos precaver de todo vocabulário de acesso, acesso ao real, acesso ao gozo, acesso ao despertar. Não se ascende ao real, ele se manifesta sem o seu acordo. Não se ascende ao gozo fora do sentido, ele os mantém cativo sobre suas diversas formas. Não se ascende, mas pode-se ceder sobre o “não quero saber nada disso” e ter uns vislumbres — porém pontuais e efêmeros, Lacan o sublinha. Seria igualmente escaboso valorizar o despertar pelo real, que só existe na psicose, e assim mesmo não em todas. Sem isto correríamos o risco de produzir uma idealização do passe pelo despertar, que seria apenas um outro “não quero saber nada disso”, desta vez sobre o impossível, e isto não deixaria de nos dar ares de sonâmbulos.

Não há despertar do real que se sustente, como Lacan dizia que não há amizade que se sustente, mas mesmo assim, há relâmpagos. Aliás, um relâmpago não se sustenta, é um lapso, um lapso de tempo que jamais dá fim às trevas no entorno, mesmo que se possa lembrar do vislumbre. No que nos diz respeito, as trevas são do inconsciente-*lalíngua*, cujos efeitos são incomensuráveis em relação a tudo que eu possa dizer sobre isto, e cujas manifestações continuam a me assaltar, mesmo depois da análise. Isto não tem fim, e, Lacan o sublinha bastante, a leitura-toda, no que diz respeito à *lalíngua*, não existe. O não-todo do final é também um não-todo ler. Donde esse final de análise, cuja marca própria é a mudança de posição, quer dizer, de afeto, com relação ao real e à verdade impossível.

Esta mudança, que vai do horror à satisfação, vale como conclusão, pois o afeto testemunha que o real foi posto em seu lugar por e no dizer do analisante. Tal é enfim o efeito terapêutico-epistêmico da psicanálise. E este é o único que se sustenta.

Tradução: Maria Anita Carneiro Ribeiro

Cora AGUERRE (Espanha)

Fim de análise, passe e Escola

O momento do fim de análise é esperado, porém não é pensado nem calculado. Produz-se por surpresa. Aparece um nada mais que dizer, um limite à associação livre e à certeza súbita de que o gozo do inconsciente deu suas razões. O vazio, o furo, é um real de que nada se pode dizer. No final, a falta, o furo, o desamparo aparece de um modo radical. Contudo este momento deixa entrever coisas suportáveis, há a leveza e o poder fazer com o desamparo. A leveza, o que se alivia é efeito da travessia da fantasia. O fim de análise permite suportar sem recobrir o furo central, que é um real do qual nada se pode dizer, um limite.

O analista do lado do objeto permitiu o desdobramento dos significantes. Estes significantes, com os quais o sujeito se encontrava representado, caíram e a falta do Outro aparece daí em diante sem véu, deixando o sujeito do lado do objeto. No decorrer do tratamento era efetuada uma certa repartição, o analista alojava o objeto e o significante estava do lado do sujeito. Ao final, o sujeito é confrontado com a castração sem disfarces. Este é o momento do passe clínico, do relâmpago a que se refere Lacan na “Proposição de 1967”, que por um instante ilumina, dá luz a uma zona que parecia em sombra.

O final não dá uma solução à divisão do sujeito, mas a reforça. Longe de desaparecer, esta divisão aparece sem véu a partir da queda do objeto. A partir deste furo o desejo opera como motor e tem efeitos surpreendentes, porque o desejo vai mais além do calculado e surpreende. O entusiasmo e a passagem de analisante a analista ocasionada por esta falta central são os efeitos do fim. Encontro com a causa. Isto marca um corte e permite um novo nó que mantém o furo central e que tem efeitos na clínica e na transmissão da psicanálise.

O efeito de satisfação, a partir do momento que ele aparece, marca o final. A liberdade conquistada, o fato de não estar em dívida e de orientar-se a partir do que é próprio a cada um, do que se estabeleceu no processo são sinais do fim. Trata-se de um ponto fixo no qual o sujeito se reconhece e se aceita. Lacan fala da resolução da incógnita da equação na saída da análise em seu texto “Proposição de 1967”. O reconhecimento neste ponto fixo dará a diferença absoluta, o princípio de alteridade absoluta do caminho percorrido que terá como efeito a relação com o outro como radicalmente outro o que traz uma pacificação e um novo modo de viver. O limite concerne ao “não há relação proporcional sexual”. O reconhecimento da diferença a partir da particularidade da solução que cada um constrói facilita o encontro com o outro como outro. O gozo fixado ao objeto deixa lugar a um gozo possível, ancorado na alteridade, na diferença.

O fim da análise supõe o passar da impotência ao impossível. Na fantasia há uma ficção do Outro que vem corrigir a inconsistência do Outro. O sujeito não

constrói esta ficção a partir do nada, mas em função de sua história, de seus encontros e desencontros. O sujeito se esforça para completar o Outro e neste jogo assume o quê não é de sua responsabilidade, o quê não está a seu alcance. Responsabiliza-se para não ver que isso não é possível. No final, a ficção se faz evidente e aparece a inconsistência do Outro. O final passa pelo que não pode ser, e que remete ao impossível. A castração do Outro é uma versão de sua própria castração que a neurose procurou recobrir durante todo tempo.

Quando a castração aparece a partir da queda do objeto, do atravessamento fantasmático, a transferência cai. O analista que ocupou o lugar de semblante de objeto durante o tratamento passa de “objeto *a*” a “Outro barrado”. A virada do final consiste em uma inversão que permite ao sujeito alcançar o ser. Na análise, o sujeito se mantém na indeterminação, deixando o ser do lado do analista. No início, o sintoma da transferência e a falta a ser e, no final, o sintoma fundamental e o ser de gozo.

O final supõe a perda da indeterminação. O sujeito se desprende da cadeia de sua história, da cadeia que o constituiu. Trata-se de um momento de conclusão e de franqueamento do “não quero saber”.

O Passe

As identificações às quais estava sujeito aparecem claramente no final, assim como o lugar no Outro onde o sujeito se alojou, pelo menos assim tem sido em minha experiência. Poder realizar algumas precisões a respeito do desejo do analista exigiu um tempo de trabalho como analista da própria experiência.

O que é um analista e o que esperar do analista? Estas perguntas atravessam o ensino de Lacan e nos textos institucionais encontramos valiosas indicações e orientações. O que leva alguém a ocupar esse lugar, esse lugar de dejetos? No texto de Lacan “Sobre a experiência do passe”, ele explica que no momento do passe há que verificar, “por que alguém assume este risco louco, enfim, de tornar-se isto que é o objeto *a*”. Ele precisa igualmente que o passe é o dispositivo que permite a alguém se autorizar por si mesmo, ou que está perto de fazê-lo, comunicar isto que decidiu e porquê, e introduzir-se em um discurso do qual, nos diz, não é fácil ser o suporte.

Essas perguntas estão no coração do passe e da Escola. Na criação de sua Escola, Lacan aborda a questão do real na experiência psicanalítica. A fantasia, sua travessia, a história mentirosa, que é mais facilmente deduzível, porém poder precisar as questões subjetivas que precederam o encontro com a psicanálise e que se decidiu no tratamento para que o produto do mesmo seja o desejo do analista, na minha experiência, requereram um trabalho mais além do dispositivo analítico. De início, o sintoma e o encontro com um analista me permitiu a abordagem do sintoma a partir da associação livre. Esse encontro foi apaixonante, pois ampliou minhas perspectivas e me fez descobrir a partir de minha própria experiência o campo do inconsciente. O desejo de saber estava posto em jogo, assim como a crença de que tudo que alguém poderia dizer teria um sentido. Ao final, o sentido se quebra, o fora de sentido aparece, assim como o quê foi a resposta do sujeito. É

realmente um franqueamento ao que não-todos sujeitos em análise desejam chegar. Alguns interrompem antes. Ao final da partida, a certeza e a resposta ao enigma.

A via de entrada é o sintoma, a pergunta e o padecimento. O tempo de compreender, da trama, é um tempo longo, o tempo da dúvida, da indecisão, e, finalmente, o tempo de concluir se precipita, é o fim da verdade mentirosa à qual o sujeito estava enganchado. Na cadeia da história, na cadeia constituinte, há um gozo que captura o sujeito. A cadeia inconsciente, da pulsão, se decifra a partir da associação livre. Ela é consistente, insistente, porque ela se mistura ao gozo.

Como deduzir o desejo do analista no final? Ele aparece a partir do furo central que opera no nó borromeano, mas também se engancha de maneira particular ao *sinthome* de cada analista, o que dará distintos estilos de analistas. Cada analista porta sua marca, e dela poderá dar conta no passe, no um por um, acerca do que os levou a essa decisão louca de aceitar converter-se naquilo que é o objeto *a*. Isto é o que se espera do passe: que cada um consiga localizar o que o levou no íntimo a esta decisão. Ninguém se torna analista pelo que sabe, trata-se de outra coisa, de um real em jogo. real em jogo na formação do analista que está no coração mesmo da experiência, e justamente porque se trata de um real em jogo é difícil de dizer, de cingir com palavras. Lacan se refere à passagem de analisante a analista como essa junção do quê se ocupa e do quê a Escola pode dedicar-se a dissipar. Obra pela qual o trabalho de Escola é necessário e que não se realiza sozinho.

Trata-se, como nos diz Lacan em um texto muito vivo “A experiência do passe”, de uma experiência radicalmente nova, o passe não tem nada que ver com a análise. Na análise, a associação livre e, no passe, o testemunho disto que foi a dita experiência para o sujeito e a transformação que se operou. O gozo também está implícito na cadeia, o gozo ao qual o sujeito estava amarrado e do qual se desprende e do qual se desprende também na experiência do passe, porque o passe, pelo relato feito do percorrido supõe uma perda, pois implica um ponto suplementar de separação. A imagem que melhor o evoca para mim é de uma casca da qual alguém se desprende e que cai. Um desprendimento e uma nova perda, pois aquilo que estava guardado como um tesouro, a história, o íntimo, perde sua importância. O relato recobre a estrutura de ficção e circula.

Decidir fazer o passe supõe colocar um ponto final, supõe a determinação de conduzir o passe até lá... Isso implica um limite, uma decisão, um ato que marca um antes e um depois.

Na análise, o quebra-cabeça está em fragmentos, porém no passe, no que é transmitido, se trata de seguir o fio, de argumentar a partir disto que se constrói e de suas consequências. A experiência teve para mim um efeito de amarração ao se ligar ao percurso através do relato. O passe supõe ir mais além ao percurso e um ponto suplementar de passagem para o “horror ao saber”.

A experiência do passe supõe o compromisso com a Escola, lugar privilegiado de formação e de confrontação com colegas. Enfrentar o passe supõe justamente colocar a prova, tentar identificar alguma coisa desse real em jogo na formação do analista. real em jogo também nas instituições analíticas.

Na minha experiência, o desejo, o interesse suscitado pelo passe existia desde muito tempo. Ele existia antes mesmo de terminar minha análise, porém eu estava com dificuldade de poder dizer algo que fosse próximo a esse desejo em jogo. Eu o percebia, mas sem a clareza suficiente. Além disso, a possibilidade de nomeação me fazia recuar por causa da perspectiva de compromisso e do temor que ela produzia. É quando decido fazer o passe com os riscos que esta experiência comporta, que a nomeação como possibilidade é aceita, algo com o qual eu ia conseguir fazer alguma coisa.

O poder fazer com a nomeação faz parte do processo e da escolha de ser membro da Escola, pelo lugar central que o passe tem nela.

Como resposta à decisão, aparece um sonho que me conecta com a infância. Nele, estou em um parque infantil, num dia ensolarado, com uma agradável sensação de leveza. Há um túnel, eu me aproximo e ao fundo percebo um rato e seus filhotes. Vejo o olhar do rato e desperto. O horror é tal que durante um tempo não posso nem pensar. Entretanto sei que há ali alguma coisa de fundamental que me toca. A sensação de rejeição é muito forte e se manifesta no corpo como repulsa. O rato parece estar dormindo, porém me olha através de um olho. Representa o pulsional em jogo. Aparece um gozo que está em jogo desde a infância. Durante muito tempo eu havia pensado que era o Outro que me colocava nas confusões, nas embrulhadas, que me dizia ainda, que me usava como confidente, porém no sonho aparece claramente que isso não vinha do Outro, mas que tudo isso era meu. A curiosidade era bem presente, assim como o meu interesse por aquilo que era descartado pelos outros, pela miséria. Mover-me através do submundo. Aparece o olhar posto em jogo, olho e vejo, já não há véu. O que vejo é o outro lado de meu ser de sujeito, o inverso de como fui nomeada. Desperto com horror. Não posso pensar neste sonho, eu o rejeito e ele me faz estremecer. Aparece o horror de saber sobre isto que me é pessoal, sobre o que está ali desde a infância e marcou um estilo, um maneira de fazer e de estar.

Sabia sobre isso, porém no sonho aparece de um modo descarnado, e toca o real.

O que aparece no sonho está do lado do *synthome*, quer dizer, do que permite fazer laço e estabelecer um nó entre gozo e desejo, entre um gozo que fixa e um desejo impossível de dizer tudo. Este modo de fazer, este interesse desde que eu era criança, para saber como fazem os outros com as questões que concernem à vida, à morte e à loucura, que marca certa orientação em direção ao real, um querer saber por que o saber me aliviava. Isso movia minha curiosidade, era do que queria saber e o buscava no que via e escutava e também através da literatura. Nunca encontrava aquilo que buscava, a solução, o como fazer com os enigmas da sexualidade, o amor, a vida e a morte e a loucura. Isso atrapalhava meu interesse e me absorvia. À medida que a análise progredia podia ampliar o campo de interesses, pois o alívio me permitia interessar-me por outras coisas.

No início da análise e da decisão de formar-me como analista, a psicanálise existia como ideal. Ela era atraente e eu a achava com um brilho particular. No que aparece no sonho já não se trata de psicanálise como ideal, mas antes de horror de

saber o que há posto em jogo neste desejo. Não há véu, e o desejo do analista aparece conectado com aquele desejo da infância. É o interesse por aquilo que para os demais é rejeitado, pela sujeira e pela miséria humana. A partir dessa perspectiva, o desejo do analista se conecta com o infantil, como resposta ao real presente na infância.

O sintoma particular de algum modo permite abrochar o desejo do analista como efeito da análise. Não se trata de buscar a verdade como no início, nem de resolver a partir do Outro o enigma, nem de escutar por voracidade. Trata-se de escutar a partir do furo, a partir do que não há, a partir de seu próprio horror de saber.

O saber não está todo cosido, devemos inventá-lo, nos diz Lacan na “Nota italiana”, e a Escola, como lugar de encontro, de intercâmbio, de colocar à prova nos permite avançar nesta direção. A Escola não é confortável, porém tem a função de colocar-nos a trabalho, de funcionar como estimulante, de forçar-nos a dar razões, a expor, a colocar à prova não somente no passe, mas também continuamente no trabalho com os colegas. A Escola nos divide, sempre nos move, e se não há um incômodo excessivo que não permite o trabalho e funciona como resistência, uma Escola um pouco incômoda, uma Escola onde ninguém pode se acomodar, instalar, não é mal para o analista.

15 de junho de 2010

Tradução: Consuelo Pereira de Almeida

Elisabete THAMER (França)

O passe não-todo: a prova do passador⁵⁴

O termo “passe”, escolhido por Lacan para designar o dispositivo de Escola que visa recolher os testemunhos de fim de análise, é um termo ainda mais preciso ao considerarmos os impasses implicados nessa transmissão. São impasses da estrutura, pois o nó central desta experiência não é articulável em palavras: o objeto, “que resta atravessado na garganta do significante”;⁵⁵ o desejo, “incompatível com a palavra”;⁵⁶ *lalíngua*, que é neológica e não serve para a comunicação nem para o diálogo;⁵⁷ e o inconsciente real, fora do sentido e que, como disse Colette Soler em um dos últimos seminários de Escola, se tentamos pensá-lo, não estamos mais nele.

Lacan, no seu texto “A propósito da experiência do passe e de sua transmissão” (1973), comentando a ideia de que o passe seria um tipo de “clarão”, evoca um fragmento de Heráclito. Eis a citação:

Isso não pôde não suscitar em mim o eco de uma frase célebre de Heráclito, que Heidegger comenta em um livro publicado recentemente em francês, e que diz: *τας παντα οιακιπζει κεραυνος* [*ta panta oiakizei keraunos*].⁵⁸ O que quer dizer: ‘o trovão rege *τας παντα* [*ta panta*]’ — é intraduzível. Diels, que recolheu os fragmentos de Heráclito e fez deles uma compilação de algum modo definitiva, autenticada, traduz por ‘universo’, o que é falsificar tudo. *Τας παντα* [*ta panta*] é algo como ‘os todos’, ‘os todos’ enquanto diversos, enquanto ha um monte de todos. Ha um monte de todos que são radicalmente distintos. “Os todos, é o clarão que os rege”. O clarão pode, talvez, dar um pequeno empurrão em direção ao universo, mas ele demonstra seguramente que não há.⁵⁹

O que eu gostaria de destacar desta citação não é tanto a imagem do ‘clarão’ — que já foi demasiado comentada entre nós, mas *ta panta* — “os todos”. *Panta* é um termo grego caro a Lacan, termo que ele extrai entre os impasses da lógica aristotélica para construir a noção de “não-todo”.

“Os todos, é o clarão que os rege”. A tradução de Lacan — e penso que ele tem razão em traduzi-lo assim — devolve ao fragmento de Heráclito seu caráter paradoxal. O clarão do passe não rege tudo, nem todos. O clarão do passe não rege tudo, restam forçosamente zonas de sombra.

⁵⁴ N.A.: em francês, *l'épreuve du passeur*. O termo *épreuve* guarda o sentido tanto de *experimentado*, vivido na experiência, quanto de *experimentado*, e ainda de *posto à prova* e *provação* (acepção esta que conota sofrimento). Mas também traz a ideia de *prova*, tanto no sentido de *provar* (uma verdade, por exemplo), como de *provar* (um gosto, um sabor). Em nossa língua brasileira o termo *prova* corresponde bem ao que considero como o vivo da experiência de passador.

⁵⁵ Lacan, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, op. cit.*, p.255.

⁵⁶ Lacan, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958) *in Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p.647.

⁵⁷ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73), op. cit.*, pp.188-9.

⁵⁸ N.A.: trata-se do Fragmento 64 de Heráclito.

⁵⁹ Lacan, J. À propos de l'expérience de la passe, et de sa transmission, *Ornicar? “Sur la passe (Spécial)”*, nº 12/13, Paris, dez. 1977, p.121.

Como introdução, relembro como o dispositivo do passe é uma experiência “não-toda” para cada um de seus atores:

- do lado do passante, que tenta transmitir o essencial de sua experiência aos passadores, apesar dos impasses inerentes à estrutura da linguagem. Ele não sabe o que os passadores entenderão do que ele testemunhou, nem como eles vão transmiti-lo ao cartel do passe;
- do lado do passador, pois ele não dispõe de nenhum modo de instrução para exercer sua função; ele não sabe tampouco o que o cartel entendeu do que ele apresentou. Ele sai do dispositivo sem participar da elaboração do cartel e sem ser informado do resultado;
- do lado do cartel, que deve por sua vez decidir a partir do que ele ouviu dos passadores, sem encontrar diretamente os passantes.

Cada um dos atores só tem acesso, portanto, a um pedaço da experiência.

Ao preparar esta intervenção, me interessei de mais perto pelos textos dos colegas que, como eu, provaram a experiência do dispositivo do passe enquanto passadores. Na leitura desses textos, constatei que a experiência de cada passador é, e permanece sendo, radicalmente singular. Singular quanto ao efeito sobre o próprio passador ou do que ele retém da experiência. E tal singularidade, nós a encontramos mesmo quando se trata de dois passadores que escutaram um mesmo passe que resultou em nomeação de AE. Assim sendo, como desenvolveu Pascale Leray em seu texto “A prova do passador”, não há identificação para o analista, não há tampouco identificação para o passador.

Eu lhes falarei então de alguns pontos extraídos de minha própria experiência no dispositivo.

Nos textos dos passadores, encontramos um único traço em comum: o da surpresa do primeiro telefonema que lhes informa que eles foram sorteados para exercer essa função. Quanto a mim, eu diria que foi uma surpresa, porém “uma surpresa que não o era de fato”. Foi a frase que me ocorreu no momento mesmo do telefonema. Explico-me: eu não havia sido de modo algum informada dessa designação por meu analista, mas eu sabia que atravessava na minha análise um momento crucial que se distinguia de tudo o que eu tinha podido atravessar anteriormente, algo de inédito. Um dos efeitos desse momento crucial foi que eu tinha decidido pedir para ser membro da Escola. A contingência fez com que, no momento mesmo em que eu escrevia minha carta à Escola, o telefone tocasse... Isso procede da contingência, sem dúvida, mas me demonstrou também o rigor lógico que liga uma análise e uma escola orientadas pelo passe: a de meu analista autenticando esse momento clínico, meu “desejo” de escola como uma das consequências desse momento e o sorteio pelo passante. E óbvio que eu não hesitei nem um segundo em aceitar essa função.

Eu escolhi abordar um momento de minha experiência de passador no qual eu situo um ponto importante dessa “prova”: o meu encontro com um dos cartéis do passe. O passe que eu tinha escutado era, a meu ver, uma verdadeira épura de um longo percurso analítico. Um testemunho bem amarrado, que não se perdia em

detalhes biográficos supérfluos e que transmitia o essencial da hystoria (com y) de sua análise, com ênfase na irrupção conclusiva de alguns elementos de *lalíngua* como consequência de uma interpretação de seu analista. O testemunho me pareceu claro, uma verdadeira demonstração.

Entretanto, logo no início de meu encontro com o cartel do passe, cuja escuta era bastante atenta, eu tive a impressão que os membros do cartel não ouviam a mesma coisa que eu havia ouvido, o testemunho “não passava”, eu retomo aqui a expressão de Mireille Schemama-Erdös (“Un mot, deux passes”).⁶⁰ Tudo isso aconteceu, claro, sem que o cartel manifestasse diante de mim suas opiniões. Eles me colocavam perguntas simples na maior parte das vezes, às quais eu não podia responder pelo simples fato de que o passante não havia evocado certos temas, nem eu tampouco o havia interrogado. Para dizer a verdade, tais questões não me tinham sequer aflorado.

Ao sair deste encontro, experimentei certo mal estar. O que tentarei detalhar agora são exatamente as questões que me ocorreram neste momento preciso, no qual o passador entende algo e o cartel não. Espero lhes mostrar como vivi este lado não-todo da experiência do passe.

1) A primeira ideia que me atravessou foi que “eu não tinha feito bem meu trabalho”. Asserção esta que tinha a ver, evidentemente, com um resto de meu próprio sintoma. Esta ideia não era de fato uma resposta, pois, simplesmente, havia outro passador!

2) A segunda ideia, ainda nessa linha do “*mea culpa*”, foi a seguinte: “mas eu não tenho experiência como passador!” Ideia que também não se sustentava, visto que nada me assegurava que eu seria sorteada uma outra vez. E mesmo que fosse o caso, nada indica que se possa fazer uma série. Aliás, me parece melhor que o tempo e/ou a quantidade de passes sejam limitados para cada passador.

3) Em seguida: algumas das questões colocadas pelo cartel eram realmente essenciais?

4) Finalmente, refleti também sobre a genialidade do dispositivo de Lacan. É possível que entre os ditos de um testemunho surja um dizer que, de alguma maneira, os contradiga.

Como podem constatar, nenhuma de minhas elucubrações me permitiu encontrar um refúgio para essa prova. Ela permanece para mim como uma experiência indecível, que desvelou a dimensão contingente, de risco no sentido forte implicado no dispositivo.

Todas essas questões ocupavam minhas reflexões quando houve o primeiro encontro internacional de Escola, em Buenos Aires, ao qual assisti. Este encontro foi fundamental para mim. Lá, eu percebi que a questão do passe, do que se espera encontrar nos testemunhos de fim de análise, não era unânime. Eu pude escutar nas intervenções de membros dos carteis que eles também são embaraçados com o que eles encontram ou não nos testemunhos e que isso depende, em parte, da orientação que eles têm — se posso me exprimir assim —, segundo os diferentes

⁶⁰ Texto disponível em: <http://ebookbrowse.com/un-mot-2-passes-mireillel-schemama-pdf-d112631430>.

momentos do ensino de Lacan quanto ao passe. Este encontro produziu um efeito em mim: primeiramente, eu “desidealizei” os cartéis do passe aos quais eu ainda atribuía, talvez, UM saber incontestável, um saber-tudo. Eu constatei igualmente a importância do trabalho que a Escola deve efetuar quanto a essa questão, especialmente se tomamos como referência o texto do “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”.⁶¹

Devo dizer, então, que foi a partir desse momento, em Buenos Aires, que eu efetivamente realizei a dimensão não-toda do conjunto do dispositivo. Digamos que antes eu tinha dela uma apreensão formal. realizei igualmente que, se nada orienta a escuta do passador senão sua própria experiência de passe, passe que ele, “o é ainda”, segundo Lacan na “Proposição”,⁶² o trabalho da Escola tem efeitos sobre o exercício de sua função. Aliás, isso me parece válido para todos os atores do dispositivo.

Paradoxalmente, talvez, a constatação dessa dimensão não-toda do passe tornou mais leve o exercício de minha função de passadora. Não me privei mais de colocar todas as questões que um testemunho me suscitava. Como “placa sensível” do dispositivo, nas minhas questões ao passante, passei a tomar também em consideração alguns aspectos que poderiam ser importantes para o trabalho do cartel. Aliás, os passantes dizem sem hesitar se essas questões são ou não importantes para o que pretendem transmitir. Aprendi igualmente com essa prova que o passante sabe mais do que ele diz durante o seu testemunho, pois, como disse Lacan na “Nota sobre a escolha dos passadores”, “este saber deve ser construído com seu inconsciente” e este saber pode não ser conveniente “ao balizamento de outros saberes.”⁶³ Para tal, justamente, é necessário um passador.

Essa experiência abriu para mim um vasto campo de reflexão sobre a questão da transmissão da experiência analítica, especialmente com respeito aos passes cujo desenlace da análise é construído em torno de “significantes disjuntos”, como disse Clotilde Pascual (Cartel 2). Passes nos quais elementos esparsos de *lalíngua* — radicalmente singular e fora de diálogo — têm um papel crucial. Esses momentos de passe, frequentemente fulgurantes como um clarão e inesquecíveis para o passante, podem não passar se eles não são ligados à dose de hystorização necessária para testemunhar sobre a verdade mentirosa da qual o sujeito de livrou. A luminosidade do clarão do momento de passe pode deixar na sombra certos elementos da análise, fazendo impasse à transmissão do saber adquirido.

O papel do passador é crucial nesse lugar preciso: o de fazer passar à luz, se possível, o *index* de uma satisfação inédita, apesar dos impasses da estrutura.

Eu gostaria de agradecer aos passantes, ao analista que me designou passadora, aos membros dos cartéis e à Escola por essa experiência.

⁶¹ Lacan, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 (1976) in *Outros escritos*, *op. cit.*, pp.567-9.

⁶² Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967) in *Outros escritos*, *op. cit.*, p.260.

⁶³ Lacan, J. *Dispositif passe et passeurs. Note sur le choix des passeurs* (1974). Inédito. Disponível em: <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/passeur.htm>.

Michel BOUSSEYROUX (França)

A rolha do real e desimpedimento da análise⁶⁴

O problema crucial que quero colocar se situa no ponto forte das questões levantadas pelos finais de análise e trata do advento do real na sua relação com o tempo do fim. Isso vem da experiência que nosso Cartel 2 do passe me ensinou em relação ao testemunho do passe que nos levou, em dezembro 2009, a decidir unanimemente pela nomeação do A.E.

Lacan, no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” fala do real como uma rolha. É importante ver logo de início que, ao qualificar assim o real, Lacan toma uma posição oposta à doxa que consistia em fazer do objeto da fantasia a rolha da falta no Outro. Desse ponto de vista, nesse prefácio de 1976, Lacan opera uma espécie de reajuste de sua “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Aí ele desloca o encobrimento do objeto para o real, no sentido de propor uma desobstrução àquilo que a verdade mentirosa mantém num impasse. Pois se trata do que a análise orientada pelo real encontra sua desobstrução graças ao que do real constitui rolha. Em vez de essa rolha vir obstruir a porta de saída da análise, ela é aquilo que, paradoxalmente, a abre. Não há saída para o deciframento interminável do inconsciente em sua corrida pela verdade mentirosa - nem desembocadura para aquilo que no tempo do fim se condensa em torno luto do objeto *a* - sem que o real venha encobrir.

Vejam os termos que Lacan coloca isso nesse “Prefácio”. Ele enuncia, depois de ter dito porque deixou sua proposição sobre o passe “à disposição daqueles que se arricam a testemunhar melhor da verdade mentirosa. Eu o fiz por haver produzido a única ideia concebível do objeto, a da causa do desejo, isto é, daquilo que falta”.⁶⁵ Aqui ele acrescenta: “A falta da falta constitui o real, que só sai assim, como rolha. Rolha que é sustentado pelo termo impossível, do qual o pouco que sabemos, em matéria de real, mostra a antinomia com qualquer verossimilhança.”⁶⁶ A falta da falta, como encobrindo a falta que se escreve (*a*), constitui o real. Então, Lacan faz do real o encobrimento (rolha) da causa do desejo (*a*), cuja falta é a isca que entretém sem fim a corrida pela verdade mentirosa. Eis o princípio da interrupção: não há saída para aquilo que perdura sem que haja uma passagem (*um passe*) por aquilo que o real encobre.

⁶⁴ N.T.: no título em francês, *Bouchon du réel et débouché de l'analyse*, podemos notar que o autor faz um jogo entre as palavras *bouchon* e *débouché*, que a tradução não pôde manter.

⁶⁵ Lacan, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 *in Outros escritos*, *op. cit.*, p.573.

⁶⁶ *Ibid.*

Rolha *do* real,⁶⁷ vejam bem, isto pode ser entendido de duas maneiras conforme o genitivo: quer seja o real como rolha, quer seja como aquilo que é tamponado; subjetivo ou objetivo. Ou o real é o que *encobre* ou o real é o *encoberto*, o que não é a mesma coisa. Se o real é o que tampona, a questão é saber o quê ele tampona, e, se o real é tamponado, o que o tampona. Vejamos esses dois encobrimentos no nó R.S.I., tal como em 1974, Lacan o coloca numa superfície plana para situar sobre os três planos o ternário freudiano — inibição, sintoma e angústia. Vou me referir ao sintoma e à angústia, pois cada um tem uma parte ligada ao real. Falando topologicamente, o que faz o sintoma é o fechamento, *no elo do real*, do plano aberto do inconsciente-lalíngua, o qual *ex-siste* pela abertura do elo do simbólico numa semi-reta infinita. E o que faz a angústia é o fechamento, *no elo do imaginário*, do plano aberto do Falo, o qual *ex-siste* pela abertura do elo do real em semi-reta infinita. Esses dois planos são borromeamente encavalados a um terceiro que, ele mesmo, *ex-siste* pela abertura do elo do imaginário em uma semi-reta infinita, se fechando em inibição *no elo do simbólico*, onde Lacan, em Roma, na “Terceira”, situa o pré-consciente. Em seguida, ele vai situar a *ex-sistência* de *Avida*, que escreve em uma só palavra como lalíngua.

Assim, o sintoma é aquilo que do inconsciente-lalíngua interfere no real. *O sintoma é aquilo que do inconsciente aparece no real e ocupa toda a largura.* Aqui é o real que é encoberto e o sintoma, enquanto encobrimento, *manifesta* o inconsciente real. Assim a angústia é aquilo que do real aparece no imaginário onde o corpo consiste. *A angústia é o advento do real como ocupando toda a extensão do corpo.* Aqui é mesmo o real que se faz encobrimento, sob a forma daquilo pelo qual o impossível aperta na garganta: a angústia.

Notem que se o sintoma fica à vontade no elo R, ele vai também mais ou menos morder sobre o verdadeiro buraco do nó, aquele que Lacan situa onde o imaginário invade o real. De maneira que o sintoma participa da religião do furo! E, como diz Lacan, “a religião é um sintoma”: *ela serve para eclipsar o furo de Deus!*

Volto à frase de Lacan: “A falta da falta constitui o real, que só sai assim, como rolha”. A falta da falta é, como Lacan qualifica em 1963, a angústia. O real somente sai quando a falta falta, como encobrimento, tortura que afeta o corpo. Pois quando a falta falta, não nos sentimos bem. E se o encobrimento fica bem à vontade no imaginário, o preenche, é o pânico! Pois ele vai então morder sobre aquilo que do simbólico interfere no imaginário: o sentido. Aqui, o real-encobrimento somente se faz excluir do sentido: ele o eclipsa, *oblitera sua leitura. Ele barra o acesso ao inconsciente-que-se lê.* Enquanto tal, o real-rolha é o que há de mais antinômico à verossimilhança e a angústia é o advento típico. Aqui, o real-advento, o real que advém como encobrimento não é o impossível que se demonstra, mas o *impossível que afeta.*

O que será preciso para que, desses adventos do real tão antinômicos a qualquer verossimilhança e que se repetem durante a análise, o ato seja finalmente tomado para fazer a angústia virar satisfação do final? É preciso que o tempo do

⁶⁷ N.E.: traduzimos *bouchon* e *boucher* indistintamente por rolha, tampão ou encobrimento e seus respectivos verbos.

final seja apressado. Pois para que *do fim do final haja passe de fim*, é preciso que uma dimensão de prazo opere, que entre em jogo na experiência analítica do real e que introduza aí uma nova contagem do tempo que, como tempo das conseqüências, chame o ato.

Mas, o que será que toma tanto tempo de certos finais de tratamento numa “finissência sem fim”, como diz Hélène Cixous falando de Becket? É importante levar em conta a dinâmica temporal que explicita a distância entre passe e fim. Distância que se alonga, diz Lacan em “O aturdido”, “*tanto quanto dure o luto do objeto (a)*”, ao qual o analisante finalmente reduziu seu analista.

Assim, como existem lutos intermináveis, é concebível que possa haver passes sem fim. Mas o mais importante é perceber qual a razão que funda a duração desse luto e o que freia o término. Pois se o final demora, às vezes muito longamente, é que existe um freio, algo que retarda. É o que descobre Paul, a testemunha do tempo messiânico, aquele que abre uma temporalidade da realização e da decisão que faz tremer o presente. O fim, para aquele cujos restos não estão longe daqui, na igreja *San Paolo Fuori Le Mura*, o advento do real, o dia que o real *parest*⁶⁸ como escreve Lacan, ou seja, onde o real *está de lado, à parte, fora do sentido*. Mas, como explica na sua segunda carta aos Tessalônicos, há um *katéchon*, um atrasador. Este atrasador que é interno ao tempo lógico do luto, que separa passe e fim, e que suspende o fim, é o objeto (*a*). Que seja o objeto (*a*) aquilo que falta, que faz obstrução, tampão ao passe do fim, não é o menor dos paradoxos desse tempo de fim de análise. É aquilo que a falta encobre, que fecha a porta da saída. Se o objeto é o *katéchon*, o que atrasa o final, é preciso que outra coisa intervenha: o real, aquele do inconsciente.

Atrás da porta da saída ainda fechada do tempo lógico não há nada... *a não ser aquilo que falta*. Para abri-la é preciso que um outro encobrimento a empurre: aquele da falta da falta que faz o real. Assim, enquanto a falta do objeto é aquilo que retarda abrir a porta, a falta da falta que faz o real é que empurra a abrir... antes que seja muito tarde.

No testemunho de passe que nosso cartel decidiu pela nomeação, havia essa porta onde as dobradiças significantes permitiram o segundo turno do passe de fim que abre a questão do ser ao real.

O primeiro turno do passe se produziu no meio do caminho do tratamento, depois de um sonho em que um nome fazia enigma, fazendo surgir só-depois no real — e graças a um certo manejo, no modo de intervenção do analista, do tempo-que-apressa — um significante esquecido da língua da avó materna, o ladino. Esse significante abriu uma porta sobre o gozo fantasiado da mãe da passante, que a colocava no lugar de um ser ao qual o direito de ser vivo até então tinha sido recusado. Esse passe clínico teve um efeito imediato de liberação, bem localizado pelo analista que nesse momento designou sua analisante como passadora.

O segundo turno do passe, que conduziu a análise à satisfação do fim, veio da lembrança de um sonho de infância repetitivo, em que uma porta fechada era

⁶⁸ N.T.: o termo em francês para o segundo advento esperado do Cristo é *parousie*. Assim, o jogo de palavras que Lacan faz com o termo *parest*, se refere à *parousie*, numa nova forma de *parâitre*, ou seja aparecer.

enigma para o sujeito. O que tinha atrás desta porta, ela não sabia de nada. Ao analista que lhe perguntou “*quem está atrás?*” só pode responder “*nada*”. Mas o analista insistiu muitas vezes, e de maneira agressiva, apressando-a a responder: “*Mas quem ? Quem ?*” Aí, foi bem o desejo do analista da passante que, ao apressar, forçar a falta a faltar, fez sair o real como encobrimento do impossível. A palavra que acaba saindo da boca da analisante a surpreendeu. Efetivamente, do que faltava a ser dito, porque é o que falta, e que, atrás da porta da palavra, é a causa do desejo, esse significante inverossímil vinha encobrir um canto. Era, pois a falta da falta que aparecia no imaginário com esse significante. O que saiu então, como encobrimento do real, é um nome próprio que, para Hannah Arendt que a analisante estava lendo, personifica a banalidade do mal e que para ela veio fazer, propriamente dito, nomeação do real. Aqui é a passagem que faz passe final da angústia à satisfação do fim: *nessa redução da angústia à sua função performativa de nomeação do real*, enquanto quinto elo que o religa borromeaneamente ao corpo, ao simbólico e ao sintoma, o passe ao real vindo transtornar e tornando instável o bom e velho nó a quatro que organiza a realidade do neurótico e que Lacan gosta de dizer: tranquilinho.

Ao abrir a porta de seu sonho de infância, a passante chegou assim a abrir a porta do horror de saber do qual seu pai queria sempre protegê-la. Esse passe de fim colocou um fim à culpa que, desde um sintoma infantil, a devorava. Ela que, quando era pequena, se dizia tão “*plate à passer sous une porte*”⁶⁹, soube testemunhar em seu passe de uma “*mise à plate*”, colocação em superfície plana, do real que satisfizesse o bastante nosso cartel.

Acrescento que a *tycke* fez com que um dos passadores fosse obrigado pelo real a adiar por dois meses o momento de encontrar o cartel. Assim, foi só num segundo tempo, ou segundo turno, que pudemos escutá-lo, pedindo novamente ao primeiro passador de nos esclarecer alguns pontos... e não hesitamos nem mais um segundo em pronunciar a nomeação.

Tradução: Maria Vitória Bittencourt

⁶⁹ N.E.: a palavra *plate* equivale a medíocre, rasa, sem interesse.

Carmelo Sierra LÓPEZ (Espanha)

O tempo da experiência como passador e suas consequências

De todas as entradas possíveis no dispositivo de cartel, a minha se produziu pelo atalho da surpresa. Surpresa que se revelou de golpe, com a força do ato, a outra face desconhecida do sujeito. Foi uma entrada totalmente inesperada, já que não dispunha de informação alguma a respeito do fato de ter sido indicado por meu analista para fazer parte dos possíveis passadores, de modo que, ao receber a chamada do passante perguntando-me sobre a função correspondente, levou um tempo para eu compreender de que se tratava. A divisão que experimentei me levava, não sem certo grau de angústia, à pergunta: onde estou? Aí me encontro? Era uma notícia que, de golpe, mostrava no lugar do que eu “não tendo consciência” de estar, era localizado como sujeito.

A possibilidade de participar desse dispositivo da Escola era para mim algo muito longe, tão longe que não me recordava ter parado para pensar nisto. Assim que, com esta ausência de fundo, ante a chamada telefônica, a presença de tal notificação me deixou em um vazio e solidão que tomou valor de ato. No mesmo instante se reprimiu a novidade da informação e a proposta de uma decisão que me afetava. Era um tempo em que se havia riscado, abolido, esse tempo lógico de compreender que me resultava tão seguro e protetor, ficando, em seu defeito, um oco no centro. Não obstante, dei uma resposta, pois se mobilizaram os recursos da rede significativa do Outro, mas acredito que foi o vazio do não saber que ganhou a partida a favor do desejo de saber, para decidir que Sim, aceitava. De fato, não sabia por que, embora o tivesse feito.

Fui, posteriormente, ordenando ideias, advertido de que algo se jogou em meu percurso analítico e que eu estava implicado nesse empuxe do lado do desejo, pois não só mobilizou e ativou minha curiosidade pela experiência do passe, mas pela minha própria experiência de análise, chamando-me à pergunta do fim e do final do mesmo.

Dessa maneira, aceitei a responsabilidade e a implicação que isso significava, mas, ao mesmo tempo, essa decisão ia se mostrando a mim cada vez mais inquietante. Foram me ocorrendo os temores de minha falta de conhecimentos teóricos, de minha falta de habilidade para transmitir, de meus desconhecimentos sobre as instituições, mecanismos e dispositivos da Escola... Ameaçava-me um não saber fazer em definitivo que, paradoxalmente, era o mesmo que mobilizava meu interesse pela experiência, de tal maneira que me fazia significar já não haver retorno, que não era possível um passo atrás.

Era, pude compreender depois, este medo por minha ignorância, um medo sintomático ante o qual não recuei, supus antes um exemplo do desejo que me animava a ir ordenando o campo do saber adquirido em minha experiência como analisante, que sobretudo revitalizou esse posicionamento firme do não ao gozo do sintoma, meu proceso analítico, despertando novos e estimulantes efeitos do trabalho do inconsciente, com sonhos, sobretudo, que davam impulsos a meu entusiasmo. Isto se constatou nos tempos posteriores.

Esse primeiro instante, de informação e decisão em tempo comprimido, foi o ato inicial, que dividiu (como evoca o lenço de Lucio Fontana que participava do cartel para esse encontro) a instável e a precária ficção da fantasia, em que ainda se sustentava a inércia do sujeito aferrado a restos de um gozo rançoso, e o efeito de uma ganância imediata, ao saber mostrar-me a função de minha paixão pela ignorância, ao mesmo tempo em que causou uma mobilização julgada no lugar da verdade.

Passado esse primeiro tempo, o qual o instante de ver reuniu perguntas e comprometeu a resposta decidida do sujeito, me fazia questão o que, a meu entender, deveria ser o verdadeiro momento glacial da experiência; me refiro ao encontro com o passante.

Para este lance não se dispõe da referência a um outro que possa servir de modelo. Cada encontro é singular, uma aposta em ato do imprevisível sem garantia nem indicação, e pensei no dito taurino de “lançar-se a arena” como ato decidido ao encontro com a verdade, como meu único e firme propósito de fazer o que, sim, sabia o que tinha que fazer: escutar. Consentir na possível “sensibilização” que poderia dar-se pelo fato de encontrar-me, como sujeito, nessa posição de passe, tão próxima à outra borda do passante e pelo qual se pode estabelecer essa captação sensível. Esperava ser permeável e que se filtrasse o mais valioso, o agalmático do testemunho que me haveria de chegar. Supus que, como ocorre em toda leitura pela qual alguém pode interessar-se, na qual um real está em jogo furando o texto como verdade indecível, a melodia que caísse haveria de condensar o sentir e o sentido da obra completa. Supus que se fosse capaz meu leviano tecido fantasístico deixar passar isto, sem fazer obstáculo, haveria cumprido a função encomendada. E reconheço que assim o experimentei, com certa satisfação e alegria, ao finalizar as entrevistas.

O encontro com o passante, como já disse, é de uma importância fundamental, já que o efêmero vínculo que se estabelece há de ser o marco para sustentar o relato e a exposição de uma experiência de análise, seguramente de grande percurso. Compreendi que uma acolhida despreendida haveria de favorecer a entrega do mesmo, dotando a expressão de liberdade, assim como uma escuta atenta, habitada pelo desejo de saber, haveria de animar a associação e a lembrança, com a inclusão de detalhes, dando vivacidade à narrativa.

No caso da minha experiência, a qual estou me referindo, me encontrei com um relato ordenado desde “o princípio”, quer dizer, com uma orden biográfica historicada, com momentos nos quais se produziu um giro ou uma retificação do sujeito, com efeitos clínicos e formações sintomáticas, sonhos, interpretações do

analista e elementos significantes que me orientaram na melodia geral do tema. O contraponto emocional não faltou, dando a nota que fazia conectar ao Outro com o gozo real e delatava o buraco em torno do qual se ordenava a composição completa.

Desse relato, muitos momentos críticos conectados às dificuldades e metamorfoses formais da verdade, ressoaram na subjetividade do escutador, situado como se diz “a um passo” do que falava. Esta conexão capturada ou talvez articulada, em qualquer caso, facilitou a reelaboração que havia de fazer-se posteriormente com os tecidos do relato recebido para transmitir ao Cartel. Um relato, inevitavelmente diferente, que fosse capaz de dar cabimento, com o escrúpulo e o frescor que me havia chegado e sem apagar por excesso ou defeito a verdade de seu desejo como causa.

Durante o tempo posterior, que chamarei o de compreender, se intensificou não só o trabalho na elaboração e preparo do testemunho que tinha de transmitir, mas destravou minha participação e colaboração nos grupos de estudo de âmbito institucional e outros de extensão que me resultavam próximos.

Alguns meses depois viria o momento de concluir com a revelação do testemunho ao Cartel do passe.

Tempo este de espera que, como se sabe, não é indiferente, pois o tempo cronológico que transcorre desde as entrevistas com o passante e a apresentação ao Cartel, há de ser o adequado, permitindo manter o ímpeto por dizer a outros o que se escutou, quando ainda essa experiência conserva o efeito brilhante da transmissão.

No ato e momento de dar justificação ao Cartel, à atenção dispensada pelos membros percebi como correta e adequada à situação, quer dizer, com uma disposição à escuta e ao trabalho em sintonia com o que eu, novato nesta situação, vivia em meu interior. Foi-me concedido o tempo que precisei necessário para uma exposição que há algum tempo havia não só preparado, mas reexaminado conscienciosamente. Não transcorreram muitos minutos, quando comprovei que estava surgindo um relato distinto, inédito, diferente do que tinha previsto. Ocorreram vazios, esquecimentos, cenas e elementos desvanecidos ou não sabidos, nada que houvesse reordenado o sabido. A falha ou falta, como buraco, reconstituía de novo a versão, mantendo, não obstante, o fio de conexão com a verdade alcançada, repetindo com isso, a meu entender, o vivo que pretendia.

Finalmente, passados poucos dias, a passante me comunicou sua nomeação como Analista da Escola, o que, hei de dizer, na verdade me alegrou.

A satisfação que experimentei obedecia, acredito, à constatação de um funcionamento do dispositivo, que me confirmava e proporcionava, ao mesmo tempo, aquilo que desde o início esperei, e que, de alguma forma, participava no desejo de aceitar esta experiência.

Como final e como consequência de minha experiência, vou referir-me à mudança que suponho ter ocorrido comigo ao entrar neste dispositivo de Escola.

Um alento e certa projeção da passagem do Outro individual da análise de cada sujeito, aos outros, como coletivo, ao estabelecer um vínculo de onde o

coletivo entra no horizonte e vai deslocando, talvez de forma progressiva a relação com o Sujeito Suposto Saber que encarnou durante muito tempo o analista. Trata-se de uma mudança de transferências, do trabalho pelo qual se aposta, organiza um impulso conveniente para a resolução do trabalho de transferência, que bem poderia precipitar o final, enquanto anima a formalizar no passador uma posição de analisante, o percurso historicado de sua trajetória, aquela que, veladamente, foi repercutindo no dizer do passante.

Não é um efeito de identificação, nem de uma reduplicação por fazer massa com o coletivo de passantes, mas ao escutar os impasses do testemunho, os quais mostram um caminho através da palavra trabalhada, como o inédito da criação artística, em uma espécie de tempo vertical próprio do instante poético, se aporta um esclarecimento, e ele tem, creio, o efeito de afrouxar alguns nós, comover certos enredos significantes e liberar determinadas ancoragens do gozo de onde o sujeito pode encontrar-se pego ou perdido.

Por último, digo que me senti muito afortunado por ter podido participar daquela experiência, e quero que este pequeno trabalho sirva, ao menos, como veículo para expressar meu agradecimento para todos aqueles que o fizeram possível.

Tradução: Delma Maria Fonseca Gonçalves.

Maria Luisa Rodriguez Sant'Ana (Brasil)

Um saber sem sujeito suposto

É o amor endereçado ao saber suposto o que leva um sujeito a escolher um analista. Entretanto, amor ao saber suposto não é o desejo de saber e o que se verifica, do lado do analisante, é o “não quero saber nada disso”, sobre o qual o ato do analista deve operar. É ele que pode desencadear uma produção de saber que é resultado de um forçamento realizado pelo analista no manejo da transferência, sustentado em sua posição pelo semblante de objeto causa de desejo. No que diz respeito ao analisante, este busca, em sua demanda de amor, o seu ser, mas na análise essa busca deve passar obrigatoriamente pela via da elaboração de saber implicada na associação livre.

Dessa forma, o amor de transferência é um amor que faz semblante de desejo de saber, mas Lacan nos adverte de que não existe nenhum desejo de saber, principalmente entre os analistas. Apesar disso, o ofício do analista se faz de um desejo de analisar, um desejo que busca esclarecer os segredos do inconsciente e suspender os mistérios da fantasia.

Por isso, a formação analítica está em continuidade com a análise do analista e se espera de um analista, aquele que elege a psicanálise como causa, que ele produza um saber a partir do que pode construir em sua própria experiência de análise. Para que isso seja possível, os analistas constituem uma Escola, onde o saber do real em jogo numa análise possa ser transmitido e produzir os efeitos que convém, fazendo obstáculo ao horror de saber que Lacan identificou nos analistas.

A experiência

Foi com uma grande surpresa que recebi a convocação para ocupar a posição de passadora no dispositivo do passe. Li várias vezes a palavra passadora no e-mail que me tinha sido enviado e me ocorreu de imediato que poderia tratar-se de um engano, o que me apressei em verificar.

Descartada a hipótese do engano, fui tomada por um enorme júbilo por me encontrar diante da possibilidade de participar de uma experiência que se afigurava como a promessa de uma grande aventura, uma aventura no campo do saber, e foi assim que me ouvi dizendo ao meu analista em tom chistoso: “É como se eu tivesse sido convidada para fazer uma viagem espacial...” Dito este que me lançou de saída em um intenso trabalho de análise, pois o projeto de ser astronauta foi justamente a minha primeira escolha de um exercício profissional, na infância, o que não tinha sido até então tocado em minha análise, apesar de tantas voltas.

Aliás, o dito sobre a viagem espacial se mostrava sobredeterminado (como acontece desde que Freud nos esclareceu os mecanismos do inconsciente), indicando não só a questão da primitiva escolha da profissão, mas também a

promessa de aventura que ela evoca e, na associação mais imediata, a ultrapassagem de uma fronteira do saber, capaz de fazer recuar as bordas do não sabido, o que realmente o dispositivo do passe encarnava para mim.

O desejo de participar do processo determinou a certeza com que aceitei a convocação, e me lançou em um entusiasmado trabalho de preparação, através do estudo dos textos sobre a formação do analista, a questão da garantia, o passe, o final de análise e a Escola.

Mas foi em minha análise pessoal que a convocação para atuar como passadora no dispositivo produziu seus mais eficazes e surpreendentes efeitos. Ali, o sujeito suposto saber recebeu reforços consideráveis do saber suposto ao dispositivo do passe.

Isso se deveu, principalmente, e num primeiro momento, à dimensão do enigma introduzido pelo ato de meu analista ao me indicar como passadora. Esse ato, no momento preciso em que eu me encontrava em minha análise relançou a questão sobre o desejo do Outro, produzindo um intenso trabalho de deciframento, com muitos sonhos e associações. Esse efeito primeiro e imediato foi se desdobrando em vários outros ao longo de todo o processo.

Cerca de três meses depois, iniciaram-se os encontros com o passante, que totalizaram quatro de longa duração e concentrados no período de uma semana. Ouvir o depoimento de um passante é uma experiência estranha, muito mobilizadora, reveladora, e que me afetou de uma forma muito especial.

Dos encontros do passante com o passador, Colette Soler destaca o aspecto da falta de um modelo prévio, de um roteiro para essa operação discursiva. Isto porque em todas as situações em que está envolvida a operação da fala, esta opera segundo certo padrão já estabelecido, que enquadra e filtra o que se fala. Mesmo em uma análise, temos a regra da associação livre, e para o relato de casos clínicos, o modelo introduzido por Freud. Entretanto, no testemunho que o passante entrega ao passador não se pode lançar mão disso. Não há regra. Esta afirmativa, que eu sempre ouvi a respeito do dispositivo do passe, pôde ser verificada na experiência, que não é uma fórmula vazia, mas um meio bastante eficaz que visa a certo resultado: serve para acentuar o efeito de real em jogo no dispositivo.

Isto também contribui para lançar todo o processo na dimensão da invenção. Desde os pequenos detalhes, como número de encontros, a forma como eles se desenvolvem, os locais, o ritmo do depoimento, tudo adquire essa dimensão, que convoca as respostas originais, forçando a emergência do que há de mais particular, soluções e maneiras de fazer funcionar que trazem a singularidade, a marca, o estilo de cada um.

O passante em seu esforço de transmitir ao cartel o que ele obteve de sua análise, a certeza de sua conclusão e o desejo do analista dela advindo, argumenta e busca convencer, mas, no que o faz, também elabora e extrai mais algum saber, ainda. Podemos dizer que se trata de uma operação discursiva em que todo o ser do passante está em jogo. Mas o que podemos dizer da função do passador?

Posicionado entre esse passante, que lhe traz algo em que todo o seu ser está em jogo no testemunho, e o cartel -- suposto saber sobre o que deve ser julgado e

que é o destinatário final disso --, o passador é o intermediário de um impossível. Nisso seu ser não pode deixar de ser afetado por esse encontro com o real, com os limites do saber e do dizer que dão o tom de todo o processo.

Esse intermediário que é o passador deverá transmitir ao cartel o que pode saber (ou não saber) do que ouviu do testemunho do passante. Sua função de intermediação me parece que pode ser enunciada como um fazer valer diante do cartel o testemunho que colheu, o que ele deve transmitir é da ordem de uma validade.

Ao final das entrevistas, restava ainda um grande trabalho por fazer, a partir dos rascunhos das anotações feitas durante tantas horas de depoimento. Foi sobre esse texto que eu me pus a trabalhar, simplesmente trancrevendo-o. Essa transcrição, na qual me ocupei por muito tempo, incluiu também uma tradução para o português e depois outra, para o espanhol, língua na qual finalmente apresentei o meu testemunho ao cartel do passe.

Houve um período bastante longo que transcorreu até que eu fosse depositar esse testemunho ao cartel. Tempo de elaboração do texto do passante, ao qual eu retornei por diversas vezes e ao qual dediquei o trabalho de repetidas leituras.

Essa elaboração do texto se dava, a meu entender, por duas vias: ao mesmo tempo em que eu me desligava cada vez mais do sentido que eu julgava ter encontrado no testemunho (e o sentido aqui quer dizer se houve passe ou não) ocorria um outro processo de decantação do texto, mas também do que eu chamaria de desencantação da experiência. Os efeitos imaginários do encontro foram se dissolvendo e foi se afirmando o texto das anotações, sua lógica, sua estrutura... suas pequenas pedras.

Quando fui convocada para depositar meu depoimento diante do cartel do passe já tinham transcorrido nove meses desde que eu ouvira o passante, e um ano desde que eu tinha sido convocada para ser passadora.

Esse tempo em minha análise foi marcado por um trabalho de recenseamento, contabilização das mudanças subjetivas que foi possível efetuar ao longo de todos esses anos de endereçamento ao sujeito suposto saber, tempo de retificações subjetivas importantes.

Decidi, então, solicitar uma nova entrevista com o passante. Isto porque me parecia que alguns pontos do que havia a ser transmitido precisavam ser atualizados a partir da minha nova posição. Eu já não escutava mais do mesmo lugar. Já não respondia com o meu ato do mesmo lugar. Assim, tivemos um novo encontro e as entrevistas acabaram se contabilizando como 4+1.

O momento da entrega do testemunho para o cartel não é, para o passador um momento de saber, mas de deixar saber. É preciso permitir que o texto se diga. Do que foi ouvido, é preciso deixar que isso fale. Diante do cartel não cabe falar o que se sabe, mas falar o que se ouviu dizer. Assim pode ocorrer que se revele algo do saber que, como diz Lacan, há no real.

O candidato ao passe, com a sua demanda à Escola, de transmitir o que obteve na conclusão de sua análise, põe em jogo um saber impossível, que produz um efeito de empuxo à elaboração (como escreveu Colette Soler, em *Psicanálise e*

Civilização). Esse efeito repercute sobre todos os envolvidos, em toda a Escola e para além dela e afeta de maneira muito particular aquele que ocupa o lugar de passador.

O que se encontra ao final de uma análise é *lalíngua*, o fora de sentido, o ínfimo e o pueril, mas não é pouco. Esse encontro é relativo a um percurso em que o sujeito pode se soltar do Outro suposto gozar e se deparar com seu próprio gozo. Daí pode advir um saber que é ao mesmo tempo saber do impossível, mas também saber de sua singularidade. É uma experiência inédita de saber, por não ter nem pensamento e nem sujeito pensante que a determine. Ele se constitui a partir do objeto escrito por Lacan com a letra *a*, resto do qual o sujeito nada quer saber.

Acerca da minha experiência, há um ponto ainda que gostaria de destacar: durante todo o tempo das entrevistas e depois, quando fui depositar meu depoimento ao cartel, utilizei o espanhol, minha língua natal, o que também teve um significado bastante particular para mim. Essa particularidade da minha experiência me trouxe algumas reflexões sobre o aspecto translinguístico que está sempre mais ou menos presente no dispositivo, o qual costuma reunir analistas de diferentes nacionalidades, tornando assim necessárias as traduções. Entretanto, me ocorre que mesmo em casos como este, em que o passante e o passador se originam de países que falam a mesma língua, a questão da tradução se coloca, pois é de uma *lalíngua* para outra *lalíngua* que um passe pode se transmitir.

Contribuições dos cartéis do passe 2008 -2010

CARTEL 1

Colette SOLER (França)

Estilos de passe

Um passe pela via do real fora do simbólico, tal como Lacan o estipula em 1976, impõe a questão dos modos de manifestação do referente dessa palavra *real*. Sem ele, isso poderia ser apenas ficção, ficção de palavra. Quanto a esse real, Lacan tentou situá-lo como cativo do nó. Apoiado tanto no imaginário como no simbólico, o real permanece também antinômico a toda verossimilhança e, portanto, não contaminado pelo verdadeiro. Ora, só o verdadeiro se diz numa análise — muito embora, pela metade. Portanto, aquilo que chamei de epifanias do real se coloca.

No dispositivo do passe se trata do testemunho de uma experiência. Certamente a experiência não é sem ordem, senão não poderíamos falar em entrada e saída de análise. O que Lacan chamou de impasse da transferência, estrutura esta experiência. É o único impasse estrutural em jogo numa análise, e esse não é um impasse do final. Pelo contrário, o fim do dispositivo do passe assegura, com isso, a saída. Entretanto, uma análise é antes de tudo a travessia de uma experiência singular, que deve ser pensada, em seguida, para se elaborar o saber sobre a mesma. Mas isso supõe a “travessia” e é disso que se trata no testemunho. Lacan situou claramente as coisas com relação a isso quando ele disse que o passante vem testemunhar que da operação analítica ele nada sabe, salvo aquilo a que se reduziu, o que comandou a experiência, a saber, àquele *des-ser* em que se desfaz o ideal do Sujeito Suposto Saber, isso ele o sabe porque faz parte da experiência. Por definição, uma experiência é sempre única e à experiência singular, forçosamente, corresponde um testemunho singular. Nós repetimos: o que isso quer dizer? Dentre outras coisas, quer dizer que, caso se tratasse de somente reconhecer a estrutura que vale para todos, não haveria necessidade do dispositivo do passe. A própria verdade articulada é sempre própria a cada um, cada um em particular. Foi isso que Lacan acentuou inicialmente, mas ele acrescentou, e nós começamos enfim, felizmente, a levar em conta que o real inverossímil é ainda mais singular, e não menos singular é a resposta ética do sujeito àquilo que ele encontrou.

Ora, o passe não visa assegurar que houve análise, mas autenticar o ser transformado do analista. Ele não pode, portanto, evitar a questão das manifestações do real. Que isso tenha sido uma questão para Lacan é, aliás, legível, sem equívocos, a partir do Seminário 20, quando então o próprio recurso topológico está no seu auge — a partir dele e, provavelmente, até antes. É um fio contínuo no ensino de Lacan que o tema das epifanias do real — angústia, afetos enigmáticos, “manifestações” de gozo Outro, “acontecimento” de gozo

sintomático que faz a letra — sejam outro tanto de emergências do real fora do sentido da experiência. É necessário, pois, se ater aos dois extremos do fio. O que posso saber? Nada que não tenha a estrutura de linguagem (Lacan, em *Televisão*) e não posso extrair isso da metáfora, a não ser pela topologia. Mas não há lógica e nem topologia que possam reduzir esta dimensão (dita-menção) epifânica do real, à qual cada um tem a ver na experiência e cujos efeitos são todos afetos: gozo afetado afetando o sujeito.

Quanto a isso, qual a função do estilo? Estranhamente, o estilo faz parte do que no discurso não é linguagem, nem tampouco *lalíngua*, muito embora ele se utilize das duas. Portanto, o estilo tem uma função na transmissão — Lacan a sublinhou em seu ensino. Num discurso, o estilo é um fator independente que se situa do lado da maneira: maneira de dizer, maneira de fazer, e também na conduta, pois o estilo não é apenas o estilo da escritura que faz o escritor, há o estilo próprio ao ato de enunciação, próprio a toda conduta.

Um discurso que quer *acertar na mosca* não pode deixar de utilizá-lo. Na psicanálise há muitas ocorrências de um discurso assim, que quer produzir efeitos: o do analisante em sua relação com o analista; o ensinante em sua relação com seu público; o intérprete e também o passante, certamente, em sua relação indireta com o júri. Emprego essa expressão “acertar na mosca” para marcar que o estilo não é somente para fazer bonito, ele é menos um fator de estética que um fator causal que tem efeitos. Eu interrogo seus efeitos no dispositivo do passe.

O estilo produz efeitos de afeto, isso é uma evidência e não apenas na psicanálise. Quer se trate do estilo de fala, e aqui cada analisante tem o seu que a dita associação livre não apaga, ou seja, até acentua, ou do estilo literário, ou do estilo de conduta. Há aqueles que encantam ou que irritam ou os que despertam indignação, ou mesmo os que entediam e que fazem dormir ou o contrário, sejam quais forem os ditos. Em suma, as fricções entre os seres que tornam a vida em sociedade tão difícil são muitas vezes puras questões de estilo. Porém não se deve crer que ao dizer “puras questões de estilo”, eu estou reduzindo sua importância. Ao contrário: toca-se aí no irredutível. Este não é o caso quando se fala dos interesses econômicos, nesse nível sempre se pode negociar, fazer acordos contratuais, isto é, levar o outro de volta à razão, o que vem a ser, afinal, uma solução que a história ilustra ao longo dos séculos, mas em matéria de estilo não há nada assim.

Ora, se os significantes vêm do Outro e é por isso que eles podem circular de um a outro entre os semelhantes que provêm da fonte do mesmo Outro, quanto ao estilo, este não vem do Outro, seria antes o índice de sua separação do Outro, daquilo que Lacan chamava numa certa época: a entrada do sujeito no real. O estilo vem tão pouco do Outro que nem mesmo tem similar, tampouco também passível de reprodução, jamais dois iguais. É o inimitável. O infalsificável de um *falasser*, como as impressões digitais e o DNA para o corpo ou a grafia para o gestual. O impossível de ser pastichado,⁷⁰ apesar do jogo dos pastiches e das imitações e dos

⁷⁰ N.T.: pastichado, no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, quer dizer honra literária imitada servilmente.

“à maneira de”. O estilo presentifica, e isso fora mesmo da experiência analítica, a famosa “diferença absoluta”, a maneira única que faz a identidade.

De onde vem ele? Lacan produziu algumas fórmulas canônicas, distribuídas conforme suas elaborações sucessivas. Inicialmente, o estilo é o homem a quem nós nos dirigimos, na época da estrutura da linguagem era S_1/S_2 . Era o estilo definido, digamos, segundo as linhas do diálogo. Má definição de fato, que subordinava o estilo à estrutura da mensagem recebida do Outro. Mas depois, ele corrigiu, “o estilo é o objeto”, na época em que ele elaborava o efeito maior da linguagem, escrito com o objeto *a*, ou seja, aquilo que se joga nas entrelinhas, no intervalo significante. Certamente seria um erro fazer disso sua última palavra. É necessária uma terceira fórmula ajustada àquilo que vem depois. Por que não dizer o estilo é o sintoma, o sintoma que faz o *falasser* por entrelaçamento da *lalíngua* com o imaginário e o real? Isto é, com efeito, a ponta imersa, perceptível, mas não conceitualizável do conjunto dos efeitos do inconsciente, o índice maior da maneira pela qual um ser é afetado pelo inconsciente-linguagem.

Podemos, então, colocá-lo em série com os efeitos enigmáticos que acentuei e que estão eles próprios em série com a angústia? A angústia, o primeiro dos afetos enigmáticos que revela na experiência aquilo que nem o significante e nem o conceito revelam, ou seja, a presença daquilo que falta no Outro, o objeto *a*, a-fenomenológico. Quanto aos outros afetos enigmáticos, esses revelam aquilo que não falta, o saber de *lalíngua*, impossível de ser decifrado por completo, definitivamente não sabido. O estilo, de forma contrária, manifesta na experiência o ser afetado, afetado tanto pelo objeto como por *lalíngua*. Aí está a diferença, o estilo não é um afeto, ele se manifesta em ato. Ele está do lado das consequências do ato dos afetos do inconsciente e não existe nenhum ato que não seja marcado por um estilo, o qual inclui sempre a função do tempo, com sua duração e com a precipitação de suas premências. Aliás, é esta a razão do estilo, sem ser escolhido — não se escolhe seu estilo, somos antes determinados por ele —, e nada se pode modificar quanto a isso, salvo caso excepcional —, entretanto ele não é vivido como imposição. Diferentemente de tantos outros afetos, ele é percebido como idêntico a si mesmo, mais próximo nesse aspecto do sintoma, mas sem que se possa falar de identificação a seu estilo. É provável que seu ponto de ancoragem no real seja a primeira relação com a *lalíngua* original que a *des-maternalização* fez passar em seguida à língua de uma cultura, enquanto que a história própria de cada *falasser* aí inscreveu sua marca ética. Digo provável, pois não há meio de se matematizar esse processo: no fundo, o estilo é a indizível identidade em ato. Tanto quanto a primeira e a última fonte de todas as simpatias e antipatias. Isso não impede que - se o estilo é a manifestação enigmática da relação ao saber Inconsciente - que ele repercute a mudança do final de análise, ou seja, a ultrapassagem do horror “de” saber — que não deve ser confundido com um horror “do” saber — e que constitui o ser do analista, o testemunho disso é, ao se acreditar na “Nota aos italianos”, aquilo que chamo uma conversão de afeto.

Qual é seu peso nas decisões dos cartéis do passe? Certamente o passante dá testemunho de sua experiência, mas com seu estilo. É impossível relatar um estilo,

sem dúvida, é antes o estilo que dá seu testemunho. Como é que ele não produziria seus efeitos sobre os cartéis? Não chego ao ponto de dizer que nele reside o segredo das decisões dos cartéis, mas cada vez que participei de um cartel do passe percebi a incidência nas reações espontâneas dos membros do cartel, minhas inclusive, antes que entre em jogo a elaboração que visa fundamentar a decisão. O traço se faz sentir presente, além disso, fora do dispositivo, em tudo aquilo que se diz do passe, posteriormente. No trabalho comum da Escola, por menos que se fale nisso e que haja boa vontade, constato que geralmente a gente consegue se entender. Não há divergências essenciais sobre as teses, pois o texto de Lacan é nosso árbitro. Resta que, com a mesma tese e não com o mesmo estilo, isso se desdobra em dois: tese e estilo. E quanto mais se toma emprestada a tese, mais o estilo é que faz a diferença.

O paradoxo ao qual são confrontados os membros do júri do passe é que eles devem “reconhecer” aquilo que eles não sabem, seja eminentemente a maneira pela qual o sujeito é afetado pelas manifestações do real, seja como ele responde a isso no final. Aquilo que eles, os membros do júri, sabem em geral é tudo o que se destaca da estrutura construída por Lacan, depositada na “Proposição” e no “Prefácio”, e que cada um pode ler. Reconhecer aquilo que não se sabe, aquilo que não é estrutura, até onde isso é possível? De fato, é a única coisa que se pode reconhecer, pois o que se sabe não se pode reconhecer. Por outro lado, notem que Lacan deu um exemplo importante de reconhecimento daquilo que não se sabe. É o amor, tal qual ele o repensou no final do Seminário 20, *Mais, ainda*, este afeto pelo qual se reconhece no outro, e sem passar pelo conceito, uma relação específica com o inconsciente, relação que se indica por todas as espécies de afetos enigmáticos. É o mesmo que dizer que aquele que ama assim tem a função de... “placa sensível” aos afetos enigmáticos. É de um amor passador (*passneur*) que Lacan fala em “*Encore*”.

Então, detenho-me novamente nas expressões de Lacan que, a propósito do passe, se referem àquilo que escapa ao reconhecimento da estrutura. A função de placa sensível do passador está presente no passe. Não há necessidade de placa sensível lá onde se sabe, onde a estrutura seria totalmente suficiente. A placa sensível é necessária para se entrar em ressonância pessoal com a maneira pela qual a experiência afetou de maneira singular o passante e pela qual seu estilo repercute. A placa sensível não é o bloco mágico de Freud, a placa sensível é a ressonância com o que não é linguagem e que chamamos, por falta de algo melhor, de “posição subjetiva” do passante, ou seja, sua resposta própria ao real que é resposta de afeto e, no estilo, resposta em ato.

Além de placa sensível, Lacan evoca também os... “congêneres” do passante. Que termo! Nada de mais distanciado do sábio (*savant*) -- mesmo sendo ele um sábio das estruturas de linguagem ou dos discursos instruídos pelos textos de Lacan -- do que “congêneres”. Os congêneres, isso evoca semelhantes, não em matéria de imagem, mas no uso da palavra apropriada, semelhantes em matéria de raça. A esses congêneres, Lacan atribui o fato de ter de reconhecer “a marca” do pertencimento... a uma mesma raça. A partir do momento que se fala da marca de

uma raça se entra em um tema inflamado. Lacan o faz muito tranquilamente, pois ele colocou que as raças são o produto da arte, como se vê bem nas raças dos animais domésticos, dos produtos de arte dos discursos. Daí sua tese mais geral do “racismo dos discursos em ação”. Com efeito, cada discurso produz aquilo que se pode chamar uma raça de desejo e de gozo. Ela não tem razão de ser simpática com as outras configurações do desejo e do gozo. Seria interessante retomar o tema da confrontação tornada lendária na psicanálise, entre a raça de histéricas e a raça dos mestres, ou o que resta dela hoje em dia.

O paradoxo do discurso analítico é o de produzir a raça dos diferentes, aquela com a qual não se pode fazer um todo, mas, no melhor dos casos, um monte de coisas. Diferentes em quê? Esta diferença não é simples e seria necessário precisar, mas deixo isso de lado, desenvolverei esse tema em outro lugar. Está bem claro, pelo menos para mim, que esse paradoxo da raça dos diferentes preside uma clínica específica dos analistas. Atenho-me aqui à definição de clínica dada por Lacan: “a clínica é o real enquanto impossível de suportar”. (Abertura da seção clínica de 1977). Eis aí uma definição do real pelo afeto, o afeto do impossível de suportar. Para os analistas, ela culmina naquilo que toma a expressão “o horror do ato”, com todas as consequências que este horror acarreta em nível de grupo, como na maneira de pensar. Não me parece menos assegurado que, se existe franqueamento, ele apenas pode se traduzir no estilo do dizer do passante, uma vez que o estilo é o próprio índice da relação com o real, parente próximo, portanto, da ética do sujeito.

Finalmente, essas elaborações culminam em uma fórmula tardia de Lacan: o passe, isso consiste em “se reconhecer entre si”. É um “si” especial, o “si” dos analisados, rebotalhos do horror de saber. Ele escreve “se reconhecer entre s(av)oir” (*soir/savoir*). Este jogo de escritura coloca os pontos nos iis, elidindo por um parêntese o “av” de “*savoir*” (tirando o “av” do saber, temos o si). Isso não impede que se reconheça entre si, seja a própria definição da cooptação ou de uma “agregação”, tal qual ele reprovava na IPA. Trataria, então aqui de se cooptar em função de uma homologia percebida dos efeitos singulares daquilo que se tornou próximo do mais real em uma análise. Efeito de afetos, Lacan invocou o entusiasmo ou a satisfação marcando o fim, mas também efeito de estilo, de estilo-sintoma. Salientemos, além disso, que o estilo marca todos os fins, fora e dentro da análise, quer se trate de ligações amorosas ou de saídas da posição analisante, ou mesmo da saída da relação com o analista.

Somente o estilo de conclusão, próprio a um sujeito, é o absoluto de sua singularidade, aquilo que não pode ser universalizável. Isso é verdadeiro desde antes da análise para o mais modesto dos pontos de estofa, isso se torna mais verdadeiro, ainda, depois. Eis aqui o problema: nessa cooptação do cartel, os cooptantes também têm seu estilo, este portanto é constituinte do entre si, é uma dimensão dele. Mais do que os afetos que não são compartilhados, o seu estilo pode lhe deixar fora dos entre si. Se o estilo marca o testemunho, ele desempenha seu papel no reconhecimento esperado do passante ao cartel — a diferença de estilo o conduzirá ou não às afinidades de estilo.

Acabei por mensurar quanto esta aproximação, que é a de Lacan no final do ensino, não pode nos conduzir a relativizar a função da nomeação no passe. É a isso que cheguei. Tal como ele o formula, a nomeação está ao sabor de uma contingência, aquela dos “sis” dos supostos “congêneres” do entre si. O pouco de nomeações com relação ao número de passantes, e isso depois de todas as primeiras introduções do passe, na EFP, ECF, AMP, EPFCL, produz aqui um efeito de significação. Na AMP, periodicamente se ensaia corrigir isso através do voluntarismo, se decide que se vai nomear certo número e, como por acaso, esses são sempre os responsáveis. Mas isso não muda nada, isso nada mais é do que uma peripécia. Pode-se formular a significação produzida? Ela evoluiu com o tempo, creio eu. No início na EFP, os passantes se acreditavam colocados em causa no seu ser de analista e isso produziu dramas. Lacan muitas vezes notou isso e deplorou, mas sem poder corrigir. Hoje, me parece que se começa a assimilar vagamente que esta significação é eminentemente equivocada: pois se ela parece indicar no seu endereçamento aos passantes tão numerosos não nomeados, algo como “o “si” de analista não se tornou aparente para nós”. Esse julgamento, nós não podemos ter dúvidas quanto a isso, está na medida dos “sis” do júri que não se reconhecem aí no passante e que, por causa disso, não abriam o entre si, onde o dispositivo os coloca na função de nomeação. Ossos do ofício da nomeação, nada de mais e que vale para todos os casos.

Por vezes se escuta a pergunta: mas será que os cartéis podem se enganar? Esta questão que me foi colocada num Seminário da Escola me fez parar. Por duas razões. A primeira é que não está assegurado que nesse domínio do “se reconhecer entre si” haja mais lugar para o erro do que, por exemplo, nas escolhas de amor, que mesmo quando são más, são sempre boas. Segunda razão: supondo-se que se convoque o erro como possível, quem o dirá? O passante não nomeado, o passador, o analista do passante, a comunidade junto à qual isso não pode acontecer de jeito nenhum? Todos estão mal posicionados para dizê-lo. Imediatamente se compreende que a fórmula convoca implicitamente aquilo que chamei um ponto de exceção do dispositivo, no qual um super-Sujeito Suposto Saber poderia fazer um julgamento de Salomão. É, portanto, uma questão que tem a ver com uma transferência mantida, de fato.

Quanto a esses ossos do ofício da nomeação, poderia ser isso uma condenação do dispositivo? Não creio. O valor desse dispositivo não se atém às nomeações — se esse fosse o caso, já teria desaparecido. Ele se prende à “transferência de trabalho” que se produz em todos os participantes do dispositivo (passante, passadores, cartéis) e, de forma mais abrangente, na Escola e em seus analistas. Sei que alguns não gostam dessa expressão “transferência de trabalho”, mas posso dizer isso de outra forma: o valor principal do dispositivo é o de evitar ou de contribuir a evitar o que Lacan chamou de analista funcionário, ritualizado, que opera por rotina, hábito, que, como ele diz, aprendeu a apertar os botões certos sem mais se atormentar com “o quê e o que é isso?”.

Ora, esse aí, mesmo que funcione, não tem nenhuma possibilidade de responder às urgências: nem mesmo àquelas do final das análises que ele dirige,

pois no fim ele não tem os botões certos para apertar, nem para as urgências da época. A função desse dispositivo alerta que o passe não é, portanto, supérfluo, independentemente das nomeações.

Dezembro de 2010

Tradução: Elisabeth Saporiti e Alba Abreu

Jacques ADAM (França)

O Passe, presença do Inconsciente

O que permite a um cartel, ao escutar os testemunhos do passe, apreender o que foi “a presença do Inconsciente” para um sujeito que se tornou, como é o caso na maioria das vezes, analista? Sem que se trate de *avaliação* da experiência analítica, por onde se pode captar o efeito de inconsciente dentro da experiência relatada a uma terceira pessoa?

Pode-se tentar esclarecer a questão a partir de termos que Lacan repetidas vezes declinou em seus *Escritos* e *Seminários*: “presença do inconsciente”, “presença do analista”, “posição do inconsciente”, “posição do analista”. Para poupar-nos de um recenseamento exaustivo, vamos citar apenas os dois limites, que em si indicam o espaço em questão. 1951 (“Intervenção sobre a Transferência”): “Em uma psicanálise de fato, o sujeito propriamente dito se constitui por um discurso, onde apenas a presença do analista traz, antes mesmo de qualquer intervenção, a dimensão do diálogo”. 1975 (“Encerramento das Jornadas de Novembro da EFP”): “aquele que se propõe ao passe... não é de maneira alguma sujeito. Este se oferece no estado de objeto, que é aquele ao qual o destina a *‘posição do psicanalista’*”. Evidentemente, devemos lembrar que em 1963 foi lançada uma obra muito recomendada, na época, aos estudantes de psicologia, de Sacha Nacht (IPA): *A Presença do Psicanalista*. Por sua vez, Lacan iria “refazer” o seu texto de Bonneval de 1960, publicado somente em 1966, “Posição do Inconsciente”, enquanto ele inaugura uma nova parte de seu ensinamento com o conceito do Inconsciente, em janeiro de 1964.

Certamente, deve-se reconhecer que o lugar de um cartel do passe, de onde se escuta o que há de mais crucial dos efeitos da experiência analítica, é um lugar altamente privilegiado, mas ao mesmo tempo complicado, já que se trata de enunciados de enunciados, sendo que este segundo grau deve permitir situar o que foi a relação de um sujeito com sua enunciação passada dentro da experiência de sua própria análise. Este dispositivo, que deve permitir uma depuração dos efeitos do Inconsciente a serem transmitidos aos passadores que os transmitirão aos membros do cartel do passe, permite facilmente alcançar o que se tem que escutar nos testemunhos? Por exemplo, se se deve chegar a escutar o que foi a *presença do Inconsciente* na experiência do passante, relacionando-a ao que possa ter sido a

presença do analista na sua experiência, deduzindo-a na medida em que isto seja possível pelo testemunho dos passadores, da *posição do analista* no tratamento do passante?

Na escuta de diferentes passes fiquei impressionado com aquilo que me pareceu ser, na maioria dos casos, nas propostas ou no que era relatado desinteressadamente, a saber, a grande riqueza clínica dos testemunhos, algumas vezes até um exagero de eventos da história pessoal do passante, sempre semelhantes de um passador a outro, mas, ao mesmo tempo, pareciam decalcados sobre o que o passante tinha podido dizer de sua experiência da análise e que supostamente teria deixado a cargo dos passadores para fazerem a elaboração teórico-clínica para satisfazerem ao que pensavam que talvez fosse a expectativa dos membros do cartel do passe. Não é raro que este tipo de escuta do caso pela compreensão clínica se desdobre em uma verdadeira intenção interpretativa da parte dos passadores, no qual é o próprio passador que espera satisfazer a expectativa do cartel, pensando assim “defender” melhor o passante e ajudar o cartel a decifrar a *presença do Inconsciente* na sua relação com o que foi a *presença do analista* para o sujeito que ele testemunha.

A presença do analista não é, no entanto, o que se pode pegar do efeito de análise. É uma função que, “salvo por impudência notória, deve se excluir da operação analítica”, diz Lacan na sua “Alocução sobre as Psicoses”, de 1967, já que é uma presença “que só é válida por se apagar enfim, ou melhor, esta presença é da ordem do ininterpretável, exceto quando concorre para o *acting-out* (Seminário *De um Outro ao outro*, lição de 4 jun. de 1969). Então, é curioso ver os passadores tentarem realçar em seus testemunhos os efeitos de interpretação que aparecem no tratamento do passante, como se fosse o caso aí da verdadeira *presença do Inconsciente* e como se a *presença do analista* ressoasse em uníssono com desejo do analista. Enfim, testemunhos do interpretável valeriam mais que alinhamentos performativos de interpretações, dados ou recebidos.

Se “a *presença do Inconsciente...* deve ser buscada em todo discurso na sua enunciação”, (“Posição do Inconsciente”) e se os testemunhos chegam a convencer que o psicanalista adveio “ao se igualar à estrutura que o determina”, (“Equivocação do Sujeito Suposto Saber”), sem dúvida, no entanto, é mais indicado tentar através dos testemunhos se orientar ao que pôde ser a posição do analista no tratamento de um sujeito. Ansiando a *presença do analista* para se fazer ouvir a *presença do Inconsciente*, os passadores se arriscam a estragar o efeito de análise que, para o sujeito, aconteceu na sua pegada no real. Quer dizer, ao levarem em consideração o “nó ininterpretável”, uma vez que, a *posição do analista* não é a sua “forma mental” (que talvez os passadores arrisquem a “se desonrarem” quando querem procurá-la enquanto tal), e sim “sua posição de sujeito enquanto inscrita no real”). Esta definindo precisamente ‘o ato’” (“Equivocação do Sujeito Suposto Saber”).

O ato analítico, o que foi o ato analítico para um sujeito no curso da experiência de sua análise, a inscrição do sujeito no real é, com efeito, o que os passadores teriam talvez de melhor para tentar transmitir aos membros do cartel do

passe, a partir do que eles terão escutado dos passantes. O “desejo do analista” é também o pivô de onde um testemunho pode tomar corpo certamente. Mas ele pode também se deixar levar por todas as subjetivações possíveis. É claro, não se trata na escuta dos testemunhos da avaliação do desejo do analista a advir, e sim da avaliação do ato do analista do passante de quem ele é testemunho. E como diz Lacan em 1968 no Congresso de Estrasburgo da EFP, “é na presença topológica da verdade que devemos definir a *posição do psicanalista*”, sabendo que a primeira evidência de verdade está antes de tudo no sintoma, os passadores estariam alertados para prestarem aos passantes um ouvido clínico no sentido de ser a clínica de fato (ou de “afeto”, como diria Colette Soler), “o real como impossível a suportar”. Ou melhor, a se esforçar para fazer ressoar um efeito de verdadeiro, que em princípio no percurso de uma análise não se engana.

Tradução: Olympio Xavier

Antonio QUINET (Brasil)

A satisfação do final de análise

A satisfação própria ao final de análise é o tema que escolhi ao iniciarmos o Cartel 1 do passe e que agora completa dois anos. Essa satisfação, que como tal é uma forma de manifestação do real, pode ser apreendida no dispositivo do passe? Eis uma pergunta difícil de ser respondida, porque o passe é um dispositivo de fala, que é, portanto, sustentado pelo simbólico da linguagem. Existe uma aporia da transmissão do ato analítico, que estruturalmente se baseia na dificuldade de fazer passar algo de real pela via do significante. No entanto, algo dessa satisfação se deixa apreender e passa para o cartel, conforme apontei no último *Wunsch*.

A referência de Lacan, extremamente sucinta, que orientou nosso cartel do passe, é a do “Prefácio da edição inglesa do seminário 11”, onde ele escreve sobre uma satisfação específica: a satisfação do final de análise. Aliás, ela não só é específica desse momento da análise, como também ela é “a marca” do final.⁷¹ Trata-se de uma satisfação do analisante distinta da satisfação do sintoma. O sintoma é uma forma de satisfação, pois a pulsão se satisfaz no sintoma, e isso desde o início quando o sujeito chega com o seu sintoma satisfeito, porém insatisfeito com a satisfação que o seu sintoma lhe provoca.

Quando ele entra em análise fica satisfeito com a decifração e com o processo analítico. É a satisfação da associação livre, do descobrimento dos fatos, dos ditos, das fantasias e sua articulação com a cadeia significante da sua história. A satisfação analisante se situa no lado da busca da verdade, é a satisfação do gozo saber. Este é o gozo do deciframento, satisfação relativa ao saber extraído da associação livre. Le *gai savoir* é uma referência de Lacan em *Televisão*, à poesia provençal, do tema do amor cortês, para indicar o manejo significante da língua

⁷¹ Lacan, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 *in Outros escritos, op. cit.*, p.568.

poética. Em análise, corresponde à descoberta do inconsciente poeta, espirituoso, brincalhão, que rola e deita e pula na cama elástica da língua. O saber que se elabora na associação livre arranca o sujeito da tristeza, pois ele reencontra o fio de seu desejo que estava extraviado. Essa satisfação de um saber alegre, com brincadeiras de linguagem, vai até o final da análise.

Em nosso cartel do passe, constatamos vários tipos de satisfação que o analisante experimenta e que podem ocorrer durante uma análise, a começar pela satisfação terapêutica que corresponde ao alívio do sofrimento. Em termos freudianos, podemos dizer que se trata de uma satisfação ligada ao princípio do prazer, liberação da “libido ligada”. Ela pode ocorrer quando do desaparecimento de certos sintomas e também quando sobrevêm momentos de desalienação do Outro, ou seja, a partir do momento em que o analisante não se sente mais submetido a certos ditos das pessoas que ocuparam para ele o lugar do Outro; num exemplo de passe, o sujeito que não é mais submetido aos ditos inferiores do Outro materno sobre seus órgãos genitais. A separação desses significantes operou uma redução na satisfação do supereu quando o sujeito pôde dizer não aos imperativos mortificadores do Outro. Em outros termos, podemos localizar aqui a satisfação como alívio de desidentificação, que não se dá apenas uma vez, mas ao longo da travessia da análise, sendo que o sujeito às vezes — mas nem sempre — pode localizar no tempo seus efeitos. A satisfação ao longo da análise é também a satisfação da suspensão das inibições e da atenuação da angústia, como, por exemplo, num caso de passe quando da queda do objeto olhar.

No “Prefácio”, Lacan situa o Inconsciente no registro do real, sob a forma de satisfação, em oposição à verdade: “a miragem da verdade da qual só pode se esperar a mentira, não tem outro limite senão a satisfação que marca o fim da análise”.⁷² Esse fim é, portanto, marcado por um “Estou satisfeito com essa verdade! Mesmo que não seja lá muito verdadeira, tá bom! Chega! Não quero mais verificar a veracidade da verdade.” Isso coloca um fim à historisterização — termo que aponta para o caráter fictício da verdade — que o analisante faz de sua vida, que pode ser comparado ao próprio processo analítico.

É também neste texto que Lacan define o passe como a historisterização da análise — para não confundir com a historisterização da vida que é efetuada na análise. Alguns passantes e mesmo alguns passadores acham — como pude constatar — que o dispositivo do passe é o lugar de um resumo da historisterização da vida, mas não é o que Lacan esperava do passe. Às vezes um testemunho é feito mais sobre o que ocorreu na vida do sujeito do que o que foi sua análise. Nesses casos fica difícil o cartel do passe poder constatar algo de seu final, pois não foi possível apreender o fio condutor de uma análise e sua relação com as mudanças na vida do sujeito. No passe trata-se da historisterização da análise e a transmissão daquilo que permitiu ao passante ser analista. Nos dois casos de passe em que houve nomeação foi possível se apreender a estrutura e a solução da neurose apresentada no final da análise, assim como a relação dessa solução com momentos

⁷² Lacan, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 *in Outros escritos, op. cit.*, p.568.

cruciais ao longo da análise e repercussão desses na vida do sujeito. O passe, diz Lacan, “é a verificação da histoisterização da análise, abstendo-me de impor esse passe a todos, porque não há todos no caso, mas esparsos disparatados”.⁷³ Essa expressão de Lacan aponta que os analistas não fazem um todo, a Escola é não-toda [S(A)]. Não é um Outro reconstituído para o analisante (como se chegou a propor explicitamente na AMP) que se deparou com a falta do outro em sua análise. O dispositivo do passe não constitui a Escola como um conjunto, nem a instituição que a sustenta — somos uma coleção de “esparsos disparatados”.

Cada passante privilegia um aspecto em sua historização da análise, assim como encontramos também várias indicações no ensino de Lacan do que pode acontecer no final da análise: a travessia da fantasia, a queda do objeto *a*, o encontro com a inconsistência do Outro, a identificação com o sintoma etc. O mais difícil é não nos deixarmos influenciar por essas indicações — e isso vale tanto para os passantes, quanto para os passadores e para o cartel do passe — para não distorcemos o passe e o transformarmos numa verificação de determinados padrões de final de análise. O passe aponta justamente para o oposto disso: é um anti-padrão radical.

Quando Lacan diz historização, vale lembrar, também é o caso a caso: cada um o fará de sua maneira, privilegiando alguns aspectos de sua análise e não evidenciando outros. A histoisterização é forçosamente não-toda. Não se trata de uma elaboração da análise, que cabe mais ao cartel do passe, que é o júri, do que propriamente falando ao passante, e muito menos do passador. É um problema quando o passador passa a teorizar, pois pode, assim, impedir a passagem do testemunho do passante até o cartel do passe.

“Deixei à disposição”, diz Lacan, “daqueles que se arriscam a testemunhar da melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa”.⁷⁴ Ao falar sobre a verdade mentirosa, não há uma desqualificação da verdade. É uma constatação: não se pode distinguir totalmente a verdade da mentira. O sujeito testemunha dessa verdade mentirosa. Ele sabe que a verdade é mentirosa mas não deixa de ser verdade. Trata-se daquilo do qual o passante foi constituído a partir dos significantes do Outro e a partir dos quais você fez a suas escolhas, ou seja, aquilo que os gregos chamavam de *destino*, no qual o sujeito é mais falado do que fala, mais agido do que age etc. Considerar o destino como uma verdade mentirosa já é uma forma de você se desalienar do Outro, lá onde está inscrita sua história verdadeira, que no entanto, mente — ela mente sobre o que é o ser.

O que interrompe a busca da verdade na análise não é o esgotamento ou cansaço, e sim o que é da ordem da satisfação. É o momento em que há transformação da valência do gozo, do gozo que faz sofrer ao gozo que faz fruir. É você passar do gozo trágico ao gozo do entusiasmo — afeto lacaniano imprescindível ao analista. É uma satisfação — uma satisfação de fim — que marca um corte na satisfação da transferência, na medida em que a busca da verdade está vinculada à satisfação que o amor de transferência promove.

⁷³ Lacan, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 *in Outros escritos*, *op. cit.*, p.569.

⁷⁴ *Ibid.*

O amor de transferência trás uma satisfação: a busca da verdade se dá sob o signo de Eros, nos desfilamentos do desejo suportado pela demanda de amor que sempre encontra seus sinais de reciprocidade. Para o sujeito abrir mão dessa satisfação amorosa, ele deve encontrar outra satisfação. Há uma perda do sofrimento promovido pela análise ao transformar, como diz Freud, a infelicidade numa miséria banal. Quando se faz essa passagem, há uma diminuição do valor do sofrimento, mas não é uma mudança: você continua com a miséria, apesar de ela estar banalizada. A satisfação de fim não é a redução do sofrimento que acompanha a redução do sintoma, como propõe Lacan no que concerne a operação analítica sobre este. Ela é outra coisa, ela marca uma mudança de comutador, ela não é vinculada a alienação significante, e sim à separação em relação ao Outro.

Em um caso de passe, o cartel detecta uma frase do testemunho que aponta para uma conclusão de final de análise: “Eu sou...”, definição de de-cisão do ser. Esta afirmação foi possível a partir de uma autorização de gozo não mais acompanhada do afeto da vergonha. O sujeito saiu da posição de ser o objeto da vergonha do Outro materno. Essa satisfação corresponde ao saldo cínico do gozo permitido, ou seja, sem o Outro. Neste caso, o efeito no gozo se vincula à pulsão escópica: houve um esvaziamento do gozo do olhar, que se expressa em uma fórmula significante criada pelo sujeito, na qual ele indica não estar mais na mira do Outro. Em outro caso de passe, a satisfação que marca o fim é vinculada à criação, a uma invenção própria do sujeito e, como tal, desvinculada dos significantes do Outro paterno, aos quais ele se encontrava subjugado. Algumas operações significantes efetuadas pelo sujeito atestam a presença do fio condutor da análise até sua conclusão final. Assim foi possível averiguar a travessia do sujeito em relação à voz do Outro do qual ele se separa. A mudança da valência de gozo se vincula, neste caso, à pulsão invocante e à queda do objeto voz.

No início do *Seminário 20*, Lacan se refere à satisfação do seu “não querer nem saber”, que é a própria expressão do recalque. O inconsciente vai evidentemente continuar se manifestando, como nossos AE nos mostraram ao relatarem suas formações do inconsciente em Roma e Fortaleza — lapsos e sonhos durante o procedimento do passe. O sujeito sabe que ele não disse tudo, mas está satisfeito não apenas com o que já disse e a que chegou, mas também está satisfeito com seu recalque. Só quando, diz Lacan, o “não quero saber nada disso” “de vocês lhes aparece como suficiente vocês possam (...) se destacar normalmente da análise de vocês”.⁷⁵ O “suficiente” corresponde aqui ao que é o satisfatório do final de análise, a um “é suficiente, estou satisfeito” — satisfação do saber adquirido, mesmo sabendo que resta a saber... e, no entanto, está bem assim. E o sujeito deixa de estar insatisfeito com o que sabe e sai contente com isso. Quer também dizer que você está satisfeito com seu sintoma, ou seja, sua maneira de gozar do inconsciente, até para saber lidar com ele de uma maneira que não seja sofrimento.

A análise pode chegar “ao ponto de o bem-dizer satis-fazer”.⁷⁶ Eis uma satisfação de fim de análise: ela é relativa ao manejo da língua como bem-dizer que

⁷⁵ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais ainda (1972-73)*, op. cit., pp.9-10.

⁷⁶ Lacan, ...ou pior in *Outros escritos*, op. cit., p.549.

satisfaz o sujeito em se dizer (“eu sou...”) ou dizer seu sintoma (forma de gozo). Nesse termo de Lacan, encontramos também o fazer que nos remete ao saber fazer com o sintoma. Quando o sujeito está no processo analítico ele está no “não basta” e sempre procura um dizer melhor, um dizer a mais que responda a esse “não basta”. No final de análise o bem-dizer que satisfaz permite o “Basta!”, ou melhor dizendo, ele produz esse “Basta” cuja satisfação marca o final de análise. O bem dizer do seu sintoma não ocorre sem a histoisterização que dá conta da história do seu sintoma, da sua fantasia, das ficções secretadas pelo Inconsciente durante a análise, até que se chega ao bem-dizer do lado do sintoma, ao lado de um satisfazer. Essa satisfação, é da ordem do real, de uma satisfação no fazer. Trata-se de um fazer com seu sintoma. Essa satisfação do fazer podemos aproximá-la do que diz Freud sobre o que se espera de uma análise: *poder amar e trabalhar*. Parece pouco? Mas é muito! Eis um fazer do real que satisfaz e pode pôr um fim à busca da verdade que é sempre mentirosa.

A satisfação de final de análise está para além daquilo que caracteriza o desejo inconsciente sempre insatisfeito, ávido de significantes, guloso de instrumentos de gozo: colares, amantes, carros e ... saber. O fala-a-ser cambia seu gozar — este novo gozar é um gozar desvinculado do gozo (suposto) do Outro. A queda do sujeito suposto gozar é a condição da satisfação do final de análise. Não se trata da promessa de um gozo-todo destinado necessariamente à decepção, ou seja, não se trata de um empuxe-ao-gozo, e sim de um gozo que leva em conta a castração, um gozo castrado. Entretanto é um gozo que satisfaz — é um gozo satisfatório, permitido, em o Outro.

A satisfação de fim confere ao gozo uma coloração e vivacidade que se opõem ao negror e a mortificação da relação do significante com o gozo, tanto na carne quanto na mente. Essa satisfação tem várias vertentes:

- a vertente que acompanhou a travessia da análise e o desaparecimento do sofrimento do sintoma, da suspensão da inibição e da atenuação da angústia, como testemunhou Sílvia Franco em seus depoimentos públicos.
- a vertente que diz respeito á sexualidade: o sujeito está satisfeito com sua maneira de gozar sexualmente — é o que pudemos verificar a partir do testemunho dos passantes. Ele não está mais nem na insatisfação nem na impossibilidade, e nem na metonímia desvairada de transar com todo mundo. O sujeito pode enfim consentir com um modo de gozar outrora recusado ou desconsiderado. Essa vertente da satisfação sexual é extremamente variável, mas ela sempre traz a paz. Final da guerra: guerra dos sexos, guerra consigo mesmo. Evidente que é uma paz que não impede nem a batalha nem ir à luta!
- vertente do saber. Depois de várias voltas em sua história, recordações, fantasias e heranças tendo sido transformadas em sua história, ou seja, após a historização de sua vida e de seu lugar na genealogia, o sujeito se dá por satisfeito. Ele se dá por satisfeito com o saber construído e satisfeito com a indecidibilidade de sua verificação.

Ele se dá por satisfeito com a elaboração do saber sobre seu sintoma e de seu limite — seu não-querer-saber.

- vertente de *lalíngua*. Nos passes que escutamos no nosso cartel, pude constatar a satisfação linguageira correspondente ao Inconsciente como uma elucubração sobre *lalíngua*. Esse Inconsciente lalinguageiro é um trabalhador incansável, como o define Lacan. Esse trabalho — *Arbeit* — termo tantas vezes empregado por Freud — não é um trabalho forçado, como o trabalho de luto, penoso, sofrido. O trabalho de *lalíngua* é, digamos, *afreudisiaco*! Nesse significante podemos escutar aí também o gozo dionisiaco. E onde se pode verificar esse gozo é na letra do sintoma — a maneira como cada um goza “lalinguamente” de seu Inconsciente.

Martine MÈNES (França)

Posição do passador

O passador *é* o passe, escreveu Lacan em sua “Proposição”.

Da experiência de ouvir os passadores falarem sobre os passes, experiência inaugural para mim, eu lembro nesse momento de uma questão que tem me acompanhado desde o início, e até mesmo antes, desde que, enquanto AME, tornei-me apta a designar passadores: o que faz um passador? “Não basta que um analista creia ter obtido o final de uma análise para que, do analisante que chega a este termo, ele, por tê-lo forjado, faça um passador”, escreveu Lacan em 08 de maio de 1974 aos AME de sua Escola. Essa nota sucede em alguns meses a “Nota Italiana (1973)”, onde Lacan escreveu que os passadores se “desonram por deixar a coisa incerta”, quer dizer, por deixar o cartel do passe na dúvida, em suspensão, na indeterminação em seu julgamento acerca da passagem ou não do analisante ao analista.

Será que é mais fácil pensar sobre aquilo que *não* faz um passador? Primeira constatação: fazer-se de secretário. Recolher fielmente as declarações do passante e restituí-las o mais fielmente possível transmite, na melhor das hipóteses, uma história elucidada, uma *hystorização* exaustiva, finalizada, com os consequentes efeitos terapêuticos, na maioria dos casos. Mas o passador corre o risco aí (se eu li bem a nota de 1974 e de acordo com a minha experiência), por um lado, de não reconhecer a distância entre “o saber que pode se deduzir de uma análise e a verdade”, podemos até mesmo dizer a distância entre a mentira da verdade do sentido e a parcela de real que daí pode escapar para, no entanto, aí exprimir-se; e por outro lado, de construir esse saber suposto com as coordenadas de sua própria imaginação.

É certamente por se afastarem dessa posição (que a princípio pode parecer evidente) que muitos passadores dizem ter desistido de tomar notas, até mesmo

terem perdido anotações preciosas, e renunciado diante da tentação de “construir o caso” do passante, para tomar o texto falado, em voz *off* se eu posso dizer.

A função do passador, sua responsabilidade, é de fazer passar; a questão não é fazer passar demais ou insuficientemente, como às vezes se tem colocado, mas fazer passar a enunciação de um outro, um “que se diga” do passante, que se sustenta ao máximo apenas em sua posição subjetiva face ao real. Dito de outra forma, trata-se de testemunhar. E nós sabemos que, no geral, o testemunho não tem muito a ver com a realidade dos fatos.

O momento do passador será, então, aquele do tempo lógico de sua relação ao seu próprio (saber) inconsciente, que lhe permitirá confrontar-se com o impossível de dizer, permitirá suportar (é possível que sejam do mesmo registro).

Como isso é possível? Fazendo-se de placa sensível, escreveu Lacan, isso implica em poder se deixar imprimir pelo dizer do passante, e em seguida, se deixar submergir no revelador que seria o cartel do passe, para que a foto apareça. Esquecimento de toda mestria, de todo preconceito, de toda construção, de toda compreensão para dar lugar à afetação? Desde que se ouça com a ambiguidade de “ser afetado”⁷⁷. Muitos passadores testemunham a emoção de terem sido indicados, mas também e, talvez acima de tudo, se terem sido designados a um lugar.

Ser afetado supõe, ainda, poder se deixar afetar. É preciso em algum momento fazer a foto. Como? Não existe manual, e isso não importa porque a maioria deles são ilegíveis.

Talvez, ainda, eu esteja surpresa com a reserva que alguns passadores demonstram ao se abster de colocar as perguntas, limitando-se — parece-me — a uma escuta passiva. É isso que, por vezes, originou duas tonalidades de testemunho, de acordo com os dois (tipos de) passadores, sensivelmente diferentes.

Na verdade, a responsabilidade do passe é um negócio para, ao menos, 4+1: CAG, passadores, passante, cartel do passe, com o seu +1, a Escola, como lugar de elaboração, de interrogação e de nomeação.

Podemos esperar que cada um afete-se no seu lugar como se (como dizia Freud diante de um novo paciente) ele não soubesse de nada?

A ser continuado, portanto.

30 de dezembro de 2010

Tradução: Lia Silveira

⁷⁷ N.T.: em francês, o verbo *affecter* (*affecter quelqu'un a une place*) pode ser utilizado no sentido de designar, nomear alguém para ocupar um lugar.

Sol APARICIO (França)

Verificar um desejo

“... essas experiências não podem somar-se”⁷⁸

O passe como dispositivo distinto daquele da análise, inventado por Lacan e colocado à disposição daqueles que querem se colocar à prova, é um instrumento do qual os passantes se servem para diversos fins, para seus próprios fins, podemos dizer, mesmo se cada qual saiba que ele foi concebido como modo original de recrutamento de analistas.

A experiência para o cartel do passe é limitada; o número de testemunhos escutados é reduzido. Ricos de ensinamentos, esses testemunhos não permitem quase nenhuma generalização. Há passes (no plural), como há finais de análise. Isso limita não a importância, mas o alcance das conclusões que podem daí ser tiradas.

Essa variedade me parece bem-vinda para não perder de vista que a experiência diz respeito ao não-todo e não poderia se prestar a afirmações peremptórias. Ela se opõe à tentação do universal sempre à espreita, que afasta a possibilidade de ousar o singular, sob o risco de não estar conforme. Isso convém pouco ao neurótico, o sabemos. Os restos de neurose fazem obstáculo à mudança de discurso que o passe a analista implica. A visada histórica aí faz obstáculo, pois tende, sem cessar, a remeter o significante mestre, o Um, ao lugar do Outro... É bem uma das razões — eu o percebi melhor agora — pela qual Lacan colocou o passe no coração da Escola.

Em um primeiro tempo, a questão sobre o tornar-se psicanalista recai, em Lacan, sobre as condições necessárias para que isso seja possível. Ele avança então na hipótese que se impôs de maneira lógica, dado que seria admitida na comunidade dos psicanalistas: se a análise predispõe a tornar-se analista, então o fim da análise deve consistir no acontecimento de um desejo passante a passar à posição de analista. A proposição sobre o passe de 1967 é inicialmente aquela de uma colocação à prova dessa hipótese.

Após a “Proposição”, em 1974, Lacan especificou aquilo que é o desejo do analista falando na “Nota italiana” de um desejo inédito.⁷⁹ O que ele diz a esse propósito é muito preciso. E, salvo erro da minha parte, isso não tinha sido questão antes. Voltemos aí, brevemente, deixando de lado a sequência desse difícil texto.

Lacan evoca “uma pretensa humanidade para quem o saber não é feito, já que ela não o deseja”. Para em seguida acrescentar: “Só existe analista se esse desejo lhe advier, que já por isso ele seja rebotalho [*rubut*] da dita (humanidade)”.

Não há portanto analista — a análise é bem necessária, mas não suficiente — a não ser que lhe aconteça de desejar o saber... Qual saber? Aquele cujo

⁷⁸ Lacan, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos *in Outros escritos, op. cit.*, p.553.

⁷⁹ Lacan, J. Nota italiana *in Outros escritos, op. cit.*, p.311.

“modelo” é dado pelo saber científico, descoberto no real e formalizado para ser transmitido, ao qual Lacan imputa a responsabilidade “de haver transmitido unicamente aos rebotalhos da douta ignorância um desejo inédito”.

O desejo inédito é, pois, inicialmente, aquele que “o saber científico” não transmitiu senão aos “rebotalhos da douta ignorância”. Ora, Lacan prosseguiu a este propósito: “O qual se trata de verificar: para fazer o analista”. (Não *um* analista, mas *o* analista).

Que a humanidade não deseja o saber, isso é verdade para todos. O horror de saber, que está em questão algumas linhas adiante, horror “de todos”, é também generalizável. Mas isso deixa lugar às exceções que constituem, de uma parte, os “rebotalhos da douta ignorância” e, de outra parte, as quedas: “o analista, quando existe, representa a queda” de um “modelo” que não é o saber científico, mas aquele aqui apontado como o romance de Freud, “seus amores com a verdade”.

Assim, Lacan tira da história da ciência o exemplo de um desejo dito inédito, visto que está em ruptura com a douta ignorância, para articulá-lo à “nossa experiência do saber” que é, em primeiro lugar, aquele do saber inconsciente. Mas também a experiência daquilo que aí faz obstáculo, ou seja, o horror de saber cuja causa particular pode ser concernido graças à análise. Lacan faz depender então o primeiro, o desejo inédito *do* saber, do segundo, da experiência de horror *de* saber, própria a cada um.

Ao mesmo tempo ele mostra, com a dupla referência a Freud e à ciência, que ao desejo que está em questão “para fazer o analista” só concerne o saber separado da verdade e de toda ideia de progresso; nenhuma idealização do saber nem de suas consequências são aqui convenientes.

Que Lacan tenha falado do passe em seguida, em 1976, como de uma “colocação à prova da historização da análise” leva a pensar que ele constatou, como fazemos hoje em dia, que é o modo próprio à maior parte dos testemunhos. Dentre eles, aqueles que dizem explicitamente alguma coisa sobre o desejo possante ao ato são raros. Sem dúvida, isso necessita uma perlaboração particularmente importante. É em todo caso sobre a historização da análise deles, ou seja, sobre o saber articulável que eles extraíram, que a maior parte dos passantes centram seus testemunhos, mais que sobre o momento, o como e o por que da passagem à analista.

Mas, de fato, esse desejo do analista do qual nada é enunciado não estaria lá, apesar disso? Não está ele justamente operando, a ser verificado na historização mesma do trabalho analítico realizado, tão diferente daqueles dos dados biográficos? Um testemunho que leve a convicção, não teria por condição ser suportado por um desejo... inédito?

A historização da análise não implica nenhuma exaustividade. O que ela oferece é da ordem de uma visão parcial sobre a análise e seus resultados. É o relevo percebido pelo passante, como Lacan o diz a um momento, o relevo que o momento do passe lhe fez aparecer, apoiando sobre aquilo que era determinante. Isso constitui o eixo de seu testemunho, que o cartel a seu turno encontra, nos

melhores casos, e que ele retém para concluir. Que a visão seja parcial não quer dizer que ela não seja suficiente.

Assim, por exemplo, dois dos testemunhos escutados por nosso cartel, deram singularmente conta, ainda que de maneira diferente, da relação do sujeito ao gozo sexual e de uma saída encontrada face ao imperativo do supereu de gozo. A separação do Outro estava claramente legível, tanto como o cessar da repetição, e deixava aparecer que o sujeito tinha de fato vindo a autorizar-se de si mesmo.

Que o desejo imputável ao analista seja dito inédito não tem porque nos surpreender se tivermos em conta que o que é inédito, no dizer de Lacan, é justamente a posição do psicanalista: “ele se coloca como causa do desejo, posição eminentemente inédita, senão paradoxal, que uma prática homologa”.⁸⁰ Falar de desejo inédito é precisar aquilo que uma tal posição necessita.

Em que o mínimo que podemos dizer é que a Lacan não faltava ambição para a análise e para o passe, ambição de empurrar o discurso analítico para fora dos limites da douta ignorância, ou seja, dessa forma de saber do qual se contentam os discursos estabelecidos.

Tradução: Zilda Machado

Josep MONCENY (Espanha)

Sobre a certeza do fim

Proponho uma breve reflexão sobre o que a experiência destes dois anos no cartel do passe me deixaram como princípio para a elaboração de um ganho de saber.

Em primeiro lugar, devo dizer algo muito banal, porém surpreendente, quando eu o experimentei: eu sei menos do que acreditava saber, sinto-me interpelado por um grande número de incertezas sobre o que dizemos e fazemos a propósito do passe e, correlativamente, aumenta o horizonte do que devo trabalhar.

Eis um tema que me interessa: há cartéis que mostram uma grande certeza a cerce de uma conclusão, outros concluem, mas não se mostram tão seguros. Isto contrasta com um elevado número de passantes, quase todos, que transmitem explícita ou implicitamente suas certezas sobre o fim de suas análises, exceto alguns que vêm ao passe buscando um procedimento de confirmação e inclusive de ajuda para a conclusão. Evidentemente, esta convicção não é um índice para o cartel, pois não nos escapa que ela pode obedecer à necessidade de mostrar-se convincente para o outro. E, por outro lado, não é seguro que o que um sujeito expõe como “o fim de sua análise” seja o mesmo que os demais entendemos como “fim de análise”, por ser algo distinto para diferentes sujeitos e inclusive distintos analistas.

⁸⁰ Lacan, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.177.

Não é em vão que uma ou outra vez retorne à questão, se passe clínico e fim coincidem ou se são duas questões distintas, ou melhor, dois momentos distintos.

Mas, a questão da relação entre real e certeza, há muito me interessou. São Paulo sempre apresentou o melhor fundamento de sua certeza, fruto de seu encontro (com algo que podemos presumir como real) no caminho de Tarso, ao invés dos demais apóstolos que a fundamentam nos “ensinamentos do mestre”. É óbvio que São Paulo não se enganava a propósito da inconsistência do Outro. E tinha menos dúvidas que São Pedro.

No “*Prefácio...*” Lacan parece, a meu ver, dar uma chave importante sobre a questão dessa certeza: “Quando o esp de um laps – ou seja, visto que só escrevo em francês, o espaço de um lapso – já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. *On le sait, soi*”. Quando na análise o sujeito alcança este momento de sua experiência, quando não somente lhe sobrevém um lapso, mas “ele vem”, “acontece” nesse intervalo, ele sabe. Daí se extrai uma certeza, que perdura ainda que quando ela passa pela atenção, ela já minta, e ao entrar no coletivo do dispositivo já não seja esse “a gente sabe disso”.

O problema é que a certeza é experimentada, mas não pode ser demonstrada, pois obtemos precisamente a experiência daquilo que não tem sentido e, portanto, daquilo que nenhum recurso do Outro, em sua inconsistência, pode recobrir. Por isso não nos basta a certeza demonstrada pelo passante sobre seu passe no fim da análise, para estarmos, também nós, seguros. Além disso, quanto maior é sua ostentação de certeza, menos inclinado alguém se sente a confiar nela. E minha impressão é que, quanto maior é sua certeza, menos reivindicativa costuma ser sua posição em relação à nomeação.

Isso não implica que a historisterização que o passante faz para o Outro no passe-dispositivo seja inútil, pois creio que ela concerne à topologia do furo, pela qual se faz certeza a experiência do fim, que se faz verossímil para o cartel por duas modalidades distintas: a certeza do cartel obtida por uma lógica coletiva para a qual as escansões são tão importantes quanto o relato, como no apólogo dos prisioneiros, e que permite uma conclusão sobre aquilo que é indecível para cada um e real para todos. Esta modalidade conclusiva foi a que experimentei como dominante para mim na experiência do *Cartel 1*. No entanto, há outras fontes de certeza, a angústia como afeto que não engana poderia ser um índice da relação com o real, embora raramente a tenha visto mencionada no dispositivo do passe, talvez porque há relação com o real que não implica necessariamente angústia, além disso, Lacan afirma que “com o real a gente se acostuma”.

No “*Prefácio*”, o que está em questão é o fato de o sujeito fazer uma experiência do real, na medida em que ele experimenta o ocaso do sentido. Isto só pode ser “*jouis sans sens*”, e devemos supô-lo localizado no real do nó fora da *jouis-sens*, sua emergência pode apresentar uma determinada modalidade - a do encontro, como o de São Paulo, a do retorno e até a do relâmpago -, que creio poder levar o cartel a uma certeza maior do estilo do passante.

Não estou postulando que a certeza do cartel seja sobre o advento do desejo do analista, nem certeza de que tenha havido passe ao real, isto é, que sua nomeação é infalível. Na realidade, o cartel muitas vezes mantém um grau de incerteza, como se diz reiteradamente, sua decisão implica uma aposta, mas pode-se ter uma certeza de que seu próprio momento de concluir chegou e que não há mais saber a elaborar, nem mais elementos a esperar, também ele fez a redução de sentido e concluiu se o passante transmitiu o verossímil de seu passe ou não. Se no analisante, no final da análise, Lacan situa “a satisfação que marca o fim da análise”, creio que o cartel só encontra satisfação se finaliza pela certeza do fim de sua elaboração, caso contrário resta a série de sensações que vão desde o mal-estar à culpa, à insatisfação, que implicam a esperança de algo que ficou por fazer e, com isso, a suposição de um sentido por esperar.

Daí a surpresa e até o escândalo que produz o fato de alguém que tenha feito o passe retomar a análise. Isto supõe esperar de novo algum sentido.

Será que isto implica, então, que essa passagem é um instante, ou um intervalo? Ou se trata de viver para sempre no sem-sentido?

Para não me estender, limitar-me-ei a dizer que estou interessado em propor que os testemunhos nos ensinam como se pode viver sem sentido, obviamente igual a poder viver sem esperança no ateísmo, o que não impede desejar e inclusive desejar melhor.

Mas é óbvio que, na medida em que alguém vive em coletividade, ou seja, nos discursos, o sentido estejs em toda parte, e nas sociedades analíticas, não menos do que nas outras. Outra coisa é a relação do sujeito com ele mesmo, depois da análise. E isto me leva à questão o que diferencia a experiência do fim da psicose. Pois se o neurótico extrai sua certeza do ato, o psicótico, e especialmente o paranoico, obtém primeiro uma certeza que o levará, posteriormente, a realizar “em coerência” os atos mais terríveis e decididos.

Dezembro 2010

Tradução: Conrado Ramos

CARTEL 2

Danièle SILVESTRE (França)

Considerações sobre o passador

A função do passador, seu lugar, está no centro do dispositivo do passe, pois é o passador que recebe o testemunho do passante e o transmite (o passe) ou, em outros termos, o faz passar para o cartel o fato de passar para o cartel, como o bastão numa corrida de revezamento. Supõe-lhe, a este passador, a capacidade de recolher nos ditos do passante um “dizer” que cingir especificamente o que, na sua análise, suspendeu para ele a possibilidade de franquear o passo (ou o passe, é também o sentido desta palavra em francês) que modifica sua posição subjetiva na análise: de analistante, ele se torna analista.

Muitos textos da nossa Escola, que eu não citarei aqui, são centrados acerca deste tema e sublinham do que se trata através de significantes:

Virada, franqueamento ou ainda atravessamento (em particular: atravessamento da fantasia, que foi especialmente empregado nos anos 1990; questão de modo?).

É importante, em todo caso para os carteis, de não se obnubilar sobre o que veicula no discurso da Escola (ou na Escola) quanto ao que deverá recolher o passador, depois o cartel, e que então deveria ser extraído nos enunciados do passante; não se obnubilar pelos “slogans” do momento de nossa comunidade de trabalho. Escuta-se muitas coisas, como, por exemplo, sobre o inconsciente real, limitando o alcance (ao menos no passe), pelo fato de ele ser acompanhado de qualificativos de adjetivos, como, incomunicável, indizível etc. Mas nada impede isso, pois não é a expressão de uma teoria do passe nem a do final de análise que o cartel ou o passador deve procurar naquilo que ele ouve.

O passador está no centro do dispositivo, porque também ele é tido como saber encontrar no seu percurso de analisante um tal momento de virada. Foi por isso que Lacan pôde dizer, na ocasião, que ele é o passe. Isto então implica que os analistas da Escola, na suposição que lhes é feita, que eles podem identificar um tal momento na análise e em consequência designar um passador; é responsabilidade deles e tarefa deles, tirar disso consequências, em seu próprio compromisso com a psicanálise.

Temos alguns testemunhos de passadores para os quais este momento de virada foi vivido como tal: ao mesmo tempo em que, em sua análise, ele ressentia subjetivamente que ele atravessava alguma coisa radicalmente diferente, um momento particular, novo, aquele que como um raio ilumina bruscamente a paisagem e o faz ver de outra maneira, ao mesmo tempo ele era chamado por um passante, como passador. É evidente uma conjuntura remarcável, mas nem sempre esta concordância de tempo se encontra entre a designação de um analisante como

passador por seu analista, e a atualização de uma virada subjetiva decisivo para ele em sua análise (a “marca” da qual fala Lacan em sua “Nota italiana”).

Eu quero enfatizar também alguma coisa que me parece importante e que não se deve esquecer; como eu escrevi num texto anterior, assim que a resposta do cartel é *não* à nomeação de AE, isto não significa que o passante e/ou seus passadores não tenham podido/sabido cingir a virada crucial.

É possível que a falta (*defaut*) seja na própria transmissão. Isto quer dizer que uma resposta negativa traduz verdadeiramente a incerteza do cartel, sua ausência de prova, que, sim, ele pôde encontrar esta marca no testemunho que lhe foi transmitido, lá onde uma resposta positiva diz sua certeza ou convicção.

Acrescento que o defeito na transmissão é às vezes bem palpável para o cartel: por exemplo, na abundância de detalhes biográficos ou na longa duração do testemunho, de onde não emergem ponto forte, fica sensível que os passadores não puderam, apesar de seus esforços, cingir alguma coisa de decisivo. Às vezes eles se esforçam e acrescentam o seu dedo nisso, como, por exemplo, fazendo uma dedução interpretativa. Mas isso mostra ainda mais a falta do núcleo duro, ou melhor, desse toque de real que seria esclarecido por contraste nos ditos. Assim, o que é demasiado mostra, ao contrário, o lugar vazio.

Enfim, toda transmissão não pode jamais ser integral; ela comporta a perda, como bem observou Nicolas Bendrihen, no número 54 do *Mensuel*: a transmissão não é toda.

Não há passe ideal, e já é uma satisfação constatar que ele preenche ao menos sua função na Escola — e é afinal de contas para isso que Lacan o colocou em funcionamento — sua função de máquina contra o esquecimento do ato (este que faz o analista).

Os cartéis têm tendência, por vezes, querer sempre mais e, por vezes, os passadores também, dos quais alguns passaram horas quase intermináveis (um deles, um recorde: 20 horas de recolhimento de relato do depoimento de um passante) a escutar. Pensando poder apreender enfim o cristal, a pedra preciosa. Nosso cartel se emocionou e solicitou que o depoimento do passador diante o cartel não ultrapasse uns quarenta minutos. Eu penso que seria proveitoso que um debate na Escola sobre a função do passador lhe permita não fazer durar muito tempo as entrevistas com os passantes.

Tradução: Daniela Chatelard

Clotilde PASCUAL (Espanha)

Réplica ao texto de Danièle Silvestre

Na réplica ao texto de Danièle Silvestre, centrar-me-ei em torno da função do passador e do que pudemos recolher da escuta dos passadores em nosso cartel.

Ligarei essa questão ao que o texto nos indica: que quando a resposta do cartel é não à nominação do passante como AE, isso não quer dizer que o passante ou os passadores não tenham distinguido ou transmitido a viragem crucial do passante, mas que o defeito pode estar na própria transmissão. Uma resposta negativa traduz apenas a não certeza do cartel, a ausência de prova no testemunho sobre essa viragem de analisante a analista por parte do passante.

O cartel teve a oportunidade de escutar até agora cinco passes (falta escutar mais um), e, portanto, os passadores que entrevistaram em tais testemunhos. Um denominador comum é a seriedade com que os passadores assumiram sua função. Cada um deles deu testemunho da responsabilidade de sua tarefa. Por outro lado, deixaram claro que nenhum estava ali a escutar o passante na posição de analista. Em algumas ocasiões, algo se esboçava de forma mais nítida em torno de sua subjetividade, mas em nenhum caso isso impedia de ver o que se tratava de transmitir. Organizaram sua apresentação de acordo com seu próprio estilo, mas se centravam no que o passante tinha dado como estilo em seu passe.

Escutar os passadores é dar-se conta de que, em seu esforço “por fazer passar” o testemunho do passante, se produzia, na maior parte dos casos, que o passador desaparecesse como sujeito, a fim de que o texto do testemunho pudesse fazer-se presente. Contudo, em outras ocasiões isso não era totalmente possível, e se notava uma polaridade entre tentar esse efeito de desaparecimento como sujeito e um querer dizer muito, a fim de atenuar o que se fazia difícil ou impossível de distinguir como efeito de viragem no passante. Nesse sentido, alguma intervenção do passador se estendeu em demasia, como lemos no texto de Danièle, e o cartel, ao perguntar sobre a duração do testemunho, se surpreendeu pela quantidade de horas passadas a escutar esse testemunho. Daí ter-nos parecido importante pensar que a exposição de um testemunho por parte de um passador não deveria ultrapassar uma hora, mesmo quando possa haver situações particulares que requeiram mais tempo.

No outro extremo, o passador se põe de sobreaviso a fim de preservar-se do deslize em alguma interpretação, sentimento ou juízo, e faz a exposição muito mais concisa. De igual maneira, essa forma de preservar-se constituem as notas, mais ou menos extensas, que uma vez foram eventualmente deixadas em cima da mesa, esquecidas, ou tomadas somente quanto ao essencial.

Diante de tudo isso, o cartel perguntava ou indagava sobre a opinião que o escutado merecia por parte do passador. Numa ocasião, pediu para escutar duas vezes o mesmo passador, uma vez que a escuta do segundo passador dava um ponto de viragem diferente ao testemunho, o que fez pensar que se devia escutar de novo o primeiro, para tratar de situar o que talvez não “passara” da primeira vez. Tanto nessa ocasião como em outras, mesmo sem se encontrar duas vezes com o mesmo passador, na escuta de dois passadores diferentes se introduziam matizes distintos, e quase sempre a escuta do segundo passador dava *après-coup* um viés diferente à exposição anterior. Isso põe de manifesto mais uma vez o quanto é capital escutar dois passadores acerca de um testemunho.

De todo o exposto, se deduz que o passador é a peça fundamental no dispositivo do passe. Dá-nos sua disponibilidade, seu tempo, e, depois de atuar desde sua função, cai no esquecimento. Deixa patente, em sua exposição do testemunho, que, uma vez proposto a essa função de “transmissor” pelo seu analista, por estar ele mesmo em um momento de passe, não se encontra nessa mesma transmissão protegido pela transferência. Momento que marca então, para esse passador, uma separação de seu analista nessa função. Poder-se-ia pensar que há uma passagem da transferência ao seu analista à transmissão do testemunho.

Por isso o passador tem para o cartel do passe a função do bem dizer no que transmite e no que mostra sobre aquilo que o passante não disse totalmente. Em suma, é o termo-chave da estrutura do dispositivo, porque através não apenas do que “passa”, mas também do que falha naquilo “que passa” (o real), o cartel pode ou não ter a certeza do que passou para o passante e que marca a transformação de analisante em analista, o desejo de analista e a base na qual se sustenta.

Tradução: Luís Andrade

Trinidad SANCHEZ-BIEZMA DE LANDER (Espanha)

A função de passador

Um analisante é designado passador através de uma complexa trama, primeiro seu analista (AME) que o escolhe, seguido de um sorteio. Eleições sobre as quais Lacan nos adverte: “são independentes de seu consentimento”.

Insisto sobre “independentes de seu consentimento”, pois nomear um passador é uma intervenção, uma interpretação que resgata um momento particular. Patricia Dahan o assinala claramente em seu trabalho “Sobre o vivo”, quando nos diz: “a elucidação de um sonho faz vascolear o curso de uma análise, um momento de passe em consequência do qual meu analista me nomeia passadora”. Momento particular que a nomeação pontua, diferente de uma, digamos, precipitação para concluir, e que impulsiona, relança o trabalho da questão do final de análise, tornando-a partícipe do centro vivo do dispositivo.

Este ponto, no meu entender, é importante resgatá-lo, inclusive seria interessante, se houvesse interesse de a Escola se dar o tempo para debatê-lo, pois nomear passador é nomear um momento constituinte da análise, que é um de-ser, e é também importante assinalar que é ressaltar a intervenção de um analista. É, parafraseando Danièle Silvestre em sua intervenção, uma responsabilidade e uma tarefa dos analistas da Escola situar tal momento de viragem em uma análise, que seria útil não só para uma análise particular, como também utilizável para o próprio futuro do dispositivo. Então é um momento que resgata uma viragem e uma interpretação. Nunca foi tão bem dito, um não sem o outro.

O passador passa para o centro mesmo do dispositivo, e é sob o efeito de surpresa que encontra o passe. Surpresa que não se reduz ao momento da

designação, mas que antes remete ao que não tem regras nem saber *a priori* que estabeleçam seus encontros com o que não sabe. Está sozinho com um saber em farrapos que sua análise lhe proporcionou e diante de um vazio. É uma página em branco, e é melhor que seja assim para que nela se possa escrever o testemunho justo daquele que, por supor que podia dizer algo, pegou a papeleta onde estava escrito seu nome. Um nome que assinala apenas a posição de alguém que pode escutar para além de sua singularidade, que não está preenchido por sua diferença, que não está completamente tomado por sua fantasia e, enquanto tal, pode dar um lugar, oferecer um espaço para que as palavras de outro se inscrevam, que ocorram.

Justamente isso é o que faz com que o passe não seja um procedimento de comunicação de uma informação, com frequência demasiado extensa quanto a acontecimentos históricos, irrelevantes na maioria das vezes, mas a transmissão de uma experiência que exige ser identificada em seu valor de verdade, e se for assim, constitui um obstáculo desejável a toda ilusão de exatidão ou de precisão da parte do passador.

Porque não é a verdade do passador, nem sequer a verdade que o passador pode num dado momento crer tê-la arrancado ao outro, mas a do passante, e nisso, nessa possibilidade é que deve residir sua eleição de passador, na pergunta: que tipo de sujeito pode surgir que tenha a capacidade de escutar uma voz que sendo portadora de um saber, não é o seu, que sendo portadora de um desejo, não é comum?

Lacan propõe a função àqueles que puderam produzir um testemunho justo. Seriam aqueles ainda ligados a sua própria experiência e, por conseguinte, sensíveis para acolher o testemunho a partir “do frescor de seu próprio passe”. Se espera então uma transmissão justa, que possa deixar passar o que passou, sem que tenha necessariamente uma ideia muito clara do que está transmitindo, uma difusão da música do passante que possa ser recolhida e, por sua vez, emitida para que ressoe no cartel do passe.

A música não precisa de justificação.
Ela não rompe o silêncio:
Abre-o como um fruto maduro...
A palavra, em compensação, sim, precisa de justificação,
ela incorpora ao silêncio
o estremecimento que emana do sentido...
A música começa em qualquer parte.
A palavra começa com o homem...

(Roberto Guarroz. *Séptima poesía vertical*)

Tradução: Sílvia Sobreira

CARTEL 3

Colette SEPEL (França)

Por que o passe... ?

Proponho-me a abordar o passe pelo viés do impasse e de desdobrar este procedimento no que concerne à sua prática, seu exercício, o que ele me ensinou sobre a direção do tratamento e sobre o devir transferencial. Da mesma maneira que Queneau em seus *Exercices de style* revela as possibilidades inesperadas e, portanto, divertidas da linguagem, o passe, cada passe, revela a seus diferentes protagonistas aspectos que não eram esperados e usos inesperados de sua prática. Por que precisamente um sujeito analisante ou que o foi se engaja no passe? E por que ele se engaja nesse momento preciso e não em outro? Questões que sempre me coloco e me coloquei, não importando o lugar que ocupei nesse dispositivo durante vinte anos, seja como passante, passador ou membro de um cartel. Para além das respostas adequadas que correspondem ao discursos politicamente corretos do momento ou a demanda implícita de autorização para começar a atender, existem outras mais autênticas, anunciadas explicitamente ou se inferem a partir do testemunho e podem se ordenar dessa forma: o passe para sair de um impasse, de uma aderência ou envolvimento transferenciais, ou o passe para testemunhar o fato de que nos encontramos naquilo que consideramos como o impasse final, e que nós lhe viramos as costas.

Na verdade é um impasse que leva à análise, impasse sexual, aquele da repetição pulsional e do sintoma doloroso. Mas é outro, reconhecido, assumido, aquele da não relação sexual, que faz passar a analista. Os dois não são da mesma natureza. Interessa-nos aqui apenas a natureza e o reconhecimento do último. O que a psicanálise e o psicanalista opõem então, oferecem, ao círculo vicioso, ao turbilhão infernal da repetição pulsional e do sintoma doloroso? A via da decifração do inconsciente e da associação livre. O caminho da decifração e da associação livre. Esse caminho não é real, como Freud dizia dos sonhos, ele é estranho, mas curioso no duplo sentido do termo, é um caminho tortuoso feito de torções e voltas tortuosas mesmo sem saída, enfim, de impasses sucessivos que exigirá que cada uma das partes, tanto o analisando quanto o analista, todos dois ativos na tarefa, se liberem. Caso contrário, o círculo vicioso do início pode se transformar em círculo pseudo-virtuoso na espiral sem fim da associação livre e da interpretação do sentido, e o sujeito pode se instalar por toda a eternidade em um entre-dois, onde ele não é verdadeiramente morto, nem verdadeiramente vivo! O analista também!

Em inglês, o impasse se diz *dead end*. Eu gosto dessa expressão porque, acendendo a um final, o morto (como se diz o braço morto de um rio ou o ângulo morto de uma visão), ela faz também existir a outra, a vida, e o jogo das forças

opostas de Eros e de Thanatos que se desdobram e se desencadeiam no tratamento e face a qual o analisante terá que tomar posição, mas não sem a ajuda do analista. Diante da face morta do impasse, apenas uma solução, se ele quer seguir em frente, girar para sair por onde ele tinha entrado, mas saindo mudado, tocado, não intacto: golpeado, ferido, com raiva, feliz, divertido, depende, mas sempre ensinado, caso contrário ele não o testemunhará. Uma vez saído do impasse, ele pode ainda decidir desistir da exploração ou ir mais longe, até os impasses seguintes, até aquele que ele reconhece como o último. É incumbência do analista retê-lo ou deixá-lo seguir (pensem, para aqueles que são pescadores, no fio e na bobina). Após os momentos de passe, quer dizer, os impasses sucessivos encontrados no caminho, o passe propriamente dito, ou seja, a passagem pelo impasse reconhecido como o último e ultrapassado. Reconhecido como tal não só pelo passante, mas por aqueles junto aos quais ele testemunha, através desses transmissores especiais que são os passadores. Passadores que constituem o mecanismo essencial e necessário de toda a operação. Passadores escolhidos pelo seu analista, porque eles se mantêm precisamente nessa passagem, nesse desfile delicado.

Retomemos minha questão. Por que o passe e por que em um dado momento em detrimento de outro? O que pressiona a testemunhar? A resposta a esta questão pode ajudar a diferenciar os momentos do passe e do impasse final, que, em qualquer caso, é isto que eu submeto à nossa discussão. Encontrei diferentes hipóteses.

1. Há o passe como única maneira de livrar-se da aderência transferencial até para desembaraçar-se de seu analista ou do grupo a que ele pertence. Da mesma forma, o passe para sair da desordem advinda da perda de seu analista, ou disto, por vezes diferente, que sustenta igualmente a transferência, o desaparecimento rápido ou muito precoce do ou dos sujeitos supostos saber. Portanto, fazer o passe tem um sentido e um efeito. Porque acontece que o processo permite um reinício, uma retomada da análise, com o mesmo analista ou com outro. Pode acontecer também que ele faça crescer o impulso de ir além, tenha ele sido nomeado ou não. Certos sujeitos não nomeados me disseram sobre a importância que tinha tido para eles, para além do desapontamento, a resposta muito particular do cartel que, se ele disse que sim, não disse jamais não.

2. O passe para testemunhar o prazer dessa aderência e do amor infinito pelo analista ou pela análise, todos dois idealizados.

3. Por último, o passe para testemunhar o encontro com o impasse final. Eu fui confrontada por duas vezes. Uma vez como membro de nosso cartel, e houve uma nomeação (estávamos todos os cinco convencidos). Uma outra vez como passadora. há muito tempo. Mas esse testemunho permanece vivo na minha memória e nas notas, sempre úteis, tomadas naquele tempo e sobre as quais eu me debrucei. Eu estava convencida, mas minha convicção não resultou a mesma do cartel. Por quê? Eu teria testemunhado mal, eu teria traído o passante? O cartel teria sido surdo ou descontente? Teria ele considerado a nomeação, mas retrocedido diante da aposta e o risco que isto supunha? Eu não sei e não saberei

jamais, mas todas minhas hipóteses, mesmo se elas não são exaustivas, não se excluem.

O que sei é que minhas notas continuam convincentes, convincentes do efeito da análise sobre o passante, da mudança de sua posição quanto a seu gozo. Ele veio testemunhar seis meses depois de ter terminado sua análise, decisão aceita por seu analista. Um sonho em particular tinha lhe permitido sair, e ele pensava que de forma radical e definitiva, de sua posição de sacrifício, na qual ele nunca cessou de se encontrar, tanto em sua vida familiar quanto na profissional. O testemunho se impunha no decurso dessa mudança de posição e dentro de uma leveza feliz que ela havia produzido. Ele sabia bastante sobre as vicissitudes de sua vida que ele podia reduzir a um pequeno romance, facilmente e muito rapidamente transmissível, ele podia se historisterizar-se. De um lado, algumas lembranças, inclusive um exemplo do seu confronto com o inevitável da castração, mas também o horror cativante, fascinante de sua contemplação. De outro, um esboço sobre sua fantasia na qual dominava igualmente o objeto olhar: o medo de ser descoberto, associado à necessidade de desaparecer para ser desejado. Ele podia reconhecer que disto não havia nada a ver, tampouco qualquer coisa para saber.

Mas há um, mas que só hoje me apareceu, que é sua precipitação em fazer o passe, a fazê-lo “sem perda de tempo”, para retomar sua expressão, ele não se agarrava somente à alegria disto que ele havia se apoderado, ou seja, que disto ele não havia nada mais para ver. Ele temia que isso desaparecesse, que isso lhe escapasse, que ele a esquecesse. Ele queria uma garantia sobre seu futuro que o testemunho estava suposto a lhe dar (exagero intencionalmente o traço, discreto, mas presente). A premissa da perda foi assumida, mas não escapava a dúvida sintomática desse sujeito. E eu não tenho certeza de meu dizer de então, porque há também um dizer do passador (é ele quem faz passar o dizer do passante e que convence o cartel), ponto que eu submeto à nossa elaboração conjunta, não tenha se antecipado ao seu. Compreendo, pois hoje que ele não tenha sido então nomeado.

O impasse final seria, pois aquele no qual o sujeito poderia se libertar sem receiar dessa perda. O recurso à topologia que Lacan propõe faz com que possamos apreender bem isso. A exploração da superfície do toro, do pneu, por uma série de voltas mais ou menos fechadas, a exploração da decifração, termina por se esgotar. A volta a mais, aquela que permite, se eu ousar dizer, pegar a tangente, situa-se em outro plano que põe fim aos prazeres do sentido que só é permitido pela confrontação com o fora do sentido, real, do inconsciente. Esta tangente, orientada, que não corre mais atrás do objeto de satisfação, permite mudar de lugar (e de pneu!), para se colocar à disposição, como *semblante* de objeto, de um outro que o poderá guiar em seu caminho próprio, caminho sempre tortuoso, mas sempre singular, até isto que, enfim, ele aceita de se desembaraçar, de deixar cair. É um alívio e quanta satisfação!

Enquanto tentava colocar em dia essas reflexões, surgiu a última tradução em francês do livro de Imre Kertész, *Journal de galère*, que reúne as notas do escritor tomadas nos anos 1960 até os 1990. Eu não pude ainda lê-lo! Este diário de bordo

é vivo, intelectualmente vivo. Interrogando-se sobre a função da escrita para se manter vivo enquanto outros suicidaram, ele escreve:

Restando aqui (*quer dizer aceitando a escravidão totalitária*), (*ao contrário do grande escritor húngaro Sandor Marai que se exilou nos Estados Unidos onde terminou por suicidar*), eu evitei o trágico, quer dizer, o destino, e me submeto ao cômico, a um destino estatal funcionando a esmo. (...) É possível aqui, a genialidade existencial, é possível viver sua existência única, de viver conscientemente sua vida? Esta é a questão fundamental. E eu não tenho dúvida de minha resposta: sim... é possível, à técnica romanesca da *Recusa*. Considerar as circunstâncias históricas como a matéria do momento, através da qual a existência procura um caminho: o triunfo — que coincide com a morte — não dura mais que um só instante, e este instante é a obra mesma, e este é a obra, pelo fato que, é à medida que ela cria ou, sobretudo, executa sua própria possibilidade. É isto, nada mais: chegar à possibilidade de uma obra: não a Obra, mas somente a direção a que ela conduz (como obra).⁸¹

Pode-se dizer, fazendo o pastiche de Kertesz, “que uma psicanálise é isso, nada mais”: chegar à possibilidade não de uma ilha, como Michel Houellebecq, mas de um impasse final, aquele que permite saber que finalmente não havia ali nada para ver! Isto não impede a curiosidade, afinal a menos vilã de nossos defeitos! A curiosidade do sujeito analisando permite aguentar isto que Lacan chama, servindo-se do estoicismo e de Sócrates, a apatia do analista, não do sujeito, mas da função, lugar vazio. A curiosidade plena, plena de sentido sexual do analisando, dá lugar, nesses casos em que uma análise produz um analista, ao que proponho chamar de curiosidade vazia.

9 de dezembro de 2010

Tradução: *Ângela Mucida*

⁸¹ N.R.: no original da tradução francesa: “*En restant ici [c'est-à-dire en acceptant l'esclavage totalitaire, au contraire du grand écrivain hongrois Sandor Marai qui s'est exilé aux États-Unis, où il a fini par se suicider], je me suis soustrait au tragique, c'est-à-dire au destin, et je me suis soumis au comique, à un destin étatique foisonnant de hasards [...]. La génialité existentielle est-elle possible ici, est-il possible de vivre son existence unique, de vivre consciemment sa vie ? Telle est la question fondamentale. Et je ne doute pas de ma réponse : oui... C'est la technique romanesque du Refus, c'est le monde du Refus. Considérer les circonstances historiques comme la matière du moment à travers laquelle l'existence se fraie un chemin : le triomphe — qui coïncide avec la mort — ne dure qu'un seul instant, et cet instant est l'oeuvre elle-même ; et celle-ci est oeuvre par le fait que et dans la mesure où elle crée — ou plutôt elle exécute — sa propre possibilité. C'est tout, rien de plus : arriver à la possibilité d'une oeuvre ; non pas l'OEuvre, mais seulement la route qui y mène (comme oeuvre).*” (Cf. Imre Kertész. *Journal de galère*. France: Actes Sud, 2010).

Maria Eugenia LISMAN (Espanha)

Começar a atender, autorizar-se, pedir o passe

“O analista só se historisteriza por si mesmo. Permanece a questão do que pode levar alguém, sobretudo depois de uma análise, a historisterizar-se por si mesmo”
Jacques Lacan

A epígrafe é a afirmativa de Lacan, no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, perguntando-se o que pode motivar alguém a pedir o passe.

Esta pergunta se articula à pergunta que Colette Sepel coloca em seu texto: Por que se pede o passe e por que se pede em determinado momento e não em outro? Em seu desenvolvimento, ela menciona que em alguns analisantes o que causa o passe é a demanda de autorização para instalar-se, o que não responde ao autêntico de uma demanda de passe.

Lacan evoca a instalação, em 1976, no “Prefácio” supracitado, perguntando-se se há casos nos quais há outra razão para instalar-se, mas além das vantagens que oferece o exercício da profissão de analista. Então nos fala por um lado da instalação e por outro da transferência em análise, quer dizer, o momento em que o sujeito, graças à transferência, decide historisterizar seu percurso analítico.

Minha ideia era que, em nossa comunidade analítica, a instalação do analista coloca em jogo o momento da autorização por si mesmo, momento distinto da passagem através do dispositivo do passe. Quer dizer, que passe e instalação não funcionavam como condições um do outro. Estes dois atos sempre se considerou que funcionavam separados em nossa comunidade. Por um lado, a autorização por si mesmo, articulada à análise, e por outro a historisterização dessa análise que é o ato de solicitar o passe.

Depois de haver escutado a doze passadores, o que significa haver escutado o testemunho de seis passantes e, dado o que escutei de alguns destes passantes a respeito do tema que quero abordar, restou em mim a questão sobre a articulação entre autorizar-se como analista, a historisterização da análise e o ato de instalar-se para começar a receber pacientes.

Em vários testemunhos escutados, o tema da instalação exercia um papel dominante, já que era o que causava o passe. Devo dizer que escutar isso nos testemunhos me causou um efeito de surpresa.

A experiência prática da escuta de alguns destes testemunhos tem me feito ver que a questão da articulação instalação-passe não funciona exatamente como eu pensava, pelo menos para alguns membros de nossa comunidade.

À afirmação que tantas vezes ouvi de que ninguém se propõe como passante se não está instalado como praticante e longe do fim da análise, posso opor a

manifestação de alguns passantes que expressaram em seus testemunhos exatamente o contrário. Apesar de não ser o passe que autoriza a instalação nem o contrário, a instalação é condição para o passe, alguns passantes em seus testemunhos pediam autorização ao dispositivo do passe para começar a sua prática como analista.

De cada testemunho, cumpram-se ou não certas expectativas, pode-se tirar uma lição, mesmo quando faz do passe um dispositivo que responda, algo da ordem do imaginário, como seria a da autorização a instalar-se como analista.

Colette Sepel escreve que há um dizer do passador, e certamente há.

A escuta do testemunho sem dúvida tem um efeito no passador, em função de sua própria experiência de análise e sua posição perante o passante. O fato de ser uma “placa sensível”, como indica Lacan como deveria ser o passador, implica uma espessura no filtro do testemunho, justamente o que fará passar. Isto é o que se deve esperar do passador, e é o que quer dizer que o passador está à altura de sua função. O cartel deve reconhecer no dizer do passador se este está à altura e se foi possível realizar a sua função. É função do cartel identificar se os possíveis efeitos imaginários do passante sobre o passador obstruíram de alguma maneira a transmissão do testemunho.

Em nosso Cartel nos encontramos com diferentes estilos de passador, um deles não podia disfarçar sua raiva e aborrecimento, porque o testemunho não atendia às suas expectativas, transmitindo de alguma maneira que ter escutado esse testemunho havia significado uma perda de tempo. Nada mais distante do que se espera de um passador.

Alguns testemunhos nos ensinam que a precipitação da demanda de passe evidencia que se pede ao mesmo uma solução não alcançada na análise. A resposta do cartel nestas situações é muito importante. Deve oferecer ao passante a possibilidade de uma interlocução com algum de seus membros que poderá orientá-lo na revisão de algumas questões. Algumas dessas conversas têm possibilitado a surgimento de uma nova trama de análise.

Ao escutar determinados testemunhos e certos dizeres dos passadores, perguntava-me se alguns passantes não subestimavam a importância do passe. Agora, no *après-coup*, considero que não se tratava de dar-lhe ou não a importância que merece, mas de como se tratam de resolver os diferentes impasses e questões que surgem na análise a partir de cada estrutura e de cada percurso analítico.

É importante recordar que nem sempre os passes que escutamos dão conta de um impasse de final de análise, da qual o passante está testemunhando. Duas vezes, uma como passadora e a outra como membro do cartel do passe, pude escutar a historização de suas análises por parte dos passantes, e em um destes testemunhos pude cingir algo do impasse do final.

O dicionário *Larousse* dá a seguinte definição de impasse: *situação crítica em que um assunto não progride.*

Algo que já não progride porque se deteve. No caso do impasse do final de análise se poderia pensar como algo que não vai mais, o qual produz efeitos no sujeito que transcorreu a sua análise. Pode-se pensar o passe como uma forma de ir

mais além deste fim, deste momento de detenção como final. Este ir mais além consiste em um trabalho de articular, elaborar, formalizar o saber não sabido, o indizível, em um saber transmissível. Seria o passe para testemunhar sobre esse impasse último do final de análise. Questão bem diferente a tentar resolver outros impasses da análise, que não são os do final, através do passe.

A pergunta “O Passe para quem?” continua aberta, o Passe ideal não existe, nem tampouco o momento ideal para solicitá-lo.

Cada sujeito desde sua estrutura tenta fazer progredir o impasse, a situação crítica que se enfrenta na análise. Em alguns, a função da pressa, um certo desconhecimento sobre o que é o passe, os precipita a solicitá-lo. O resultado não é, às vezes, o que se espera de um testemunho, mas há modelos que se pode esperar para os testemunhos? No dispositivo do passe se põem em jogo a singularidade do passador, assim como a singularidade do percurso analítico do passante. Cada testemunho, portanto, responderá à convergência dessas singularidades, o que fará com que cada passe se inscreva em cada membro do cartel do passe como uma experiência única e que não se repete.

Tradução: Gracia Azevedo

Florencia FARIAS (Espanha)

Resposta à Colette Sepel

Por que alguém que efetivamente terminou sua análise desejaria compartilhar com outros sua experiência de análise? Perguntas que fazem série com aquelas que Colette Sepel estabelece em seu texto *Por que o passe?* Por que uma demanda de passe se faz em um momento preciso e não em outro? Fazer o pedido do passe implica por si uma demanda, mas, de que tipo de demanda se trata?

Em primeiro lugar é necessário diferenciá-la de uma demanda neurótica. Ao longo da análise o sujeito vai se confrontando com demandas variadas que perdem consistência e caem. O sujeito finalmente descobre que a série de suas demandas está comandada por uma pulsão que ele ignora.

Podemos pensar que uma “verdadeira” demanda de passe implica em si mesma um ato, aquele que está sempre a cargo do sujeito, e que há algumas demandas que não podem ser consideradas atos, mas sim passagens ao ato ou *actings out*. Ato que novamente implica transpor um umbral. Pode-se cruzar ou não cruzar o Rubicão; talvez por isso, na “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, Lacan afirma: “Quando alguém se assume como analista, só ele mesmo pode fazê-lo... é livre nessa espécie de inauguração, é livre em vir a confiar-se a gente que está no mesmo ponto que ele... também pode não fazê-lo”.

Demandar o passe é apostar que o desejo seja verificável. Por que esta verificação deve passar pelo cartel? O analista, efetivamente, só se autoriza de si

mesmo, mas seu ato não tem somente o poder de verificar o desejo que o anima, e esta verificação é, então, incumbência do cartel. É sem dúvida a possibilidade desta transmissão que pode incitar a pedir o passe. Entretanto, há outras razões pelas quais esta demanda pode ser efetuada.

Compartilho o que Colette Sepel propõe: o passe pode ser um meio que o analisante se dá para sair-se de um impasse transferencial, que este seja um impasse de percurso ou bem seja reconhecido como o último impasse.

Impasses que tomam diferentes formas, o que não implica que não tenha havido efeitos terapêuticos.

O cartel pode se deixar ensinar pelos impasses, aprende-se tanto como de experiências bem sucedidas.

Enumerarei diferentes impasses pelos quais um analisante pode pedir o passe:

1 – Não é raro constatar que o impasse está correlacionado a uma modalidade de saída do tratamento.

Aquele passante que espera do passe efeitos de verdade com a finalidade de renovar uma elaboração de um saber deixado em suspenso. Espera-se que tenha efeitos sobre a inércia do gozo. Em outros, para liberar-se de algum modo de seu analista. Aqui a demanda é que o cartel responda à pergunta “quem sou?, pois é o ser do analisante o que ficou em espera. Ou bem que o analista deixado retorne como suporte de identificação. Nestes casos não se pode esperar um novo sujeito suposto ao saber, desta vez posto no cartel do passe, já que isto dá conta de uma espécie de continuação de sua análise, forma de voltar a estabelecer esse lugar, não mais com seu analista, senão com o cartel.

2 – Para outros, o passe opera como uma demanda de reconhecimento, demanda de amor, de segurança, seu dizer não está separado do assujeitamento à demanda do Outro. Se, então, se espera receber do Outro sua própria consistência, não há nenhuma possibilidade de passe. O Outro da demanda do passe é o Outro da incompletude e da inconsistência. Uma análise terminada pode permitir ao sujeito notar a matriz de sua fantasia, entretanto esse Outro ficou incólume.

3 – Há também a demanda dirigida ao cartel de uma autorização de se começar a exercer a prática analítica, a qual seria um pedido legítimo caso se tratasse de poder autenticar sua passagem a analista graças à nomeação de AE, verificar “o desejo do analista”.

Lacan esclarece que “o autorizar-se de si mesmo suporta uma decisão que jamais se toma isolada, mas sim equivale a um autorizar-se de si mesmo e alguns outros”.

Entretanto, encontramos-nos com passantes os quais mais que uma verificação, era uma necessidade de que o Outro reconhecesse que se está em condições de dirigir um tratamento, por eles duvidarem de poder fazê-lo. Em algumas dessas demandas se transluzia um total desconhecimento do dispositivo do passe e de sua função, e o pedido era um simples meio de entrar na Escola.

4 – Outros passantes que no dispositivo do passe encontravam um lugar propício para o testemunho enquanto tal a fim de dar conta de seu ser. São

testemunhos que nos ensinam tudo sobre o que uma análise pode beneficiar sujeitos atormentados por um terrível sofrimento e que nos mostram as notáveis modificações que puderam obter e a forma em que seu gozo pode limitar-se.

São demandas de passe, que pela particularidade de sua estrutura psíquica, lhes resulta “tentador” o passe para serem escutados e contar sua novela familiar, mais que desejar testemunhar sobre o fim de análise no qual seja possível ler o surgimento do desejo do analista.

O que nos mostra a necessidade de seguir debatendo qual é a função do secretariado que acolhe os pedidos de passe. Todos devem ser recebidos? Até aqueles que apresentam laços frágeis com a Escola? Também aqueles nos quais se escuta que, apesar da análise deste sujeito lhe ter propiciado grandes benefícios, o pedido está regido mais pelas particularidades de sua estrutura?

Apesar de estar de acordo com que todo testemunho, tanto os que são nominados, como os que não o são, deixam um saldo de experiência e saber, considero que é necessário realizar uma admissão dessas demandas com critérios muito claros que permitam elucidar o verdadeiro motivo desse pedido. Verificar qual é sua relação ao Outro e ao saber e quando for necessário autorizar-se a reorientar a demanda e evitar por em marcha todo o dispositivo do passe. Dispositivo que implica múltiplas e complexas variáveis por ser internacional: viagens, considerar as compatibilidades etc.

Desde já não estou propondo que o secretariado deva realizar o trabalho do cartel do passe! É a ele a quem corresponde avaliar, entre muitas outras variáveis, se é uma demanda que se origina em um “desejo inédito”, desejo do analista como afirma Lacan.

A resposta do cartel à demanda de passe implica uma decisão, os testemunhos recebidos trazem a marca do passador, quem deve interpretar os dados que lhe são apresentados; é necessário encontrar indícios do próprio desse sujeito, de suas marcas.

Muitas são as contingências pelas quais pode não se constatar esse desejo. Agora, bem, a possibilidade de ressonância depende, fundamentalmente, do testemunho do passante e do que o passador fez com isso.

Em uma verdadeira demanda de passe, então, é possível desdobrar a lógica da neurose, a que é impossível de separar do tratamento que permitiu a resolução do enigma da neurose, como se realizaram as viradas e como emergiu o desejo do psicanalista.

Os testemunhos em que se produz a nomeação são construídos sobre a base do esquecimento e no ato de sobrepor-se aos impasses mesmos do relato que dão conta dos pontos de impossibilidade: um testemunho sem esquecimentos e sem falhas, mais que um testemunho, soa um exame.

O que se põe em jogo no passe é o que resta uma vez finalizada a análise, o que fica por fora de tal experiência. O que resta como incurável.

Dezembro d 2010

Tradução: Ana Paula Gianesi

Jean-Pierre DRAPIER (França)

Resposta à Colette Sepel

Cara Colette,

Aquilo que eu muito apreciei na leitura do seu texto foi a clareza e a luz que ele traz para a clínica do passe. Além disso, o texto me provocou o desejo de perseguir a metáfora, e isso em relação a dois temas em questão: o impasse e o passador.

I-Impasse ou passe

Que visava Lacan com o passe? Um testemunho, a despejar no bebedouro epistêmico comum a uma comunidade de trabalho, sobre aquilo que se fazia, para um sujeito, a passagem para analista. Ou seja, o que se podia reconhecer, nesse sujeito, da emergência do desejo do analista. Ora, o desejo do analista é outra diferente do consentimento em fazer função de objeto *a* para um outro, o analisante, objeto causa do desejo, como objeto rebotalho, objeto a rejeitar?

Isso passa pela visão do que é para ele esse objeto na análise e, portanto, da visão do lugar que ocupa seu analista como semblante do objeto. Você situa em série, de uma forma muito precisa, as ocorrências nas demandas de passes em torno da relação com o objeto: “libertar-se da colagem transferencial”, ou seja, de estar colado ao objeto, “sair da desordem” da perda do objeto, “testemunhar da delícia dessa colagem”, “testemunhar o impasse final”.

E aí eu te proporia outra metáfora, pois a do impasse me incomoda. Incomoda no sentido em que implica, para poder sair dele, em um retrocesso, enquanto a saída ocorre, de preferência, pelo alto ou, pelo menos, através de uma passagem estreita. Eu preferiria prender-me, em particular, ao caso que nomeamos AE, a passante, a metáfora marítima: o passe torna-se uma urgência subjetiva quando a frágil embarcação do tratamento se encontra muito próxima de duas margens sobre as quais pode se chocar:

- a margem da análise infinita, ou, como você diz “o sujeito se instala para a eternidade em um entre-dois onde ele não está nem verdadeiramente morto nem verdadeiramente vivo.”

- a margem da brutal interrupção, da fuga, da renúncia.

Esse passe, no sentido marítimo, pode então ser um mau passe e é lá que intervém o passe como procedimento: por uma visão extremamente projetada, no *a posteriori* e coletivizada de sua análise, escolher para ou esquivar-se do fracasso e da colagem ou o tumulto da brutal interrupção.

II- O passador e a passagem

Você escreve, aliás, sobre sua experiência de passador: “e eu não estou certa; que meu dizer então, porque há também um dizer do passador, já que eu submeto igualmente a nossa elaboração comum, não é antecipado sobre o dele.”

Isto despertou em mim a lembrança de uma entrevista de Claro, tradutor bem conhecido a respeito do seu trabalho: “Há vários tipos de tradutores (...) Mais que passadores, diria eu, somos peneiras. Colocam-se coisas no seu interior, decantam-se, escorre-se e se faz outro prato (...) Emmanuel Hocquard o diz com muita precisão: eu não traduzo, eu escrevo traduções.”

O passe, com esse procedimento, passante/passador/cartel é justamente isso: o cartel não come do prato do passante, mas do passador, o cartel não lê o texto do passante, mas a escrita da tradução dos passadores. O que às vezes não é surpresa quando não se trata mais de escrita de uma tradução, mas da escrita de um texto próprio do passador. Não raro, é preciso dizer, a maior parte dos passadores prefere optar por “ficar 90 % fiel ao texto”, o que para Claro é a marca de um bom tradutor. Ele completa assim: “A fidelidade não significa que é preciso ficar colado ao texto. Ela consiste em reencontrar o gatilho, ou seja, o que motivou o autor a escrever o livro (...)” Nesse caso que nomeamos, é disso que se trata: a passante fez passar via *le rêve de la ratte*, aos passadores, o gatilho que motivou ao passe. Gatilho que chegou ao cartel com sinal de um real pulsional, atualizado pela análise.

Eis então algumas ideias que mereceriam desenvolvimentos mais amplos, mas o tempo urge e esta resposta não pode tardar.

Um abraço.

Jean Pierre

Tradução: Bela Malvina Szajdenfisz

Próximos eventos

3º Encontro internacional da Escola

Este encontro foi decidido em 2010 pelo CAOE 2008-2010 acontecerá em Paris dias **8, 9 e 10 de dezembro de 2011**.

Ele dará lugar às jornadas anuais da EPFCL-França.

Ele acontecerá em três dias e será organizado pela CAOE 2010-2012 junto com o Conselho de orientação da EPFCL-França.

Título estabelecido pela assembleia da Escola em Roma: *A análise, fins e consequências*.

7º Encontro internacional da IF-EPFCL

Ele acontecerá no Rio de Janeiro dias **6, 7 e 8 de julho de 2012**.

As assembleias da Escola e da IF acontecerão dia 9 de julho.

Título estabelecido na assembleia da IF em Rome:

O que responde o psicanalista? Ética e clínica.

Carta de Sonia Alberti, presidente do 7º Encontro internacional da IF-EPFCL:

Caros Colegas,

Inicialmente gostaríamos de agradecer a todos aqueles que puderam se inscrever no VII Encontro Internacional da IF-EPFCL nesse primeiro momento, o que certamente auxilia em muito nosso trabalho! Já passamos da marca de 100 inscrições!

Agradecemos também aos Fóruns do Campo Lacaniano que já indicaram os nomes das pessoas de contato de cada FCL junto à equipe da Comissão de Divulgação em interlocução com esses representantes: Vera Pollo verapollo8@gmail.com e Sonia Borges sxborges@uol.com.br.

Conforme originalmente anunciado, o preço das inscrições de R\$ 380,00 (trezentos e oitenta reais) ou € 170,00 (cento e setenta euros) foi mantido até o dia 31 de março de 2011. Dia 10 de julho é a data final para o pagamento da segunda parcela da reserva do local do Encontro e precisamos de fundos para fazer frente a essa exigência. Assim, agradecemos também a todos que puderem se inscrever até lá!

A partir de 1º de abril de 2011 até o dia 30 de junho de 2011, o preço de cada inscrição é de R\$ 570,00 (quinhentos e setenta reais), a serem pagos em 5x de R\$ 114,00 (cinco parcelas de cento e quatorze reais). Tal parcelamento só pode ser feito para inscrições no Brasil, pois será via boleto bancário. Para solicitar os boletos bancários, favor entrar em contato com a Secretaria do Encontro: rio2012ifepfcl@gmail.com. A primeira parcela terá que ser paga até o dia 30 de junho, valendo para tal o carimbo bancário. Caso sua solicitação de boleto não for imediatamente respondida, favor repeti-la até a obtenção da resposta!

Também será possível pagar a vista, com um desconto de 12%. Nesse caso, o valor das inscrições se manterá do dia 1º de abril até o dia 31 de julho de 2011 e é de R\$ 500,00 (quinhentos reais) ou € 220,00 (duzentos e vinte euros). Qualquer inscrição entre os dias 30 de junho e 31 de julho de 2011 somente poderá ser feita a vista. A conta que abrimos para o VII Encontro da IF-EPFCL é:

Ao fazer o depósito, solicitamos que seja enviada imediatamente cópia da ficha de inscrição e do comprovante do depósito para o fax: (21) 2286.9225 ou para o *e-mail*: rio2012ifepfcl@gmail.com e lembramos da necessidade de se apresentar os originais de tais documentos no momento da solicitação dos credenciais, dia 6 de julho de 2012.

Estamos tentando disponibilizar inscrições com cartões Visa e Mastercard e esperamos que tal possibilidade se abra a partir do dia 1º de agosto de 2011, quando uma nova virada de preços for definida. O parcelamento do pagamento das inscrições, então, será decidido conforme avançarem as negociações.

Para todo depósito bancário no valor promocional de R\$ 380,00 até o dia 31 de março de 2011, favor utilizar a conta bancária da AFCL:

enviar o comprovante com a data atestada pelo banco, acompanhado da ficha de inscrição, para o fax: (21)2286.9225 ou para o e-mail: rio2012ifepfcl@gmail.com discriminando que o depósito é referente à inscrição no VII Encontro Internacional da IF-EPFCL.

Valor das inscrições:

<u>Até 31/03/2011</u>	<u>De 01/04 a 31/07/2011</u>
R\$ 380,00 ou € 170,00	R\$ 500,00 ou € 220,00

Esperamos vocês para debater o que o analista responde tanto com sua ética – ao mal-estar na civilização científico-capitalista –, quanto com sua clínica – ao sofredor polimedicado e intoxicado pelas doenças dos discursos, e voltamos a agradecer a participação ativa, de cada membro da IF | EPFCL, na divulgação do Evento.

Cordialmente,

Sonia Alberti
Presidente do VII Encontro da IF | EPFCL

Comissão de Organização:

Presidente: Sonia Alberti sonialberti@gmail.com

Coordenação da Comissão Científica: Antonio Quinet quinet@openlink.com.br

Comissão de organização dos eventos preparatórios: Maria Anita Carneiro Ribeiro

Tesouraria: Maria Helena Martinho mhmartinho@yahoo.com.br

Secretaria: Rosanne Grippi rogrippi@yahoo.com.br e Rosane Melo: rosanebm@yahoo.com.br

Comissão de Interlocução: Vera Pollo verapollo8@gmail.com, Sonia Borges sxborges@uol.com.br

Coordenação de Divulgação: Vera Pollo verapollo8@gmail.com, Sonia Borges sxborges@uol.com.br, Rosane Melo rosanebm@yahoo.com.br e Elvina Lessa elvina@uol.com.br

Coordenação da Comissão Social: Elisabeth da Rocha Miranda bethrm@uol.com.br e Maria Pinto: mariapinto71@hotmail.com

Coordenação da Comissão de Patrocínio: Adriana Dias Bastos: adrianadab@gmail.com, Renata Espiúca: renataespiuca@hotmail.com e Luciana Torres: luciana@transitionrh.com.br

Diretoria da EPFCL-Brasil (2010-2012):

Ana Laura Prates (Diretora Geral) analauprates@terra.com.br

Sandra Berta (Secretária) bertas@uol.com.br

Beatriz Oliveira (Tesoureira) biaoliv@uol.com.br

Sumário

Editorial	1
Segundo Encontro internacional da Escola. Roma, julho de 2010	
1ª sequência	
Pascale Leray (França), <i>O real depois do passe</i>	3
Mario Brito (Venezuela), <i>Passe o que passa</i>	8
Florencia Farias (Argentina), <i>Sonhos do analisante, sonhos do passante</i>	13
2ª sequência	
Marcelo Mazzuca (Argentina), <i>O Inconsciente revisor</i>	18
Patricia Dahan (França), <i>O sem sentido da interpretação</i>	23
Colette Soler (França), <i>Colocar o real no seu lugar</i>	27
3ª sequência	
Cora Aguerre (Espanha), <i>Fim de análise, passe e Escola</i>	31
Elisabete Thamer (França), <i>O passe não-todo: a prova do passador</i>	36
Michel Bousseyroux (França), <i>A rolha do real e desempedimento da análise</i>	40
4ª sequência	
Carmelo Sierra Lopez (Espanha), <i>O tempo de experiência como passador e suas consequências</i>	44
Maria Luisa Rodriguez Sant'Ana (Brasil), <i>Um saber sem sujeito suposto</i>	48
Contribuições dos cartéis do passe 2008-2010	
Cartel 1	
Colette Soler, <i>Estilos de passe</i>	52
Jacques Adam, <i>O passe, presença do Inconsciente</i>	58
Antonio Quinet, <i>A satisfação do final de análise</i>	60
Martine Menès, <i>Posição do passador</i>	65
Sol Aparicio, <i>Verificar um desejo</i>	67
José Monceny, <i>Sobre a certeza do fim</i>	69
Cartel 2	
Danièle Silvestre, <i>Considerações sobre o passador</i>	72
Clotilde Pascual, <i>Réplica ao texto de Danièle Silvestre</i>	73
Trinidad Sanchez-Biezma de Lander, <i>A função de passador</i>	75
Cartel 3	
Colette Sepel, <i>Por que o passe... ?</i>	77
Maria Eugenia Lisman, <i>Começar a atender, autorizar-se, pedir o passe</i>	81
Florencia Farias, <i>Resposta à Colette Sepel</i>	83
Jean-Pierre Drapier, <i>Resposta à Colette Sepel</i>	86
Próximos eventos	88

Wunsch 10 foi editado pelo CAOE 2008-2010

composto por :

Florencia FARIAS

Jose MONSENY

Antonio QUINET

Colette SOLER

Edição brasileira: Rosanne Grippi